This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

585
.L85
1897
V.2

BUHR A

a39015 01815393 5b

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
LIBRARIES
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES · SCIENTIA · VERITAS
1817

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*
Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

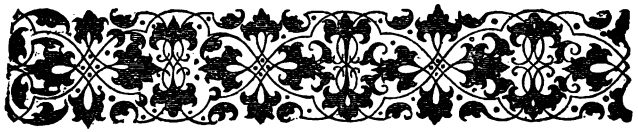
POR

Fernão Lopes

VOL. II

ESCRIPTORIO
147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147
LISBOA
—
1897

DP
585
.L85
1897
v. 2



GL
GL
V.Beethoven
11-5-70
853684-196
add ref.

CAPITULO LXX

Como foram filhados os navios de pescado que vinham de Galliza.

COMEÇANDO-SE esta nova guerra entre portuguezes e com portuguezes, além da que haviam com castellãos, estando o Mestre em Lisboa, como dissemos, uma segunda feira pela manhã, 1.º dia de fevereiro da sobredita era, pareceu pela foz, na entrada do rio, uma galé de Castella e cinco baxins e uma grande nau, com tempo contrairo. Pousaram os baxins áquem de Restello mais de uma legua, entre Oeiras e Santa Catharina, grande espaço os baxins.

O Mestre soube parte como alguns d'estes navios eram de Galliza, carregados de farinha e mantimentos, que vinham pera a frota dos castellãos, cuidando que jazia já sobre a cidade; outros iam carregados de pescados seccos, pera Aragão. E, sendo certo que todos eram de seus imigos, fez logo fazer prestes duas galés e duas naus e tres barcas,

e foram prestes fornecidos d'armas e companhas em dois dias.

E estes navios que assim pousaram não pensaram receber damno dos da cidade, tendo que o cuidado de se perceberem do cerco que esperavam era tão grande que este lhe dava assaz que cuidar, e não ter d'outras cousas sentido. E foi assim que ante manhã se velarem as naus e barcas dos portuguezes contra aquelles navios. A galé de Castella, como viu as galés e as outras velas ir d'aquella maneira deixou as ancoras e fugiu e foi-se, e os navios foram filhados todos e trazidos ante a cidade, sem mais pelejarem, que lhe não cumpria.

A nau de duzentos toneis, nova e bem fornecida, de um judeu que chamavam D. David da Cunha, quando viu o que se fazia, desferiu, posto que tempo azado não houvesse, não quiz sahir pela carreira de Alcaçova e metteu vela contra vento quanto poude. As galés iam a geito da terra, e uma nau e duas barcas as seguiam, sendo no mar grande levadia por o vento, que era forçoso. E porque levara grande espaço ante ellas já desesperavam de a alcançar.

O Mestre estava em seus paços e muitos da cidade com elle, olhando, e quando viu a grande avantage que a nau de Galliza levava ante as suas disse aos que eram presente: «Sahir-se aquella! E elle em dizendo aquellas palavras, o lais da verga, que são até tres braças de uma das partes, aconteceu de quebrar, por cujo azo lhe foi forçado amainar. E d'esta guiza a cobraram os portuguezes, sem mais peleja nem ferida que alguem houvesse.

Grande foi o prazer que o Mestre e todos houveram por este bom aquecimento, maiormente em

tempo que lhe tanto fazia mister, ca em estes navios foi achado muito pescado secco de pescadas, congros e polvos, sardinhas de fumo e de pilha, e muita farinha e outros mantimentos.

Onde sabei que, não embargando que geral officio fosse a todos prover e azar qualquer commum proveito que cada um sentia pera a cidade, que d'elles houve hi, porém, taes de que se assenhoreou tanto a cobiça, que ligeiramente lhe fez outhorgar nos corações requerer e demandar ao Mestre que lhe vendesse aquelle pescado, pera o levarem fóra do reino, pelo grande ganho que n'elle sentiam, mostrando que era muito seu serviço e proveito, com uma apparencia de palavras todas imigas da prol communal.

O Mestre, em que não fallecia mas antes eram em elle avondoza discrição e juizo, disse que nenhum lhe fallasse em tal cousa, ca elle entendia que se lhe encaminhara aquello por dar a todos boa quaresma, que se então chegava, e que aquelles moradores que lhe por cobiça de ganho requerimento faziam, bem mostravam que pouco sabiam do bem do povo e de sua defensão, em tempo que o mister tanto haviam pera seu mantimento e outras necessidades.

E assim foi que com aquelle pescado foi a cidade farta, e em boa avondança, e pagava aos fidalgos ás outras gentes o soldo em elle, de que a el-rei de Castella muito desaprouve quando o soube em Santarem.

CAPTULO LXXI

Como o conde de Mayorcas mandou desafiar o Mestre, e como Nuno Alvares respondeu a elle.

Entre os senhores que com el-rei vinham, era um d'elles o conde de Mayorcas, D. Pedralvarez de Lara, filho bastardo de D. João Nunes de Lara. Este era um mui grande homem d'armas, e mui afamado cavalleiro e bem ardido.

E ora aqui dizem alguns, contando os feitos de Nuno Alvares em seu louvor, que estando elle com o Mestre em Lisboa, e ouvindo a fama d'este conde e quanto era pera muito, cuidou de o mandar requestar, pera se matar com elle trinta por trinta, e que pedira licença ao Mestre, lembrando-lhe as razões porque se a ello movia; e que o Mestre lh'o outhorgou, e que Nuno Alvares mandou desafiar o conde e elle recebeu sua requesta e que foi assignado o logar e dia, e prestes Nuno Alvares pera ello; e que vendo o Mestre, depois de feito, os trabalhos que se recresciam, que lhe defendeu que o não fizesse, e portanto se não poz sua requesta em obra.

Mas outro historiador, cujo falamento nos parece mais arrazoado, conta esta historia muito d'outra guisa, e de seu escrever nos praz mais: dizendo que um Jogral que chamavam Anequim, que viveu com el-rei D. Fernando e ficara com a rainha D. Leonor, ia muitas vezes ás casas onde el-rei de Castella pousava; e tinha de costume chamar compadre

a qualquer que conhecia, e assim chamavam os outros a elle; e, como tinha em usança d'andar por casa dos senhores, disse um dia que queria ir a Lisboa, por vêr o Mestre d'Aviz e folgar com elle.

O conde de Mayorcas, quando isto ouviu, chamou-o entonce e disse-lhe:

— «Compadre, dizem-me que te vaes a Lisboa.»

— «Sím, disse elle, lá quero chegar para vêr o Mestre».

— «Pois rogo-te, disse o conde, que me faças esta graça: que digas ao Mestre que, se elle nega que não faz treição e maldade em alvoroçar este reino e se querer assenhorear d'elle, o qual de direito o é de meu senhor el-rei e de sua mulher, que eu lhe porei o corpo sobre ello e lh'o farei conhecer. E rogo-te que lh'o digas todavia.»

Anequim disse que lhe promettia de lh'o dizer, e de lhe trazer a resposta.

E foi assim que elle chegou a Lisboa, e falando ao Mestre disse-lhe esta embaixada do conde; e, acabando elle de dizer, Nuno Alvares, que presente estava, antes que o Mestre nenhuma cousa falasse, respondeu a Anequim e disse:

— «Meu senhor e Mestre não é razão que lhe ponha o corpo, mas sobre essa tenção que elle diz eu lh'o quero poer de mui boamente. E se elle negar que o Mestre meu senhor, e nós outros portuguezes com elle, não fazemos justa guerra por defensão de nossos corpos e haveres, e que el-rei de Castella, mal e como não deve, entrou em este reino antes do tempo que deve, britando os trautos que era teudo de guardar por a qual razão perdeu em elle todo quanto direito tinha, e que por isso o

reino pertence ao Mestre meu senhor, que aqui está, como filho d'el-rei D. Pedro que é, que eu me porei sobre ello e lh'o farei conhecer, quer um por um, ou dois por dois, ou quantos elle quizer. E rogo-te que assim lh'o digas.»

E falaram entonce em outras coisas, e d'ahi a poucos dias partiu Anequim pera Santarem, e o conde lhe perguntou se dissera sua intenção ao Mestre; e elle disse que sim, e a resposta que Nuno Alvares dera a ella.

— «Quem é esse Nuno Alvares?, disse o conde.

— «Senhor, disse elle, um irmão de D. Pedralvares, priol do Crato.»

— «Não sei, disse o conde, que homem é, nem conheço nem curo d'outrem senão da pessoa do Mestre, nem porei o corpo senão a elle; que quanto aos padres, da linhagem dos reis vimos, e da parte da madre ambos somos bastardos; pois, se m'o elle poer não quer, por outrem não entendo entrar em campo, nem lhe poer o corpo sobre esto.

Em este comenos, provendo o Mestre o que cedo esperava de ser, como el-rei de Castella foi em Santarem e elle se partiu de Alemquer pera Lisboa, mandou recolher pera a cidade todos os moradores do campo, com os mantimentos que levar podessem; e elles, trigosamente, com receio dos castellãos, que lhe diziam que já corriam a terra, partiram-se com as mulheres e filhos, e com os gados e bestas e cousas que levar podiam, e vinham-se pera Lisboa; e outros se passavam além do rio, a Riba-Tejo, por buscar segurança a sua vida, segundo cada um melhor entendia. Oh! que dorida cousa era de esguardar vêr, de dia e de noite, tan-

tos homens e mulheres vir a manadas pera a cidade, com os filhos nos braços e pela mão, e os paes com outros ao pescoço, e suas bestas carregadas de alfaias e cousas que trazer podiam!

E assim se recolhiam de todo o termo pera a cidade todos os moradores de redor, antes que el-rei de Castella viesse.

CAPITULO LXXII.

Como Nuno Alvares foi atravez de Cintra, á forragem, e alguns capitães de Castella chegaram ao Lumiar.

Porque entendia que umas cousas que lhe mui necessarias eram, pois cercado havia de ser, era avondança de mantimentos, ordenou, antes que el-rei de Castella viesse, de mandar gentes á forragem, aos logares que não tinham sua voz, por abastecer a cidade de viandas o mais que se fazer podesse, e mandou a Nuno Alvares que se fosse, pera trazerem de seu termo alguns mantimentos, e com elle até trezentas lanças de escudeiros e cidadãos e poucos homens de pé, estando entonce em Cintra o conde D. Henrique, e gentes com que a bem podia defender, que tinham voz por el-rei de Castella.

Correu Nuno Alvares a terra toda, sem achar nenhum que o torvasse, e apanhou muitos mantimentos de gados e trigo e outras cousas de comer, de que carregavam assaz azemolas, de que já iam

percebidos pera isso; e nenhum sahiu do logar fóra, que trabalhasse de lh'o tolher.

A el-rei de Castella, que em Santarem estava, havia muito pouco que viera D. Pedro Fernandez Cabeça de Vacca, mestre de S. Thiago, e Pedro Fernandes Valhasco, seu camareiro-mór, e Pedro Rodriguez Sarmento, adeantado-mór de Galliza; e com elles mandou mil lanças de bons homens d'armas, que chegassem até começo de Lisboa, pera fazer começo de cerco, e não consentissem aos da cidade que se estendessem pela terra a fazer damno nenhum.

E, na noite seguinte que Nuno Alvares partiu de Cintra com sua cavalgada, chegou recado que aquellas gentes estavam em Alemquer e queriam vir sobre elle, pela qual razão se partiram logo alguns de sua companhia e se vieram á cidade; e os que ficaram, no dia seguinte, lhe diziam que se partisse á pressa e não attendesse ali aquellas gentes. Mas Nuno Alvares não o quiz assim fazer, nem curou de quanto diziam, e veiu-se muito passo e de vagar com sua cavalgada, e no caminho, muito contra vontade de todos, aguardou até meio dia se vinham os castellãos, pera lhe poer a praça.

O Mestre em Lisboa estava quando soube d'esto parte; mandou-lhe em ajuda Ruy Pereira, tio de Nuno Alvares, com cento e cincoenta lanças, e depois que foi tarde, vendo que os castellãos não vinham a elles, vieram-se pera a cidade com tudo aquello que traziam, e foram do Mestre muito bem recebidos.

Aquelles capitães de Castella, que dissemos, vinham com suas gentes pera encalçar Nuno Alvares e lhe tomar a preza que fizera, e porque havia um

dia que Nuno Alvares era na cidade, pozeram-se no Lumiar e pelas aldeias de redor, sem irem mais por deante. E foi isto aos oito dias do mez de fevereiro já nomeado.

CAPITUO LXXIII

Como o Mestre teve ordenado d'ir a Santarem pelejar com el-rei de Castella, e porque azo se não fez.

Já dissemos como el-rei de Castella, quando veiu a Santarem, foram aposentados todos os seus pela villa, com pessoas grandes e means e de pequena condição, em guisa que não havia nenhum no logar com que não pouzassem; e logo no começo do seu aposentamento começaram de ter boa maneira com os hospedes. Depois por dias, começaram de se assenhorear d'elles, fazendo lhe tantas sem razões e desmesuras que todos se tinham por aggravados, cá elles filhavam a seus donos o que tinham, e tiravam dois e tres visinhos de suas casas e faziam-n'os pousar em outra parte e colher todos em uma casa; e não lhe leixavam tirar nenhuma cousa, nem roupa de cama pera dormir, salvo a que traziam vestida.

Outros lançavam fóra de casa, e ficavam elles com a mulher e dormiam-lhe com ella, e outros o faziam perante os seus olhos, mal que lhe pezasse, dizendo que quanto tinham tudo era seu e d'elles nenhuma cousa; e doestando-os de torpes e más

palavras, dizendo-lhe assaz deshonras e lastimas; e se algum queria falar ou responder logo mostravam que o queriam matar.

E a outros ligavam de pés e mãos, e assim os tinham toda a noite; e outros não ousavam de sahir fóra de suas casas, pera nenhum logar, sem alvará; d'outra guisa, logo eram presos e maltratados, em tanto, que muitos desamparavam quanto tinham e fugiam pera Lisboa e pera os outros logares.

E foi isto em tanto que alguns d'ahi de Santarem, e outros portuguezes que com el-rei de Castella estavam enviaram por vezes a Lisboa, ao Mestre, que fosse lá em barcas pera pelejar com el-rei de Castella, e que elles o ajudariam. E esta cousa falou o Mestre primeiro com Nuno Alvares, e depois com os outros do concelho, e todos accordaram que era bem entremetter-se n'ello.

E, querendo-se o Mestre trabalhar de o poer em obra, houve depois concelho de o não fazer, nem ir a tal logar em barcas, que são navios que não podem levar senão pouca gente, onde cumpria levar muita; e, mais, que as barcas não chegariam mais longe senão até Muge, que são duas leguas do logar, por a agua do Tejo que era muito pouca, e não podia mais acima ir.

E a maior duvida d'este feito era se aquelles recados que vinham eram verdadeiros, achados por parte d'el-rei de Castella para matar ou prender o Mestre e todos aquelles que em sua companhia fossem; e porém cessou de se não fazer.

CAPITULO LXXIV

Como a rainha escreveu ao conde D. Gonçalo, seu irmão, que désse Coimbra a el-rei de Castella.

A rainha, logo no começo, sendo d'accordo com el-rei de Castella, fez-lhe entender que ligeiramente podia haver e cobrar todos os logares que no reino havia, cá os maiores da terra eram seus devidos e de sua mulher, e todos os outros, que villas e castellos tinham, a elle obrigados por creação e bemfeitoria; e, posto que alguns de mau recado alçassem voz contra elle, mostrando que o não queriam, que não curasse da doudice de taes, cá eram sandeus e seguidores de sandia opinião, fundada em vã esperança. E que ella escreveria ao conde D. Gonçalo, seu irmão, e a Gonçalo Mendes de Vasconcellos, seu tio, que estavam em Coimbra, que era um dos principaes logares do reino, e que logo tomariam sua voz e lhe daria a cidade, posto que o não sahissem a receber quando elle por ahi passara; e que ella chegaria lá com elle, se cumprisse, e assim a cada um dos outros logares, quando pozessem duvida de lh'os entregar.

Onde, segundo achamos escripto, o conde D. Gonçalo, antes d'isso, viera ao Porto fazer sahimento por el-rei D. Fernando, e a rainha lhe escreveu que se viesse a Coimbra, e os homens bons da cidade que o recebessem bem e lhe fizessem toda a honra. No castello, estava por alcaide Gonçalo Mendes, tio do conde e da rainha, a que muito prouve com sua

vinda; e dizem que pousando elle na villa lhe fez promettimento seu tio que elle não désse o castello, nem elle a villa, a nenhuma pessoa, sem consentimento de ambos; e d'esta guiza estava o logar.

E depois que o conde hi foi vieram-se pera elle João Rodrigues Pereira e João Gomes da Silva e Alvaro Gonçalves Camello, que depois foi priol do Hospital, e Nuno Viegas e Nuno Fernandes de Marques e Nuno Fernandes de Penacova e Pero Gomes de Seabra e Martim Correia e outros. Assim que tinham hi comsigo trezentas e cincoenta lanças, e estava bem seguro muito á sua vontade.

E quando a rainha falou a el-rei, assim como já dissemos, disse-lhe elle que escrevesse a seu irmão e a Gonçalo Mendes, que houvessem por bem de lhe darem a cidade e tomar sua voz, e que elle lhe faria por ello muitas mercês. E a carta que lhe enviou foi d'esta guisa:

Carta da rainha D. Leonar a seu irmão D. Gonçalo

«Irmão amigo, que eu muito amo. Creio que bem sabeis como eu, renunciando o regimento d'este reino e posto em el-rei de Castella, meu filho, entendo que fiz em ello o que devia, porque bem vêdes vós que d'outra guisa não podia minha filha cobrar esta terra e haver o senhorio d'ella, segundo concerto que estas cousas levam. Porque eu sei que Gonçalo Mendes, vosso tio, posto que me d'essa cidade tenha feito menagem, não a póde dar se vós não quizerdes, porém vos rogo, como irmão e amigo em que hei grande fiuza, que vos praza de tomardes voz por el-rei de Castella, vosso cunhado,

recebendo-o por senhor; e fareis em ello o que deveis por minha honra e vossa, e elle vol o agalardoará com muitas mercês e vos porá em maior estado, cá não cumpria a mim nem a vós cobrar o Mestre d'Aviz, pera nossa linhagem ser deshonrada por elle».

Escreveu outrosim a Gonçalo Mendes, dizendo que bem sabia a honra e accrescentamento que ella em elle fizera, em como tinha aquelle castello da sua mão, de que lhe havia feito menagem; e porém lhe rogava que, sem outra contenda, tomasse voz por el rei de Castella, seu filho, que lh'o entregasse, e que em esto faria o que devia e a elle grande prazer e serviço; e que fosse bem certo que lh'o agalardoaria em muitas mercês, melhor do que elle podia cuidar.

CAPITULO LXXV

Do que aveiu a alguns da cidade, que sahiram fóra a pelejar com os castellãos.

EMQUANTO estes recados foram a Coimbra, fez partir o mestre de S. Thiago e Pero Fernandez de Valhasco, e Pero Rodrigues Sarmento, que deixámos no Lumiar, como ouvistes. Onde assim foi que, pousando elles n'aquellas aldeias, sahiram um dia, por mandado do Mestre, João Fernandes Moreira e outros de cavallo, com alguns peões e besteiros, até um campo que se chama Alvalade

Grande, e esto por sahirem os castellãos a elles e os trazerem até a cêrca da cidade; e foi de tal guisa que os castellãos, como souberam que elles estavam n'aquelle logar, deram ás trombetas e cavalgaram os capitães e muitos dos seus com elles. E deram os portuguezes volta, e, como foram acerca, não se poderam tanto sahir que os outros os não alcançaram; e mataram d'elles e prenderam, e foi ali morto o dito João Fernandes; e se não foram as vinhas, por onde deitavam, porque os de cavallo não podiam ir, mais damno fizeram em elles seus imigos.

O Mestre sahira aquelle dia fóra, com Nuno Alvares e gente da cidade, até trezentas lanças, e homens de pé e besteiros, e pozeram-se em batalha em uma lombada que se faz acima da egreja de S. Lazaro, que serão dois tiros de bésta da cidade, e aguardava ali que, quando os castellãos viessem, pelo alcanço, apóz aquelles que assim chegaram até Alvalade, que o achassem prestes de peleja; e elles, quando chegaram e os viram assim estar por terra, ordenados em batalha, não se quizeram descer e houveram por entonce seu accordo de não pelejar, e tornaram-se pera as aldeias onde pousaram, e o Mestre com os seus pera a cidade.

CAPITULO LXXVI

Das razões que Nuno Alvares disse ao conde D. Alvaro Pires de Castro e a seu filho, e como o Mestre ordenou de ir a pelejar com os capitães de Castella que estavam no Lumiar.

CERTAMENTE fallando em este passo e tirada toda a affeição fóra, o Mestre maravilhosamente é de louvar, se bem parardes mentes ao proseguimento dos seus notaveis feitos, ca posto que elle tivesse um muito ardido e ouzado coração egual aos perfeitos e virtuosos barões, muito contrarios lhe eram porém presentes, ca elle havia maior parte de Portugal contra um pequeno Portugal, que ficava, e conhecia alguns que se vinham pera elle por moles e de fracos corações, segundo os conselhos que lhe davam. Outros lhe punham suspeita e duvida de suas lealdades. Mas essas e todas as cousas que entender podeis, que lhe eram assaz contrarias, não o mudavam porém de seu proposito, como aquelles queriam, com um grande e alto coração não vencido de taes tempestades. Ca o conde D. Alvaro Pires de Castro, quando se veiu pera elle fallou um dia o Mestre com elle e com seu filho todas as cousas que lhe até alli aconteceram e que elle tinha em vontade de fazer. E o conde que maior desejo tinha ao proveito e honra d'el-rei que aquillo que o Mestre começara, havia por nada todos os seus feitos dizendo que havia começado cousa forte e muito duvidosa de a poder acabar com sua honra, assim que aquelle que o devera esforçar, pois

que vinha pera o servir, aquelle lhe dizia aquestas e outras taes palavras, que eram bastantes pera desamparar de todo quanto tinha começado e em vontade de fazer.

Nuno Alvares que presente estava, não pôde sofrer seu arrezoado, nem suportar que lhe não fallasse. Respondeu entonce em esta guisa:

— Digo-vos senhor, que pois vos ficastes com meu senhor o Mestre, e boa vontade tendes de o servir, que taes razões e conselhos como os que lhe vós daes, não são bons nem comunaes, nem elle não os deve de querer, antes ir com seu feito por deante e nenhuma cousa tornar atraz, e não digo contra el-rei de Castella que é um alto e poderoso rei, mas ainda que fosse contra todos os reis do mundo elle deve de continuar sua defensão de todos aquelles que lhe são sujeitos, ca tem coração e razão de o fazer, ca nenhum outro em Portugal pertence pera ello, e todos os bons portuguezes tem razão de o servir, ajudar e seguir o que começado tem, despendendo com elle os corpos e haveres até a morte, e Deus que a isso o chamou, encaminhará seus feitos de bem em melhor e o trará em sua guarda e a fim que elle deseja.

E quem vontade tiver de o bem e lealmente servir assáz terá tempo em que o mostre.

O conde com sanha quando viu assim fallar, respondeu-lhe logo e disse:

— Que é isso Nuno Alvares? Como fallais vós assim ouzadamente? Não haveis empacho de fallardes tão solto?

— Em verdade, disse Nuno Alvares, não; ca de quanto disse nenhuma cousa me peza senão por ser muito pouco.

A isto respondeu entonces D. Pedro seu filho, e disse contra Nuno Alvares:

— Não haveis vergonha, Nuno Alvares, de assim fallardes contra meu padre?

— Digo-vos, disse elle, que não, ca eu do que a vosso padre disse não hei vergonha d'elle nem de vós, ca disse o que devia por serviço de meu senhor o Mestre, e não por outra cousa.

Em isto, antes que mais palavras ouvesse entre elles, mandou o Mestre que se calassem e calaram-se logo todos. Ora vendo o Mestre como aquelles capitães de Castella estavam de assessego no Lumiar havia bem quinze dias, e não se partiam d'ahi, vindo alguns escaramuçar acerca da cidade, fallou com o mestre de Santiago e com Nuno Alvares e com todos os do seu conselho, dizendo-lhe que lhe parecia que era bem de irem pelejar com elles. E Ruy Pereira e João Lourenço da Cunha e todos os outros que ahi estavam outorgaram de se poer em obra.

E em fallando que capitães eram os que vinham com aquellas gentes, nomeando cada um por seu nome quando diziam: vem ahi foão, mestre de Santiago, respondia o conde D. Alvaro Pires encolhendo se todo e dizia: ai que menino. E em dizendo, vem assim mais foão, e elle respondia: E esse parvo, e assim dizia por outro: Ai que cachopo, e assim dava a cada um seu motete, dando a entender por taes geitos, que não era bem de irem pelejar com elles, dizendo que lhe parecia que eram muitas gentes, e grandes, e bons capitães com elles, e que pois d'elles pouco nojo recebiam, que não curassem de sua estada.

E o Mestre disse que aquilio não era de sofrer

serem a seu despeito tão perto da cidade de não tornarem a ello como deviam. Entonce juntaram todos suas gentes fazendo-se prestes pera o outro dia. E os castelhanos que trigosamente o souberam partiram-se á pressa d'elles pera Alemquer, outros pera Torres Vedras, e não os quizeram attender; e muitos dos portuguezes quando o ouviram chegaram lá, e acharam as aldeias desamparadas d'elles e as panelas ao fogo, e espetos com carne que não houveram vagar de comer com trigança de sua partida, e se o alguem d'outra guisa escreve, como opinião inimiga da verdade deve ser engeitado seu dito.

CAPITULO LXXVII

Porque se gerou o desprazimento entre a rainha D. Leonor com el-rei de Castella.

Se dizem que a malicia bebe gram parte de sua peçonha, bem se póde isto dizer da rainha D. Leonor, porque pousando ella em aquellas casas com el-rei seu genro, como dissemos, não foram muitos dias que á rainha começou de desprazer da conversação d'el-rei, e el-rei isso mesmo da sua, e o desprazimento que a rainha principalmente teve, foi por esta guisa:

Em Castella vagou o rabiado mór dos judeus, n'esta sezão que a rainha mandou o recado que ouvistes a Coimbra, e vieram-no pedir alli a el-rei em Santarem onde estava; a rainha D. Leonor lh'o foi pedir pera D. Judá, thesoureiro que fôra d'el rei D. Fernando e muito seu privado d'ella, e

elle se escusou de lh'o dar e deu-o á rainha D. Beatriz sua mulher pera D. David Negro, privado que era d'el-rei D. Fernando, judeu muito honrado e rico que começou de servir como el-rei chegou a Santarem. A rainha D. Leonor como era mulher de muito grão coração, que toda sua vontade queria comprida, vendo a maneïra que ella tivera com el-rei em poer n'elle o regimento do reino, des-ahi outras cousas; e que hora elle não quizera dar-lhe aquelle arrabiado, que era uma cousa tão pequena e a primeira que lhe pedira, e entendendo que ao deante poucas cousas havia de acabar com elle, maiormente vendo que eram contrairos em suas falas e condições e com grão menencoria, que houve d'el-rei, dizem que disse a alguns d'aquelles que de Lisboa foram com ella:

— Vêde que senhor este e que mercês esperaremos vós, e eu d'elle; que uma tão pequena cousa que lhe pedi me não quiz outhorgar. Ora vêde que mercê ha-de fazer a mim, nem a vós. Juro-vos em verdade que se me quizesseis crêr de conselho, que vós farieis bem de vos irdes todos pera o Mestre, pois é vosso natural e senhor, que vol-as fará melhor que este, ca eu que vol-as queira fazer já não tenho azo o como e cada vez o terei peor. E segundo a maneira que eu em elle entendo, faço-vos certos que se me eu d'aqui podesse partir comvosco com minha honra que nunca aqui mais estivesse tão sómente um dia.

E assim o fizeram depois os mais d'elles que se foram todos pera o Mestre. As razões porque então começou de desprazer a el-rei dos modos da rainha, dizem que foi porque a via mui solta em fallar, tendo geitos em suas fallas, não quaes com-

pria a mulher viuva, maiormente havendo tão pouco que el-rei D. Fernando morrera e ella toda coberta de dó, e dizia-lh'o el-rei a departe entre si e ella que por sua condição em tal caso muito não outhorgava, e lhe fazia infindas razões, nunca se partiam muito d'accordo.

CAPITULO LXXVIII

Como el-rei partiu de Santarem caminho de Coimbra com intenção de a cobrar.

PASSANDO-SE assim estas cousas a rainha começou de se arrepender muito de todo o que começado tinha, e assim da vinda que fizera vir el-rei ao reino, como da arrenunciação do regimento que havia posto em elle. E leixando o pensamento que primeiro tinha cuidado, dizem que incobertamente mandou suas cartas a alguns logares dos que el-rei de Castella entendia de cobrar, que inda que elle lá fosse e ella em sua companhia com elle que lh'os não dessem por muitas razões que lhe ella dissesse, nem por outrem mandasse dizer. Entre os quaes foi um d'elles á cidade de Coimbra, e em esto veiu resposta do primeiro recado que ella enviará ao conde D. Gonçalo e a Gonçalo Mendes, segundo ouvistes, dizendo o conde que lhe aprazia muito do que lhe escrevera, mas que esto se não podia fazer em nenhuma guisa, a menos d'el-rei a lá ir com seu poder, mostrando que o ia a cercar por haver a cidade, ca de outro modo duvidava se o consentiriam aquelles que com elle estavam, e

que ella todavia fosse em companhia e não fizesse outra cousa.

Visto este recado, prouve muito a el-rei com elle e ordenou logo de partir toda sua côrte e as rainhas ambas comsigo, e foi esse dia dormir a Torres Novas. El-rei e sua mulher pouzaram no arrabalde e a rainha D. Leonor em outras pousadas, a qual foi aquella noite guardada de certos homens d'armas castelãos, e ella em outro dia quando o soube, disse contra os que iam em sua companhia:

— Como? Guardada sou eu de gentes de castelãos? quanto agora entendo eu que vou preza.

E el-rei sabendo o disse que o fazia por melhor, e por sua segurança, e outras taes razões com que se escusou.

D'ahi partiu, passou por Thomar e por os outros lugares que são no caminho, onde achou mui mau acolhimento, e as portas da villa cerradas. E dizia el-rei aos seus a de parte, que bem lhe dava a elle a vontade, ante que partisse de Santarem que qual recolhimento lhe haviam a elle de fazer em aquelles lugares.

CAPITULO LXXIX

Como el-rei chegou a Coimbra, e d'algumas cousas que lhe aconteceram.

CHEGANDO el-rei a Coimbra e muitas gentes com elle, pousou nos paços de Santa Clara junto com a ponte da cidade, e o conde de Maiorcas dentro no Mosteiro, e o conde D. Pedro em Santa Anna, e com este pousava Affonso Hen-

riques, o moço seu irmão, e o conde D. João Affonso de Barcellos, e João Rodrigues Portocarreiro, e João Affonso Cabeça de Vaca, pousava em S. Francisco, D. João conde de Vianna logo acerca em uma tenda em S. Martinho Couto do Bispo, e outros em S. Jorge e nas Almoinhas e por outros lugares d'esta comarca.

E depois que todos foram assessegados, não fizeram nenhum mal, nem querença de combater, ante entrava cada dia na cidade o conde de Maiorcas e outros a fallar com o conde D. Gonçalo, e com Gonçalo Mendes de Vasconcellos, e comiam e bebiam com elles. Pelos quaes lhe el-rei mandou dizer e rogar que lhe prouguesse de lhe dar aquella cidade e tomar sua voz, e que elle lhe daria soldo pera quantos com elle estavam, promettendo a uns e a outros grandes e largas mercês, e assignando além d'esto muitas razões porque o devia fazer. E o conde deu em resposta que não dariam aquella cidade senão a cuja fosse de direito.

El-rei vendo suas razões mandou-lhe dizer que tivesse por bem de lh'a dar e que lhe daria villas e lugares no reino de Castella, onde lhe mais prouvesse de que elle ficasse contente: e que de seu condado não fizesse conta, ca elle o accrescentaria e poria em muito maior estado do que elle era, aficando muito que o fizesse aquelles que levavam o recado, e elle dava sempre a resposta que já ante havia dado.

Então lhe mandou el-rei rogar, que pois lh'a dar não queria, e elle tinha o regimento do reino que estivesse assim sem lhe fazendo d'ella guerra; o conde lhe respondeu que se sua irmã, sem seu conselho, nem d'aquelles com que devera de fallar, fizera

o que tinha feito, que ella se compozesse; que elle com aquello não tinha que fazer, e que a resposta que já dada havia, entendia de dar quantas vezes lhe em esto fallassem.

Em esto passou um dia o conde de Vianna o rio contra Villa Franca, e chegaram a um logar que chamam a Regaça, e sahiu da villa Martim Corrêa com alguns seus, e alguns poucos piões e quatro besteiros, e houveram alli uma pequena escaramuça em que mataram seis piões dos da villa e prenderam tres. Em se recolhendo o dito Martim Corrêa e os outros com elle, deitou após elles um escudeiro, criado d'el-rei, tão desatentadamente que se metteu o cavallo com elle em uma vinha, e alli chegaram piões da villa e mataram-n'o.

E este viu el-rei matar e desvestir das armas; entonce os do arraial quando isto viram mataram dois prisioneiros que tinham presos. Depois saiu o conde de Maiorcas e Pero Dias de Cadoama, e saiu o conde D. Gonçalo e Gonçalo Mendes e outros, e prenderam um escudeiro castellão que chamavam Garcia Villaodre, e logo ao outro dia o enviaram a el-rei com todas suas armas, e d'ahi em diante não se fez mais, salvo se lançavam setas de uma parte á outra, e tirou Nuno Fernandes com uma besta de torno, e deu a um mui bom cavalleiro, que chamavam João Affonso de Bolonha.

CAPITULO LXXX

Das razões que D. Beatriz de Castro fallou com Affonso Anriques, e do que elle respondeu.

CONTANDO esta historia compridamente, por virdes em conhecimento qual foi a razão porque el-rei de Castella mandou a rainha fóra d'este reino e se teve justa razão de o fazer, ou por contrario, vejamos o que escreve um auctor em sua chronica que largamente mais que nenhum outro fallou de tudo como se seguiu.

Onde sabei segundo elle põe, que estando el-rei assim alguns dias aguardando se se mudariam suas vontades ao conde D. Gonçalo ou a Gonçalo Mendes, que a rainha desesperada de sua primeira esperança, e posta em amargosas e tristes cuidações mostrava de si turbado semblante, de guisa que qualquer lhe podia entender seus nojos. Vendo isso D. Beatriz, filha do conde D. Alvaro Pires de Castro, que andava com a rainha de Castella, fallando um dia em seus amores com Affonso Anriques, irmão do conde D. Pedro, primo d'el-rei, que era muito seu namorado, veiu-lhe a dizer em esta guisa:

— Vós bem vêdes como a rainha D. Leonor me criou e me deu a sua filha, por acrescentar em mim é posta em tão grande coita, como todos vêdes, esperando ser muito mais segundo a mim parece, por que se as cousas não guisam á vontade d'el-rei, nem sua, por a qual razão são postos em maior desacordo do que ninguem cuida. Ora pois vós dizeis que

me quereis tanto bem que de boamente casareis comigo, eu vos quero descobrir uma cousa que tenho cuidada e se vós foreis homem que podesseis apostar com o conde vosso irmão isto que eu trago cuidado, eu faria de mim boamente vosso talante em toda cousa que me vos requeresseis. Então seria nosso casamento melhor e muito mais com nossa honra.

— Não ha cousa, disse elle, que me vós requeirais que eu por vós possa fazer e meu irmão por minha honra, que a nós não façamos muito de grado, e dizei o que vos prouver.

Feitas então suas juras e promettimentos ser muito guardado em segredo, começou ella de rezoar e disse:

— Bem vêdes como a fazenda da rainha vae tanto pera mal e muito em contrario do que todos pensavamos, e se ella não é fora do poder d'el-rei de Castella, nunca póde ser que seu feito venha, senão a muita deshonra.

— E, porém se o conde vosso irmão que é homem de grande estado e que me parece que tem com ella bom geito azár por alguma guisa como ella fosse fóra do seu poder e posta dentro na villa com o conde seu irmão, e nós outrosim com ella, então seria ella tornada a toda sua honra, e nós mais honradamente casados. E ainda vos digo mais que se vosso irmão podesse fazer isto e ella fosse posta em seu livre poder, que não era maravilha depois casar com elle, e haverem elles ambos o regimento d'esta terra, ca ella tem taes irmãos e tantos parentes e criados que era por força de se assenhorear do reino e haver o regimento d'elle como antes tinha.

Quando Affonso Anriques ouviu estas razões e outras muitas que sobre o tal feito fallaram, pareceram-lhe taes e tão boas, que logo em sua vontade consentiu de se trabalhar muito por tal cousa ser posta em obra, e disse que elle o faria logo com seu irmão e ella que o fallasse com a rainha.

CAPITULO LXXXI

Das razões que a rainha houve com o conde D. Gonçalo seu irmão.

FALLANDO D. Beatriz isto com a rainha e Affonso Anriques com seu irmão, á rainha prouve muito com seu conselho e ao conde D. Pedro não menos, e fallando seus feitos sobre a tal cousa acordaram de o mandar dizer por Affonso Anriques ao conde D. Gonçalo, o qual quando o soube foi mui ledo de se poer em obra, e foram-lhe essa noite fallar á villa o conde e seu irmão, ambos sós, e contou-lhe todo o que em ello queria fazer.

O conde disse que lh'o agradecia muito e que se pozesse em obra, que ganharia em elle um bom amigo pera fazer qualquer cousa, que por sua honra fazer podesse. E que elle os aguardaria com suas gentes aquella noite, que pera ello fossem prestes.

E pera se isso fazer mais descansadamente e carecer de toda a suspeita vinham alguns á falsa fé da parte do conde D. Gonçalo fallar á rainha, e isso mesmo ao conde D. Pedro, fazendo mostras e dando a entender a el-rei que tudo se fazia por seu servi-

ço, e por cobrar cedo aquella cidade, e des-ahi ordenou a rainha que era bem de fallar a seu irmão de praça por vêr se o podia demover por suas fallas, e encaminhar como houvesse logar, pois por fallas d'outrem o não postar com elle.

E el-rei disse que era bem feito, não embargando que não soubesse parte do que se tratava contra elle, elle não seguro que não fosse arte, mandou fazer na ponte um palanque de guisa que a não podesse o irmão tomar, posto que tal falla houvesse entre elles. E quando veiu o dia da falla tomou o conde D. Pedro a rainha de braço e até vinte com ella, e o conde estava já na ponte, e tres ou quatro com elle.

Quando a rainha chegou fez-lhe sua reverencia e tomou a mão e beijou-lh'a, e ella disse entonce mão beija homem que queria vêr cortada.

— Senhora, disse elle, verdade é, mas não é ella a vossa.

— Pois se ella a minha não é, disse ella, por que não dais vós esta cidade a el-rei meu filho, como eu mando? Maravilhada sou de vós saberdes a honra em que vos eu puz e o grande acrescentamento que em vós hei feito, e como vós não metterieis o pé em esse lugar se eu não fôra, e hora por minha honra o não quereis dar a quem vos eu mando e rogo.

— Verdade é, disse elle, o que vós dizeis, e eu logo o darei a vós de mui boamente se vós ca quizerdes vir.

— Eu preza sou, disse ella, e não posso lá ir.

— E eu, disse elle, porque vos vejo preza, e posta em poder alheio, parece-me que faria grande maldade de a dar a quem vos prendeu. E pois vós fi-

zestes o que vos prouve sem conselho meu nem d'aquelles com quem deverieis de fallar, lá vos avinde com elle.

— Bem posso dizer, disse ella, que desamparada sou de vós e de todos meus parentes a que fazia grandes mercês e muito bem.

Aquelles isso mesmo que vinham com a rainha, começaram de dizer ao conde que lhe parecia que fazia mal de vêr sua irmã d'aquella guisa, posta em grão desavença com el-rei por azo d'aquelle lugar, e não lh'o querer entregar, pela qual razão lhe el-rei faria muitas mercês, e que elles ficariam por fiadores d'ello.

— O que lhes eu faria, disse o conde, é isto. Se el rei com cem lanças e ella quizessem vir comigo d'entro a esta villa, eu lhe daria mui bem de jantar.

El-rei disse que elle não faria essa cousa.

— Isso são palavras de bom mercado.

— Pois se o vós fazer não quereis, disse elle, não sei mais que vos faça.

Então se afastaram todos pera fóra, e elles fallaram ambos de tal guisa, que nenhum poude ouvir nem entender cousa, que algum d'elles dissesse.

CAPITULO LXXXII

Das fallas que se tratavam entre o conde D. Gonçalo, irmão da rainha, e o conde D. Pedro.

A rainha depois das fallas fez entender a el-rei que ella tinha esperança de elle cobrar mui cedo a cidade, e não embargando as razões que com seu irmão houvera e por outras cousas, que depois com elle fallara. E isto tudo dizem que era pera se em tanto guisar tempo azádo pera se poer em obra aquillo que ella com o conde contra el-rei tinha ordenado de fazer, e era por esta guisa.

El-rei havia de ser morto uma noite pelo conde D. Pedro e certos alcaides de sua parte, e lançar-se o conde com todos os seus na villa e a rainha com elle, e que elle tomasse voz logo de se chamar rei de Portugal e ella rainha como d'antes era, casando-se primeiramente ambos, e que d'esta guisa ficaria ella senhora do reino pela ordenança que era nos tratos, pois a renunciara como não devia, não o podendo fazer de direito, e que ella trataria com o Mestre e encaminharia todos os seus feitos.

Mas o conde D. Gonçalo não sabia parte da morte d'el-rei, nem do casamento da rainha com o conde, nem que se havia de chamar rei, porque elle quando lhe em tal feito fallou, não lhe descobriu mais de sua fazenda, salvo que se lançaria dentro na villa com a rainha pela tirar do poder d'el-rei de Castella, mostrando-lhe que era descontente d'el-rei

pelo grande logar e privança que dava a Pedro Fernandes de Valhasco.

O conde D. Pedro entendia que com os muitos parentes que tinha e des-ahi das gentes d'el-rei de Castella que ficassem, que se chegariam a elle, que bem poderia levar sua tenção a deante, maiormente que a rainha o esforçava bem, dizendo: que os parentes e criados que ella tinha, assim mesmo d'el-rei D. Fernando, que pelo reino tinham muitas fortalezas que lhe logo dariam, antes que a el-rei de Castella por ficar o reino izento sobre si e elles poderiam acabar quanto quizessem.

Onde sabei, que o principal embaixador d'estes feitos, que levava recado á rainha e ao conde D. Pedro, da parte do conde D. Gonçalo, e isso mesmo trazia a resposta, era um frade de S. Francisco, mas elle não sabia parte da morte d'el-rei, nem das outras cousas que ao conde D. Gonçalo eram ditas. E quando este frade ia fallar ao conde sobre seu segredo e da rainha ia-se logo o conde D. Pedro a el-rei, e dizia-lhe como aquelle frade viéra a elle e como lhe falara sobre o dar do logar e a razão por que se detinha, e como tudo faziam por melhor.

El-rei mui ledo com estas razões cada dia esperava de o cobrar. Ora assim foi que este frade n'esta embaixada era muito amigo e conhecente d'aquelle judeu D. David Negro, a que el-rei dera o arrabiado de Castella, que ante dissemos, e receando que na revolta que se havia de fazer ao lançar do conde com a rainha dentro na villa, recebesse algum damno este judeu e filhos pequenos que tinha comsigo, cuidou de lhe fazer que se partisse do arraial e se viesse pera a cidade,

e que elle buscaria caminho azado pera que o puzesse em salvo com sua honra. D'esto lhe fazia saber mui escusamente por um escripto, e que esta vinda fosse todavia até um dia certo que lhe logo assignou. E o judeu quando viu o escripto ficou tão espantado que mais não pode ser, vendo ser muito contrairo tal recado á esperança que el-rei, e quantos no arraial havia, tinham, e não lhe socegando o coração trabalhou-se muito e fez de tal guiza que o frade lhe veiu fallar encubertamente como seu especial amigo que era.

O judeu lhe perguntou, que escripto era aquelle que lhe mandara ? e elle respondeu, que por quanto poderia ser que no dia que diziam que se a cidade havia de dar, se poderia fazer tal revolta, que seria damno dos do arraial e que elle poderia receber algum cajão, que portanto lh'o fizera saber. E isto lhe dizia o frade por se escuzar de lhe mais descobrir.

O judeu que era sizudo bem entendeu que maior segredo andava n'este feito, e tanto o affirmou por força de amizade dizendo que elle lhe descobriria outras cousas maiores da parte do arraial, que o frade lhe descobriu em grande segredo, que uma certa noite, ao serão, depois que o conde lhe enviasse dizer que era prestes, haviam de repicar na villa um sino, e fazer mostra que sahia o conde D. Gonçalo fora com gente: e que o conde D. Pedro que para isso havia de estar prestes, e havia de mandar dár á trombeta, e mostrar que sahia ao conde pera lhe contradizer tal vinda: e que em esta vinda, que o conde assim fosse havia de levar a rainha comsigo; e mostrando o conde D. Gonçalo que lhe fugia, havia o conde D. Pedro ir apoz elle mos-

trando que o vencia, e entrar dentro na villa, e lançar-se com seus irmãos, e com todos os seus com a rainha dentro: e que esta era a dada da cidade, que se lhe havia de dar, e d'outra guisa não, mas não lhe soube dizer como o conde D. Gonçalo, e o conde D. Pedro, logo como isso fosse feito haviam de tornar com todos os seus a darem de rebate no arraial, e então tomar a rainha se o conde logo comsigo a não podesse levar, e matarem el-rei e dos outros o que tinha ordenado.

O frade depois que sobre isso fallaram quanto cumpria, poz este segredo em grão puridade ao judeu, e este promettendo-lhe de o guardar, e que se trabalharia de partir do arraial antes d'aquelle dia, e despediram-se um do outro e ficaram muito mais amigos.

CAPITULO LXXXIII

Como foi sabido o que o conde D. Pedro queria fazer, e como fugiu e se foi pera o Porto.

O judeu, que não via a hora em que esta cousa descobrisse a el-rei, foi-lhe á pressa logo contar todo o que lhe haviera com o frade.

El-rei quando o ouviu ficou mui espantado, e não podia crêr esto que lhe o judeu dizia, pero que muito afficasse que era assim como lhe contava: e de o el-rei não crêr não era maravilha ca o conde era seu primo com irmão, filho do Mestre D. Fradi-

que, irmão d'el-rei D. Anrique, padre d'este rei D. João.

Então chamou el-rei a rainha e contou-lhe todo o que dissera o judeu, e ella creu logo esto mais li geiramente e disse entonce contra elle:

— Eu vos digo senhor, que sempre me receei d'este homem pela grande affeição que lhe vi ter com minha madre, posto que nenhuma cousa vos dissesse.

E quando veiu aquelle dia, que esto se havia de fazer, chamou el-rei o conde de Maiorcas, e descobriu-lhe todo o que lhe o judeu dissera, e disse mais:

— Avizae hoje todos os vossos em segredo, que sejam armados e prestes á noite, e vós com elles pera quando o conde D. Pedro fizer infinta que sahe contra os da villa, que vós e os nossos comeceis de bradar: traição, traição, pelo conde D. Pedro. Então prendei a elle e aos seus quantos mais poderdes ou os matae se á prisão se dar não quizerem. E esto mesmo fallou com um cavalleiro que aquella noite pozesse tal guarda na rainha, que não podesse ser tomada nem se lançar dentro na villa.

A guarda d'aquella noite era do conde D. Pedro, e trabalhou elle de correger sua fazenda o melhor que podesse pera acabar o que tinha ordenado. E porque a cousa era mui pesada, e mui durosa de fazer, poz elle tão grande tardança em vir ao paço, que a outra guarda se quizera vir pera a pouzada, e ficava el-rei sem guarda nenhuma e o conde de Maiorcas disse a el-rei, que lhe parecia que era bem de se virem cincoenta lanças das suas pera elle, e não ficar o paço taes horas sem guarda nenhuma.

El-rei disse que lhe prazia d'ello, e foi logo mui azinho prestes. Em isto um escudeiro d'aquelles com que o conde D. Pedro fallára seu segredo, que andava pelo paço olhando o que faziam, quando viu aquellas gentes vir d'aquella guisa, suspeitou que o segredo do conde era descoberto, e foi-se a elle mui á pressa e disse:

— Que é isso, senhor, que estaes fazendo?

— Como? disse elle.

— Sabei por certo, disse o escudeiro, que gentes do conde de Maiorcas são já no paço, e estão hi todos armados em maneira de guarda.

Quando o conde isto ouviu sentiu que era descuberto, e foi tão fóra de si que não soube al que fazer, senão que elle e seus irmãos e dos seus quantos puderam tomaram á pressa essas mulheres que tinham, e foram-se pela ponte, e quando o conde D. Gonçalo soube que elle ia d'aquella guisa, e não levava sua irmã, maravilhou-se muito, e perguntou-lhe como vinha assim? e elle disse que fôra descoberto, e que fugia com medo de o el-rei mandar matar, e o conde houve d'esto não boa suspeita, cuidando que era falla e não verdade, não o quiz receber, mas disse que pois assim era que fosse pouzar no arrabalde, e elle foi-se a Santarem e pouzou ahi.

El-rei que não dormia e estava armado em sua camara, aguardando o signal que haviam de fazer na villa, quando viu que se prolongava a hora e soube como o conde D. Pedro era já fugido, entendeu que soubera parte do que lhe fôra descuberto, e mandou essa noite prender D. Judá, judeu grande privado da rainha, e Maria Pires sua camareira, que d'este feito entendeu que sabiam parte, e não poude el-rei logo saber se o conde era dentro na villa, se

fora, e como soube que era no arrabalde mandou passar mil lanças pelo vau, pera o tomarem. E o conde D. Gonçalo soube-o e mandou-lhe dizer que se puzesse em salvo e elle se foi pera o Porto a tão gram pressa que mais ser não podia.

Quando lá chegou e contou como lhe haviera, receberam-no no lugar. E como quer que não ficavam bem d'elle cuidando que andava com falsura, porque nenhum, que d'aquella puridade parte não soubesse, não podia al entender, senão que por azo d'el-rei de Castella e seu consentimento se partira d'elle pera tomar algum lugar, e uns diziam, que o matassem e os outros que o deixassem estar.

Entonce houveram conselho de o guardarem de vista sem prizão nenhuma até o fazerem saber ao Mestre como alli chegara, e que mandava fazer d'elle.

CAPITULO LXXXIV

Das razões que el-rei e a rainha D. Beatriz houveram sobre este feito.

A el-rei parecia longe a manhã por saber a verdade e certidão d'este feito, e como o dia veiu e ouviu missa bem cedo, mandou trazer á camara D. Judá e a camareira, não estando ahi outrem, salvo el-rei e a rainha sua mulher e o infante de Navarra e D. David, que descobriu a puridade, e um escrivão que havia de escrever.

E como vieram mandou el-rei que os desvestissem e mettessem a tormento. E o judeu disse que

não havia por que o deshonrar, mas que elle diria a verdade d'aquelle feito.

Entonce começou a dizer como a rainha escreveu a todos os alcaides dos castellos por onde pouzaram, que os não dessem a el-rei, e como todas as fallas que se fizeram até aquelle tempo com o conde D. Gonçalo eram por se lançar o conde D. Pedro com a rainha dentro na cidade, e como o conde se devia de chamar rei, matando-o primeiro, e todas as outras cousas que dissemos, e d'aquella guisa o confessou Maria Pires, e foi todo escripto e retificado por elles. E el-rei lhes perguntou se o diriam assim deante da rainha: e elles disseram que sim. Então mandou el-rei pela rainha, e trazia-a de braço aquelle cavalleiro, a que el-rei encommendara que parasse n'ella mentes. Ella não embargando que viesse como preza, vinha bem sem medo e sem mudança que mostrasse como mulher de grande coração, e entrou ella só na camara e não outrem, e quando viu o judeu que descobrira o segredo, disse contra elle esforçadamente:

—Aqui estaes vós D. David? Vós me fazeis aqui vir?

—Mais razão disse el-rei, é que seja elle aqui, que me deu vida, que quem me tinha urdida a morte.

Então disse el-rei ao escrivão que lesse á rainha o que o judeu dissera contra ella, e quando ouviu que elle confessára, disse contra elle:

—O' Perro, cão traidor, disseste aquello de mim?

—Disse elle: disse e digo que é verdade e assim passou de feito.

—Mentes, disse ella, como perro traidor, e se assim passou de feito tu m'o aconselhaste. E em

começando de arrezoar sobre isso disse a rainha D. Beatriz sua filha.

—O' Madre senhora, em um anno me quizerades vêr viuva, orphã, e desamparada?

—Ora, disse el-rei, aqui não cumpre mais razões, eu matarvos não quero por amôr de vossa filha, posto que em vós bem merecido tenhaes, nem me cumpre andardes mais em minha companhia nem eu na vossa, mas mandar-vos-hei pera um mui honrado mosteiro de Castella, onde já estiveram rainhas viuvas, e filhas de reis, e alli vos mandarei dar mui honradamente mantimento porque bem possaes viver.

E ella sem medo e receio nenhum respondeu a el-rei, e disse:

—Isso fazei vós a alguma irmã, se tiverdes, e a metei por freira n'esse mosteiro, ca vós a mim não m'o haveis de fazer, nem vol-o o olho verá. Em verdade este é um bom galardão, que me vós daes! Deixei o regimento que no reino tinha, e fiz-vos haver a maior parte de Portugal, e agora a dito de um perro que com medo dirá que Deus não é Deus assacaes-me que falsei por me não dardes as cousas que me promettestes e sobre que comungastes comigo o corpo de Deus em Santarem. Digo-vos que quanto a isto se pode bem dizer, que quem o seu cão quer matar raiva lhe põe nome.

El-rei não curando do que ella dizia, mandou levar a camareira presa, e o judeu perdoou-o a rogo de D. David, e por entonce não se fez mais.

CAPITULO LXXXV

Como a rainha D. Leonor foi levada pera Castella.

Poz el-rei este feito em conselho com aquelles com quem devia de fallar, dizendo: que lhe parecia razão prender a rainha sua sogra e a mandar pera Castella pera algum mosteiro, e não consentir que mais estivesse em Portugal, por as cousas que haviam acontecido, e taes hi houve do conselho que disseram: que era bem o que el-rei dizia, e que assim o mandasse pôr em obra, dizendo: que se a rainha estivesse com elle mais no reino, que mandaria seus recados aos fidalgos que tinham as fortalezas que lh'as não dessem, nem se viessem pera elle, a qual cousa era muito seu desserviço e grande envezamento do que começado tinham. Outros, diziam: que não era bem de el-rei prender a rainha sua sogra, nem elle lhe fazer aquillo que dizia, por quanto ella deixára a governança do reino que houvera de ter, segundo nos tratos era conteudo, e o puzera em elle, e mais que lhe déra a villa de Santarem, e mais outros castellos, como todos bem sabiam; e sobre tudo, ser madre da rainha sua mulher e dona tão honrada como era, que lhe não parecia razão, nem cousa pera fazer de a el-rei mandar d'aquella guisa.

D'estas contrairas razões teve-se el-rei ao conselho primeiro, que era bem de a prender e levar a Castella, e foi logo entregue a Diogo Lopes de Es-

tunhega. E partiu el-rei de Coimbra e veiu-se a Santarem, e d'ahi encaminharam-se com ella pera Castella, pera a porem no mosteiro Torre de filhas.

E indo ella pelo caminho, escreveu mui escusamente suas cartas a Martim Annes de Barbuda e a Gonçalo Eanes de Castro da Vide, que lhe rogava aficadamente, recontando muitas razões por que o deviam de fazer, que se fizessem prestes pera a tomar no caminho a aquelles que a d'aquella guisa levavam.

E foi tal sua ventura, que as cartas se deram tão tarde, que elles não houveram nenhum espaço pera poerem em obra seu rogo, e assim foi levada pera Castella a aquelle mosteiro.

Maria Pires foi mettida a tormento pera confessar onde a rainha pozera algum thesouro d'ouro, ou de prata e outras joias, e dizem que em Santarem, confessou que estavam muitas cousas em casa de um bom do lugar, de que a rainha muito fiava, e que houve el-rei grão parte d'ellas.

CAPITULO LXXXVI

Do recado que os de Alemquer enviaram ao Mestre, e da resposta que sobre ello deu.

Os moradores de Alemquer, quando souberam que a rainha era presa em Coimbra, e o geito que el-rei com ella tivera, acordaram todos juntamente que era bem de terem com o Mestre, e isto com seu resguardo e certas condições.

Enviaram a Lisboa seu recado, por Vasco Martim de Altro, e Alvaro Fernandes do Rego, os quaes chegaram ao Mestre, e ditas suas encomendas, propozeram por esta guisa:

— Senhor, aquelles homens bons de Alemquer, e nós com elles, confirando como homens portuguezes e todos naturaes d'estes reinos, e como da razão somos teudos de amar prol, e honra d'elles maiormente contra aquellas pessoas que sem razão e contra direito lhe querem fazer damno, e mover guerra, assim como ora faz el-rei de Castella e aquelles que ajudam seu bando, querendo-os metter em dura e grave sugeição contra razão e direito, acordamos por vós em vosso nome, com esta condição, que sendo a rainha D. Leonor solta, que ora é presa em poder d'el-rei de Castella, e posta em seu livre poder, de guisa que esse rei, nem outra pessoa não a possam reter, nem fazer outro desaguizado contra sua vontade, entonce vós lhe confirmeis e hajaes por firme a doação d'aquelle lugar, pela guisa que lh'a vosso irmão el-rei D. Fernando fez; e que as rendas e direitos que vós em tanto houverdes do lugar que lh'as mandeis depois entregar onde vossa mercê fôr, e que confirmeis aos d'essa villa seus bons usos e foros, que antigamente sempre houveram.

Respondeu entonce o Mestre, e disse:

— Que esguardando elle seus bons desejos, que haviam pera honra, e defenssão do reino, des-ahi como elle tinha a rainha em lugar de madre pera a honrar, fazer por sua honra todo aquello que elle bem podesse, quando ella fosse tal, disse elle, que quizesse olhar pela honra e defenssão d'estes reinos, o que crêmos que d'aqui em deante fará ven-

do as maneiras que contra ella ouve el-rei de Castella, e como a trata mal, praz-nos outhorgar o que vós e elles pedis, contanto que elles tomem logo nossa voz, e se ponham por toda a honra e defensão d'estes reinos, e nos respondam com as rendas d'esse lugar. E sendo a rainha em seu livre poder, que haja essa villa como d'antes havia, assim lh'a authorgamos e confirmamos. Com condição que ao tempo que o dito lugar fôr entregue por nosso mandado, ella prometa e jure, que seja em toda a honra da prol, e defensão d'estes reinos, assim contra el-rei de Castella, como contra quaesquer outras pessoas que contra elle sejam. E não o fazendo ella assim, aconselhando ella o contrairo de direito, ou de feito, que a doação que lhe fizermos seja nenhuma, e que elles sejam teudos de se levantar contra ella, e fazer guerra e paz por nós. E além de seus bons usos e foros, que lhe confirmamos lhe entendemos de conhecer em grandes graças e muitas mercês.

E entonce lhe deu o Mestre suas cartas de todo esto. E com tal resposta se tornaram os moradores do lugar, e ficaram por seus.

CAPITULO LXXXVII

Como el-rei partiu de Santarem, e do conselho que houve se cercaria Lisboa.

El-rei de Castella entendeu que havia mister muitas companhas das que comsigo tinha, segundo se as cousas guisavam não como elle cuidava, havia ante d'esto mandado ao marquez de Vilhena, ao arcebispo de Toledo, e a Pero Gon-

çalves de Mendonça os quaes leixára em Torgillos acerca de Toledo, por esta razão, a que lhe enviassem até mil lanças bem corrigidas, e fossem prestes e enviados a el-rei assim como elle mandou.

E el-rei partiu de Santarem com todas as gentes que elle hi tinha, aos dez dias do mez de Março, levando comsigo a rainha sua mulher, e leixou no castello Lopo Fernandes de Padilha, e na outra fortaleza que chamam alcaçova outro cavalleiro que diziam Fernão Carrilho, e com elles assaz de gentes pera guardar tudo, e veiu-se a Alemquer onde Vasco Pires de Camões o sahiu a receber, e lhe deu o lugar, fazendo-lhe por elle menagem, e d'esta guisa fez Fernão Gonçalves Teixeira, que era anadél mór em tempo d'el-rei D. Fernando por o castello d'Obidos, contra vontade dos moradores d'elle.

E veiu el-rei pouzar a uma aldeia termo d'esta villa, que chamam o Bom-Barral, e esteve alli uns quatro dias, e d'ahi partiu e foi-se a Arruda, e alguns do lugar metteram-se com medo em uma lapa, cuidando de se defender ou escapar alli, e souberam-n'o os castelãos, e pozeram-lhe fogo, e queimaram hi bem quarenta pessoas. Os reposteiros que vinham deante pera correger a camara, onde el-rei havia de pousar, quando entraram dentro em ella acharam dois homens, que jaziam escondidos, e tinham suas espadas e punhaes nas cintas, e filharam-nos presos até que el-rei de Castella veiu, e quando lh'os apresentaram, e soube da guisa como foram achados, disse contra os que eram presentes:

—Por certo não póde ser, ainda que estes digam que se esconderam aqui com medo, salvo vinham

com mandado do Mestre, pera depois que eu jouvesse dormindo me haverem de matar.

E mandou que os enforcassem, e em esto houve el-rei seu conselho, se cercaria a cidade de Lisboa ou se andaria fazendo guerra, pois tão publica era entre os portuguezes com os castellãos. E uns lhe aconselharam, dizendo que não era bem cercar a cidade, por quanto algumas das gentes começaram já de morrer de pestelença, e que muito mais damno faria em elles, sendo todos juntos, que espalhados pela terra, e quanto melhor seria, pois, que grão parte do reino lhe rebelava, e era contra elle, de o andar apoderando, fazendo escarmento nos que obedecer-lhe não queriam, e por entonce não cercar a cidade, maiormente, que ainda que elle seu arraial puzesse sobre Lisboa, ella não seria porém cercada, pois o mar era desembargado e sua frota não era ainda vinda pera lhe embargar a servidão d'ella. Além d'esto que elle não trazia engenhos, nem outros artificios pera lhe nojo fazer, e que os tivesse, que lhe prestavam mui pouco, segundo as muitas gentes que dentro jaziam. E que porém melhor era não porem cerco sobre ella.

Outros de todo eram contra este conselho, dizendo que tanto que a sua frota viesse, que logo em ponto cercasse a cidade, por quanto Lisboa era o melhor lugar de todos, e cabeça principal do reino, que de tal guisa tinha ella de olho quantos lugares ahi havia, que ganhada Lisboa, todo Portugal era ganhado. De mais que com o Mestre estavam muitos dos que contra elle tinham sua voz com suas gentes, e des-ahi os moradores da cidade e outros que se acolheram a ella d'ahi derredor do termo, e que não podia ser que as viandas lhe não falecessem

por tempo, pela qual razão não haveria poder de lh'a defender longamente, e era por força cobrada, todavia mau seu grado.

A el-rei pareceram estas razões boas, crendo este conselho que lhe depois foi damnoso. Determinou como a frota chegasse logo n'esse dia a fosse cercar, e que emtanto muito melhor, e mais á sua vontade estavam pelas aldeias e comarca derredor, onde leixemos a el-rei d'assocego com todas suas gentes, até que venha sua frota, sem tendo por hora mais que contar d'elle. E vejamos que fez este tempo o Mestre com os da cidade, por percebimento de sua defensão, havendo lugar pera ello desembargadamente por espaço de cincoenta dias.

CAPITULO LXXXVIII

Como o Mestre ordenou por fronteiro d'entre Tejo e Odiana Nuno Alvares Pereira.

Em meio d'este tempo que dissemos, passando as cousas que haveis ouvido, vinham ao Mestre müitos recados a Lisboa onde estava, em como villas e castellos d'entre Tejo e Odeana tomavam sua voz, e como filhavam por força os moradores dos lugares áquelles que as tinham por el-rei de Castella, com os quaes o Mestre e todos os que com elle eram, tomavam muito grande prazer. E vindo-lhe assim estas boas novas, chegou-lhe um novo recado que os povos eram em grande e cuidadoso pensamento, dizendo alguns conselhos d'aquella comarca que por quanto elles haviam to-

mado sua voz, de que el-rei de Castella havia grande despeito, que mandava a Fernão Sanches de Toar, seu almirante mór, que depois que armasse a frota pera vir sobre Lisboa, que armasse suas gentes, e se viesse por terra a Alcantara, onde o Mestre estava, e que elle e D. Affonso de Gusmão, conde de Niebra, e D. Pedro Alvares, priol do Esprital, e outros senhores com suas companhas, que viessem combater aquelles lugares que tinham sua voz, e destruissem toda quella terra, e que se fossem pera elle pera o cerco de Lisboa. E que jouveram sobre Portalegre cinco dias, e cortaram vinhas e olivaes, e fizeram outro muito damno, e assim o faziam pois onde quer que chegavam. E que assim lhe pedia por mercê que mandasse algum capitão a que se todos ajuntassem pera haver de poer os inimigos fóra d'aquella terra.

O Mestre contou estas cousas a alguns de que fiava, e fallando no conde D. Alvaro Pires de Castro se era bem de ser lá enviado, punham duvida em elle, por ser parente da rainha, e des-ahi por outras cousas que em seu lugar tocamos. Isso mesmo fallando em outros tambem lhe achavam certas duvidas, em guisa que o Mestre veiu a dizer que nenhum havia pera ello mais pertencente nem que o conde, se o fizesse, que Nuno Alvares Pereira, prazendo-lhe de tal carrego tomar.

O Dr. João das Regras era muito contra isto, dizendo que pera tamanho encarrego cumpria de mandar um homem de madura auctoridade e muito avizado, e sabedor de guerra. De mais que Nuno Alvares trazia seus irmãos com os inimigos, e outras razões que assignava pera não ser elle o que houvesse de ir.

O Mestre não curou dos que o contradiziam, e fallou isso com Nuno Alvares, e encommendou-lhe tal negocio com todas as boas razões de esforço e encommenda, que se em tal feito cumpria dizer. E elle sem nenhuma cobiça de honra nem de ganho, mas sómente por serviço de seu senhor, e defensor da terra, d'onde era natural, recebeu sua encommenda, que, se em tal feito compria dizer.

E elle sem nenhuma cobiça de honra nem de ganho, mas sómente por serviço de seu senhor, e defensão da terra, d'onde era natural, recebeu sua encommenda e mandado como aquelle que com limpa vontade tinha desejo em toda cousa que lhe á mão viesse de o servir. Então foi sabido a todos como Nuno Alvares havia de ir por fronteiro d'entre Tejo e Odeana, e elle trabalhou-se de levar comsigo até quarenta escudeiros bons, dos bons que na cidade havia por segurança do Mestre, como alguns escrevem, mas por que cumprisse seu talante, que fói de haver em sua companhia homens que o fossem por nome e obra; dos quaes diremos aqui alguns por verdes quem foram e ficarem em relembrança. s. Vasco Leitão, filho de Estevão Leitão, neto do mestre de Christo; D. Estevam Gomes, João Vasques d'Almeida, Pedro Eanes Lobato; Ruy Cravo, Affonso Pires da Charneca, Antão Vasques, João Alvares, Mice Manuel, Alvaro do Rego, João Lobato; Esteve Eanes Berbereta, Lopo Affonso Dagôa, Lourenço Affonso, seu irmão, Lourenço Martins Pratas, Diogo Durães, Diogo Domingues de Sam.

Estes e outros bons escudeiros, assim de Evora como de Beja, que em esta sezão estavam em Lisboa, que se pera o Mestre vieram, porque os lança-

vam fóra dos lugares os povos meudos, poendo em elles duvida, foram em companha de Nuno Alvares quando partiu.

CAPITULO LXXXIX

Da bandeira que Nuno Alvares mandou fazer, e do poder que lhe o Mestre deu.

TOMANDO Nuno Alvares este carrego que dissemos, e vendo como não sómente nas grandes cousas, mas nas mui pequenas, devemos sempre demandar ajuda d'aquelle Senhor, sem o qual nenhuma cousa não póde haver bom começo, nem fim, propoz em sua alma haver Deus por guiador principal de seus feitos e ordenar os outros mundanaes; quanto sua humanal fraqueza acerca de cada um bem podesse encaminhar. E porque hu são os mores perigos, alli, convem mais devota relembrança d'aquelle Senhor, cujo adjutorio homem espera, mandou Nuno Alvares fazer uma bandeira, a qual havia o campo branco e uma cruz grande vermelha, por meio, e no quarto primeiro da cerca da haste, pintada a Imagem de Nosso Salvador Jesus Christo crucificado, e sua madre, e S. João acerca d'elle; e no outro seguinte da ponta da bandeira, estava a imagem da preciosa Virgem, com seu filho bento no collo; e nos dois quartos do fundo, no primeiro, junto com a haste, S. Jorge, armado, em giolhos com as mãos juntas pera cima; e no outro S. Thiago d'esta mesma guisa, tendo cada um seu bacinete ante sim, por tal, que ao tender da bandeira nos lu-

gares onde cumprisse, vendo a figura do Salvador e de sua preciosa madre, mais devotamente acendesse seu coração pera os chamar em sua ajuda.

E eram postos nos cantos das bandeiras quatro escudos pequenos, das armas de sua linhagem, que é uma cruz branca em campo vermelho, aberta por ametade.

O Mestre deu cartas a Nuno Alvares, para todos os lugares que tinham sua voz, fazendo-lhe a saber como o mandava áquella comarca por fronteiro defensor d'ella, e quaesquer cousas que lhe elle requeresse por seu serviço e defensão do reino que fossem prestes pera cumprir seu mandado, como se elle mesmo fosse presente. E pera que os corações assim dos que com elle iam, como dos que viessem pera elle fossem mais acesos no que lhe fosse encomendado, porque a esperança do trigoso galardão, os grandes trabalhos faz parecer pequenos, pediu Nuno Alvares, por mercê, que lhe desse poder que elle podesse dar os bens de quaesquer pessoas, que sua voz não tivessem, e dados por elle primeiro que pelo Mestre, que sua dada fosse valiosa, e podesse dar dinheiros de graça, e fazer quaesquer outras mercês e acrescentamentos, como cada um merecedor fosse.

O Mestre não sómente em esto, mas nas menagens dos castellos e justiça e todas as outras cousas, lhe outhorgou seu poder, e foi-lhe logo pagado um mez. Nuno Alvares se fez prestes pera partir.

CAPITULO XC

Das razões que o Mestre disse a Nuno Alvares, e como se espediu d'elle.

GRANDE liança de amor e bemquerença se gerou entre Nuno Alvares e o Mestre des que veiu pera ello, e começou de o servir, e esto foi, segundo alguns escrevem, porque eram ambos de cavalleirosos corações e acompanhados de virtuosos costumes. E por que não ha hi cousa que entre os homens gére maior amôr, que concordança nos bons desejos, não pôde o Mestre com sua vontade, que se espedisse d'elle em Lisboa, quando Nuno Alvares partiu da cidade, mas como passou por Almada e se foi a Coina, que são d'alli tres leguas, chegou hi o Mestre em uma galé, e comeu esse dia com Nuno Alvares, e depois que houveram comido, sahiu-se o Mestre a um espaçoso rocio, e Nuno Alvares com elle, com todos os que comsigo levava, e sendo alli juntos, fallou o Mestre a Nuno Alvares de guisa que ouviram muitos, e disse em esta guisa:

— Nuno Alvares, vós sabeis bem os recados que a mim vieram d'entre Tejo e Odeana d'aquelles senhores e gente de Castella que entraram por aquella parte por damnar aquella comarca, e como os lugares que por mim teem voz me enviaram pedir por mercê, que lhe enviasse algum capitão com que se houvessem de ajuntar, por lhe embargar de fazer mais damno d'aquello que começado tem, e eu por

vos amar, e confiar de vós, por serdes bom, e pera ello pertencente, vos escolhi entre os outros todos por vos enviar a aquella comarca, e dei-vos por companheiros esta boa gente que aqui está, que são verdadeiros portuguezes, e parte d'elles da minha criação, os quaes eu creio que vos seguirão e ajudarão lealmente em toda cousa de meu serviço, e de vossa honra, em que se assentar de poerdes mão, e eu assim lh'o rogo e mando que o façam, e que vos sejam obedientes e bem mandados em toda a cousa que lhe vós disserdes, como seria a mim mesmo, e eu ter-lh'o-hei em grande serviço e lhe farei por ello grandes mercês.

E elles responderam todos ledamente:

— Que lhes prazia muito de o fazer, e que assim o cumpririam de boa vontade.

E entonce tornou o Mestre contra Nuno Alvares, dizendo:

— Que lhe encomendava aquella gente, que comsigo levava, e que lhe rogava que os tratasse bem, e lhes desse de si bom gazalhado, como era certo que elle faria, e fazendo assim, lhe faria grande prazer, e lh'o teria em serviço.

E Nuno Alvares disse:

— Que lhe prazia muito, e que assim o faria com bom desejo.

E entonce beijou a mão ao Mestre, e todos os outros que com elle eram; e partiu-se o Mestre pera Lisboa, e Nuno Alvares com todos os seus pera Setubal.

CAPITULO XCI

De uma sacaria que Nuno Alvares fez pera provar os seus de que esforço eram.

Chegou Nuno Alvares aquelle dia a Setubal com intenção de pousar e dormir na villa, e os moradores do lugar, porque inda estavam sem determinança de cuja parte teriam, não o quizeram receber na villa, nem sómente consentir que entrasse dentro, e elle vendo suas intenções e seu não bom acolhimento tornou-se a dormir ao arrabalde, e assim se alojou com as gentes que levava.

Ora vêde quanto é de louvar Nuno Alvares em grandeza de engenho e avizamento de sua nova guerra. Certamente elle deve ser dado como por exemplo, aos grandes e virtuosos homens, nem nós não podemos contar louvor d'algum notavel barão em que elle notavelmente não haja parte. Porque vendo elle como levava alguma parte da gente nova, taes que ainda não foram em alguns perigos, e d'outros não sabia suas vontades quaes eram, cuidou de provar seu ardimento qual seria, quando se encontrasse com seus inimigos. E por quanto muitas gentes d'el-rei de Castella estavam entonce em Santarem, disse Nuno Alvares que lhe parecia razão, por não virem alguns d'elles pela ribeira do Tejo a fundo, de que elle parte não soubesse, e receber d'elles damno, que queria mandar poer de noite suas guardas e esuitas uma legua d'alli contra o castello de Palmel-

la, das quaes guardas e escuitas deu encargo de as requerer e poer a um escudeiro que chamavam Lourenço Fermandes de Beja, e fallou com elle em segredo, que de noite tornasse mui apresso dizendo que gentes de castellãos vinham a elle, e Lourenço Fernandes foi poer suas guardas e escuitas; e jazendo Nuno Alvares de noite dormindo em sua pouzada, chegou Lourenço Fernandes mui de rijo dizendo a Nuno Alvares que se apercebesse á pressa, que fosse certo que Pero Sarmento vinha a elle com trezentas lanças, affirmando que elle vira os fogos no lugar onde jaziam alojados.

Nuno Alvares mostrou que de taes novas era muito ledo, mandou logo dar á trombeta, e as suas gentes foram logo juntas com elle, e armados todos e prestes. Começando de amanher, Nuno Alvares partiu com suas gentes, e tanto que saiu do arrabalde, poz todos em batalha por ordenança, como devia.

E assim foram regidos por terra bem acerca de uma legua contra onde Lourenço Fernandes dizia que vira os fogos. E sendo já alto dia, disse que aquelles fogos, que elle vira, eram de almocreves que jaziam em um grande valle em sua ameijoada, e começaram de se tornar. Nuno Alvares olhou em elles e viu-os todos comsigo sem falecer nenhum, mostrando ardida vontade pera qualquer cousa que lhes aviera, e folgou muito com elles quando lhes viu tal desejo.

CAPITULO XCII

De que guisa Nuno Alvares escolheu dos seus os que tomou pera seu conselho.

O seguinte dia depois d'esto, chamou Nuno Alvares grão parte dos que comsigo levava, dizendo que queria fallar com elles algumas cousas que eram seu proveito d'elles, e proveito d'elle, e serviço de seu senhor o Mestre, e começou dizer assim:

— Amigos, eu vos direi o que tenho pensado sobre nosso feito e nos convem de boa razão havermos por vezes recado do Mestre, e elle tambem de nós: isso mesmo que hajamos a meude novas de nossos inimigos, por nos desviarmos de seu damno d'elles, e lhes empecermos mais a nosso salvo, que podermos; e sobre taes cousas como esta, convém de havermos nosso conselho, pera determinarmos cada um o que entendermos por mais serviço de nosso senhor, o Mestre, e des-ahi por amor de nós outros todos. E porque, fazendo-se este conselho presente quantos aqui somos, seria cousa mui devassa, logo sabida pelos de fóra, que pouco cumpre aos bons guerreiros: porém me parece que é bem que quando taes cousas ou outras similhantes vierem, onde cumprir vosso conselho, que eu falle com alguns de vós outros, crendo que elles tenham avantagem pera seguir seu acordo, logo aquelles que são seus iguaes se teriam por descontentes, e sempre seriam anojados, tendo que com desprazimento

os não fizeram do conselho, não os havendo por tão bons. E porém me parece que os de Lisboa escolham entre si quaes lhe aprouguer com quem falle meus segredos, e assim mesmo os de Evora e de Beja, e d'outros lugares se os hi houver, e d'esta guisa haverei meu conselho com elles como cumpre, e elles vos podem depois rezoar o que fôr pera descobrir, e requerer-vos quaesquer cousas que a cada um de vós outros pertença. Outro sim porque nós temos justa querela e razão pera defender nossa terra, crendo que Deus é justo juiz, cheguemos a Elle que nos ajude, e se assim fizermos tendo firme esperança em Deus, poucos de nós vencerão muitos. Além d'esto vos encomendo que vossa ajuda e acorro seja de tal guisa feita aos nossos naturaes, que andando nós pela terra pela defender, elles não sintam d'outra de nós tal damno como recebem de seus inimigos. D'outra guisa a mim convirá tornar a ello fazendo-vos algum desprazer, o que eu não queria por cousa que fosse.

Responderam elles entonce, dizendo: que lhes prazia muito de o fazer d'aquella guisa e que elle o cuidara tambem que melhor ser não podia. E que n'aquello e em todas as outras cousas lhe entendiam de cumprir vontade, quanto seu poder abrangesse.

Escolheram entonce os de Lisboa entre si pera serem do conselho, João Vasques d'Almada e Affonso Pires da Charneca, e Vasco Leitão, e Pedro Eanes Lobato. Os de Evora Diogo Lopes Lobo e João Fernandes d'Arca e Lopo Rodrigues Pessanha e assim outros, e começaram de lhe chamar senhor.

CAPITULO XCIII

Como Nuno Alvares mandou chamar algumas gentes, e das razões que propoz a todos.

NUNO Alvares ante que d'alli partisse ordenou logo officiaes, e fez um seu escudeiro que chamavam Affonso Gil, alferes de sua bandeira, e fez meirinho e ouvidor e cadeia e thesoureiro pera receber do thesouro do Mestre. E ordenou capella e prégador, e ouvia duas missas cada dia, que nenhum rei nem senhor até alli tinha em costume.

D'alli partiu Nuno Alvares com suas gentes, e se foi caminho de Montemór-o-Novo. E porque os homens bons do lugar não eram ainda bem firmes no serviço do Mestre, folgou ahi um dia e fallou com elles dizendo-lhes muitas razões boas por parte do Mestre, de guisa que foram mui contentes e firmes de em todo manter sua voz.

E em outro dia partiu Nuno Alvares de Montemór e foi á cidade de Evora onde foi bem recebido e lhe fizeram muita honra, e fallou com os da cidade aquello que cumpria por sua guarda e defensão do reino, da qual cousa foram todos mui contentes. E elle cidade graciosas palavras, e de bom conhecimento, e todos se contentavam de lhe obedecer como se de longo tempo o houvessem por senhor.

E d'alli escreveu logo a todos os lugares da comarca, que se viessem pera elle cada um prestes

com suas armas, como lhe cumpria, não lhe declarando porém causa, que fazer quizesse, e não embargando que lhe escreveu do Mestre seu senhor, não lhe vieram senão trinta lanças, e com duzentas que levava, eram duzentas e trinta, e entre piões e bésteiros ajuntaria até mil. E com estas gentes partiu logo de Evora e se foi a Estremoz, e ali houve novas certas que aquelles senhores de Castella e gentes que comsigo traziam, eram todos na villa do Crato, que estava por Castella, e vinham cercar Fronteira, e que eram muitos e bem corregidos.

Nuno Alvares como tal rezoado houve, por que pouzava no arrabalde e tinha pouca gente, mandou o lugar apalancar todo pera ser empacho e poderem vir, se algumas gentes a elle se de noite viessem, e assim estava em Estremoz aguardando as gentes que mandára chamar, que lhe não vinham, especialmente as de Elvas e de Beja, a que mais vezes escrevera que a outras, pero com suas afficadas cartas houveram-se de vir pera elle; e como todos foram juntos fez o alardo no rocio.

Era pouca gente d'armas e não bem armados, que não seriam mais de cavallo, que uns trezentos, e entre elles cento e oitenta de bacinete e poucos mais de mil homens de pé, e até cem bésteiros, e a estes fallou Nuno Alvares juntamente em esta guisa:

—Amigos, creio que já sabeis todos como o Mestre meu senhor e vosso me mandou a esta terra pera com ajuda de Deus e vossa a defendermos de algum mal e damno se lh'o os castelhanos quizessem fazer, de guisa que lhe demos todos d'ella bom conto. E porque eu hei por nova certa que o priol do Esprital, meu irmão, e o mestre d'Alcantara, e João Rodrigues de Castanheda e outros senhores com

soma de gente estão já no Crato, que é d'aqui muito acerca e são prestes pera entrar em esta terra de meu senhor o Mestre, por fazer todo o mal e damno que poderem, minha vontade é, com ajuda de Deus e companha de vós outros, de os ir buscar ante que entrem, e pelejar com elles, e espero na mercê de Deus, que nos dará d'elles tão bom vencimento porque sempre ficará de vós honrada fama e boa nomeada, e mais faremos ao Mestre meu senhor grande e estremado serviço, e a nós grão bem em defender nossa terra e bens, o que direitamente sois teudos de fazer.

Acabadas estas e outras muitas razões que Nuno Alvares disse por lhes fazer vontade e esforço, responderam todos a uma voz dizendo que cousa era muito pezada e não pera responder supitamente, mas que lhes desse espaço pera cuidar em ello e fallarem entre si.

Nuno Alvares foi d'esto mui pouco ledo, vendo a tenção porque o diziam, e pero que logo quizera a resposta, conveio entonce que se fossem, porque não podia mais fazer.

CAPITULO XCIV

Da resposta que a Nuno Alvares foi dada, como todos outhorgaram de ser com elle na batalha.

FALLARAM os melhores com estes que com elles vinham, isso mesmo uns com outros, grandes e desvairadas razões, e no seguinte dia havendo todos seu acordo foi a resposta dada em esta guisa:

—Nuno Alvares, senhor, nós entendemos bem todo o que nos hontem foi por vós proposto, e achamos que é cousa mui duvidosa de nos irmos em vossa companhia pelejar com aquellas gentes, por duas primeiras razões. A primiera é virem grandes senhores por capitães, com muitas e boas gentes, ca ahi dizem que vem D. João Affonso de Gusmão, conde de Niebra, e D. Diogo Martins, mestre d'Alcantara, e João Rodrigues de Castanheda, e Garcia Gonçalves de Grijalva, e Alvaro Pires de Gusmão, e Pero Ponce de Marchena, e João Gonçalves de Correnço, e o Craveiro, e Garcia Fernandes de Villa Garcia, e Martim Eanes de Barvuda e ainda dizem que vem um Fernão Sanches de Toar, almirante mór de Castella, e outros grandes senhores a que não sabemos os nomes, e que trazem comsigo mil lanças e muito bem corregidas, e muitos ginetes e bésteiros e grão somma de homens de pé. E segundo as poucas gentes que nós somos, tal peleja como esta, será muito desegual.

Disse entonce Alvaro do Rego, um bom escudeiro que andava com Nuno Alvares.

—Certo, senhor, que de muitas gentes, e boas que o são elles, porque eu conheço os mais dos capitães que aqui vem, e mais vos digo ainda, que leixada a outra gente que alli vem mais de bons, que nós aqui somos de communaes.

A isto respondeu Pedro Eanes Lobato, outro escudeiro que andava com Nuno Alvares, e disse:

— Quanto de mim vos digo, senhor, que taes os queria pera pelejar grandes senhores e bem delicados ante que escudeiros esfaimados, e homens de trabalho, que me dessem que fazer todavia, ca estes que veem banhados de agua rosada, e de flôr

de laranja, não se hão de ter muito, que os logo não vençaes. A outra razão disseram elles porque muitos duvidavam, assim é, porque vem ahi Pedro Alvares priol do Crato, vosso irmão, e duvidavam muito, e o hão por estranho, que vós pelejeis com vossos irmãos, e ante dizem que é cousa em que mui azinha poderam receber cajão e serem enganados, e todos mortos e perdidos e as villas d'onde são cobradas dos castellãos, em conclusão que será pouco serviço de Deus e do Mestre, e porém em conclusão vos respondem todos que nossa tenção é de não irmos comvosco a tal obra.

Nuno Alvares quando ouviu tal resposta foi mui annojado em sua vontade, pero sem sanha, e graciosamente respondeu entonce e disse:

— Amigos, eu não sei mais que diga do que vos já tenho dito, pero ainda vos quero responder a isso que me dissestes. Quanto é o que dizeis: que os castellãos são muitos, e vem grandes capitães e senhores com elles, tanto vos será maior honra e louvor de serem por vós vencidos, ca já muitas vezes aconteceu os poucos vencerem muitos, porque todo o vencimento é em Deus e não nos homens. Na outra cousa em que duvidaes segundo parece, que é a vinda de meus irmãos em sua companhia, a isso não temaes por nenhuma guisa nem Deus quizesse tal, que nenhum por mim fosse enganado, ca eu não os hei por meus irmãos n'esta parte, pois que vem por desviar a terra que os gerou. E não digo contra meus irmãos, mas em verdade vos juro, que ainda que ahi viesse meu padre, eu seria contra elle, por serviço do Mestre, meu senhor. E pera vós verdes que é assim, se a vós praz de em esta obra sermos todos companheiros, eu vos juro

e prometo que eu seja o deanteiro ante a minha bandeira, e o primeiro que comece a pelejar, e assim podeis vêr a vontade que eu tenho contra meus irmãos n'este feito. Mas não embargando vossa tenção ser todavia qual me dissestes, aquelles que quizerem ir pera suas casas e logares, vão-se com Deus, ca eu e esses poucou de bons portuguezes que commigo vem lhe entendo poer a praça.

E entonce aquelles que duvidavam, quando lhe taes palavras ouviram dizer, cobraram coração de o seguir e acompanhar, dizendo todos a uma voz que queriam ir com elle.

— Ora amigos, disse elle, eu vos rogo que os que commigo quizerdes vir a esta batalha, que vos passeis da parte além d'este regato d'agua, e os que não guizerdes dest'outra parte.

E elles disseram que todos passariam, e como quer que o assim disseram alguns se remordiam entre si, mostrando que mais o disseram com vergonha que por vontade de o fazerem, principalmente Esteve Eanes, o moço, e Mem d'Affonso de Beja, que se não poderam tanto ter, que não dissessem de praça que iam lá em forte ponto, que nunca de lá haviam de tornar.

Nuno Alvares fingiu que os não ouvia, nem curou de seus ditos, tanto era ledo com a resposta que lhe todos deram que queriam todos ir com elle.

E sendo assim ledo e seguro que todos iriam em sua companhia, propoz logo em outro dia bem cedo partir para a batalha. E jazendo dormindo em sua pouzada, á meia noite, pouco mais ou menos, chegou a elle Alvaro Coitado á pressa dizendo como Gil Fernandes e Martim Gonçalves, d'Elvas, tinham já sellado, e estavam armados, que se queriam ir

pera Elvas, não querendo ser na batalha com elle. Nuno Alvares como isso ouviu, alçou-se á pressa e foi-se a elles, onde estavam já mandando correger, e disse:

— Irmãos amigos, é pera vós de fazerdes tal obra? Leixardes tanta honra como vós tendes prestes, e fallecerdes do que prometido tendes, por vos tornardes pera vossas casas?

E contra Gil Fernandes, em especial, disse:

—E se quer vós Gil Fernandes, que eu pensava, e penso que sois um dos bons servidores que o Mestre meu senhor em esta terra tem? tal mingua mostraes vós e tal obra como esta? dizendo-lhe que mais prezava o seu corpo só, que quantos com elle vinham.

E elles se escusaram com boas razões, e elle com outras melhores os mudou d'aquella vontade outhorgando todavia que seriam com elle n'aquella batalha.

CAPITULO XCV

Das razões que Nuno Alvares houve com Ruy Gonçalves.

Como foi manhã com outro trespasso mandou logo dar á trombeta, e partiu com todos caminho de Fronteira, que era d'alli quatro leguas, pera onde os castellãos haviam de vir. E indo pelo caminho mandou deante algumas gentes por haver novas dos inimigos, onde eram.

E em esto não tardou muito um escudeiro castellão que chamavam Ruy Gonçalves, que em outro

tempo vivera com Nuno Alvares em casa de seu padre, e então vivia com D. Pedralvares, seu irmão.

Veiu mui rijo em cima d'um cavallo caminho da Fronteira, e chegou a Nuno Alvares que o recebeu mui bem, e lhe perguntou onde era seu irmão, e os outros senhores de Castella?

E elle lhe disse:

— Que ficavam em Fronteira, que seria legua e meia d'onde elle achou Nuno Alvarés, o qual lhe perguntou que fazia, e elle lhe disse que tinha tenção de combater o lugar.

E Nuno Alvares lhe perguntou a que vinha, e que lhe dissesse verdade se vinha por enculca e por cujo mandados. E Ruy Gonçalves disse:

— Bem vêdes vós senhor Nuno Alvares, que em esto, nem al eu não vos hei de dizer senão a verdade, que vós sede certo que a vosso irmão, e aquelles senhores de Castella fizeram entender, que vos apercebieis e ereis prestes pera os hirdes buscar e lhes poer batalha, e d'isso se maravilharam, que muito de muito lhe é grave de ter e crêr terdes vós tão pouca gente, como elles sabem que vós tendes, trabalharde-vos de tal cousa, e fallaram com vosso irmão que lhe parecia d'esto. E elle respondeu que não sabia, pero que de certo certificava, que se vós em este feito alguma cousa haveis começado, vos conhecia por tal, que a levareis a deante, até morrer. E os outros lhe disseram que prouvesse de me mandar a vós por vossa tenção. E além d'esto elle vos envia dizer o que cometeis, ca é cousa muito duvidosa pera vós com tão pouca gente como tendes, irdes pelejar com tantos e tão grandes senhores, como alli estão. Ca vos faz

certo, que alli estão taes capitães e assim corregidos, que ainda que el-rei D. Fernando fosse vivo, elle teria que fazer de lhe poer a praça. Maiormente vós da guisa que estaes, que vol-o não ha por cordice, porque se vós n'aquella batalha fordes, não ha defensão em vós, nem elle em tal obra vos poderá ser bom, e que porém lhe prazeria, e assim vol-o manda aconselhar como a seu irmão, que cesseis d'isto e escolhaes de duas cousas uma. Que ou vos torneis pera seu senhor el-rei de Castella por o qual vos faz segurança, que vos fará muitas mercês, e vos acrescentará de guisa que sejaes bem contente, ou que esteis em Estremoz, como estaveis, e os leixeis ir pela terra como entendem fazer, e não queiraes perder a vós mesmo, com as gentes que comvosco tendes.

Nuno Alvares ouvindo aquellas razões, respondeu ao escudeiro e disse:

— Ruy Gonçalves, eu hei bem entendido as cousas que dissestes, e breve vos responderei; respondo assim: que vós digaes ao priol meu irmão, que eu em este feito não quero seu conselho nem Deus não queira que o haja de querer, do que me mandou dizer, e que assim o diga aos outros senhores, que eu da tenção que tenho tomada, não me mudarei em nenhuma guisa, senão com ajuda de Deus leval-a a deante, mas que se apercebam pera a batalha, que eu com esses poucos de portuguezes que comigo tenho, lh'a entendo ir poer, e não sei hora cousa que mais deseje, que ser já n'ella, e antes de pequeno espaço serei com elle a Deus prazendo, e d'esto não duvidem. E rogo-vos Ruy Gonçalves amigo, que tanto façaes por meu amôr, que vos vades com este recado o mais á pressa que

poderdes, até matar o cavallo, ca entendo que não podereis ir tão azinha, que com ajuda de Deus não seja d'elle mui acerca.

CAPITULO XCVI

Como Nuno Alvares poz batalha aos castelãos, e os venceu.

Partiu Ruy Gonçalves como lhe Nuno Alvares encommendou, e foi mui á pressa quanto o cavallo o podia levar, a trote e a galope, e chegou mui azinha a Fronteira, onde aquelles capitães com suas gentes estavam, e como chegou falou ao priol e aos outros senhores todo aquello que a Nuno Alvares dissera, e o que lhe havia respondido, e elles como o ouviram cessaram logo da obra que tinham começada pera o combate á villa, e com grande aguça se perceberam pera irem á batalha, e elles que começavam sahir do arraial, onde pousavam caminho de Estremoz, pera onde Nuno Alvares vinha.

E Nuno Alvares com suas gentes, era já em logar bem convinhavel pera a batalha, onde chamavam os Atoleiros, uma meia legua pouco mais ou menos áquem de Fronteira. Como Nuno Alvares foi em aquelle logar, sendo certo que os castelãos vinham á batalha, fez logo descer pé terra todos os homens d'armas, e d'essa pouca gente que tinha concertou suas batalhas de vanguarda e reguarda, e ala direita e esquerda, e fez concertar os bésteiros e homens de pé pelas alas onde entendeu que melhor

estariam pera bem pelejar, e receando-se dos homens de pé que lhe não fallecessem, por os castelãos que eram muitos, poz alguns homens d'armas com elles, dizendo-lhes que se elles vissem que tornavam atraz que os matassem.

E isto assim concertado começou de andar pelas batalhas em cima de uma mula, esforçando as gentes com boas palavras, com gesto ledo e vulto prazivel, dizendo a todos quatro cousas, que se lembrassem d'ellas, e as firmassem em seus corações. A primeira que se encommendassem a Deus e a Santa Maria sua madre que os quizesse ajudar contra seus inimigos, pois que tinham querella justa. A segunda, como vinham elles pera defender a si e a suas casas e bens e se tirarem da sujeição em que os el-rei de Castella queria poer contra razão e direito. A terceira como eram alli por servir seu senhor e alcançar grande honra que a Deus prazeria de lhe dar mui cedo. A quarta que firmassem em seu entendimento de soffrer todo o trabalho e aporfiar na batalha não uma hora mas um dia se mister fosse.

E estas foram suas palavras de esforço, antes que entrassem á batalha, as quaes assim ditas os castelãos eram já muito acerca, e Nuno Alvares se desceu logo da mula em que andava e se poz na vanguarda com os primeiros ante a sua bandeira, assim como prometera, e era isto uma quarta feira de trevas no mez de Abril, não tendo ainda comido nenhuma cousa, e fincou os giolhos em terra, e fez sua oração á imagem do crucifixo e da sua preciosa madre, que trazia pintada na sua bandeira, e isso mesmo todos os seus, os giolhos em terra, com as mãos alçadas, fizeram suas orações, e

muitos d'elles choravam, e beijou a terra, e alçou-se em pé e poz seu bacinete sem cara, e tomou a lança nas mãos que lhe trazia o pagem, e disse contra os seus:

—«Amigos, nenhum duvide de mim, todos aquelles que me ajudardes, Deus seja que vos ajude, e se eu aqui morrer por vossas culpas e minguas, Deus seja aquelle que vos demande minha morte.

Os castelãos traziam vontade de pelejar pé terra, e Nuno Alvares assim o entendia, e quando viram os portuguezes postos n'aquella guisa pera morrer ou vencer, mudaram seu proposito e ordenaram de virem á batalha a cavallo, atrevendo-se que eram muitos e bem cavalgados, que logo os desbaratariam como dessem n'elles, a qual cousa a todo o homem rezoado parecia ser assim, e começaram suas batalhas a cavallo, e os ginetes apartaram com a carriagem em uma ladeira de um pão verde, acerca d'onde havia de ser a batalha.

Entonce moveram os castelãos com grande esforço as lanças sobre os braços mui rijo de encontro, dando grandes vozes e alaridos chamando: Castella, Santiago.

Nuno Alvares e os da sua parte chamando: Portugal, S. Jorge, abaixando suas lanças cada um ao seu, e os cavallos topando em ellas, alguns d'elles cahiram logo em terra com seus donos, e outros antes que de todo chegassem a topar na batalha, eram já feridos de virotões e dardos que lançavam os homens de pé por cima dos homens d'armas, e os cavallos alvoroçando-se lançavam de si os que n'elles vinham, e com as feridas queriam dar volta, e tornando atraz, e topando em outros cahiam em

térra. Similhavelmente vinham os outros de refresco, que estavam atraz pera isso prestes, e assim lhe avinha como aos primeiros. E Nuno Alvares com os seus sobre elles matando, de guisa que prouve a Deus de os castelãos serem desbaratados. E posto que a batalha fosse pelejada de vontade, mui pouco espaço durou que se logo não venceu, e foram mortos ao primeiro ajuntar quarenta homens d'armas, e depois outros até setenta e sete, e dos portuguezes nenhum morto nem ferido. Entre os quaes foi hi morto o Mestre d'Alcantara e Pero Gonçalves de Sevilha, e Ruy Gonçalves, o Craveiro e outros bons fidalgos que não eram de tamanha conta, e foram feridos o almirante e o priol, e Garcia Gonçalves de Grijalva.

Mas n'este passo escrevem alguns duas razões repugnantes á verdade. A uma é que por má ordenança que os castelãos em si pozeram foram entonce desbaratados. A segunda, que aquelles que ficaram vivos, que se recolheram em um e que os portuguezes os não ousaram mais cometter, a qual cousa por favor nem encobrir mingua, não se deve assim de escrever, que o auctor da historia não deve ser inimigo, mas escrivão da verdade, a qual foi d'esta guisa:

O conde de Niebra, e o priol do Crato e o almirante, e Martim Eanes de Barbuda, que se chamava Mestre d'Aviz, e outros capitães com muitos dos seus, depois que se viram fóra da batalha, não quizeram tornar mais a ella, mas começaram de fugir uns pera o Crato, e outros pera Monforte e pera outros lugares que tinham voz por Castella, e indo assim fugindo, disseram alguns ao almirante, dos que iam com elle, que desse volta e tornasse á pe-

leja, que assaz eram de gentes pera elles. E elle respondeu aos que lh'o diziam e disse:

—«Homem morto não torba soldo, ande a bandeira e vá-se, que depois que homem é uma vez desbaratado, mal torna outra vez a talho. E dizer que ordenaram mal sua peleja a verdade isso não consente, ca hi vinham senhores e capitães, assim portuguezes como castelãos, assim sabedores da guerra, com tanta e tão boa gente, que não sómente pera Nuno Alvares, com aquelles poucos que comsigo trazia, mas pera um mui alto principe, elles eram bastantes pera ordenar bem sua batalha e pelejar com elle, e com tal ardideza e boa ordenança os cometeram.

Mas ao mui alto Senhor Deus em cuja mão é todo o vencimento e poderio de dar muitos nas mãos dos poucos, prouve então de dar victoria aos portuguezes, os quaes vendo como os castelãos fugiam foi logo Nuno Alvares a cavallo com mui poucos dos seus, porque tão á pressa não poderam haver todos bestas, e seguiu o alcance uma grande legua, até que por noite foi forçado de se tornar, dizendo-lhe alguns dos seus que aquillo era tentar a Deus, não se contentar da mercê que lhe Deus fizera, e seguir o alcanço tão longe. E Nuno Alvares se foi pera onde foi a batalha, e mui tarde foi dormir a Fronteira, e em se tornando acerca do logar, chegou um escudeiro á pressa, armado, em cima d'um cavallo, e meteu-se entre os portuguezes, s. João Vasques d'Almada e Pedro Eanes Lobato e outros, e depois lhes fallou:

—«Mantanha-vos Deus, senhores. E disse se seria seguro.

—Sereis, disseram elles, mas dizei-l'o já muito tarde.

Então lhe perguntaram que homem era e a que vinha.

E elle disse que era filho de Pero Gonçalves de Sevilha, e que vinha saber se era morto ou preso ou de que guisa estava.

E elles levaram-n'o a Nuno Alvares, e depois que lhe fallou e soube o porque vinha, entonce o certificaram que era morto, e quem fôra que o matara. E Nuno Alvares mandou que o gazalhassem bem, e que lhe fizessem toda a honra.

Onde aqui notae que Nuno Alvares foi o primeiro que da memoria dos homens até a este tempo poz batalha em Portugal pé terra, e a venceu.

CAPITULO XCVII

Como Nuno Alvares cobrou Arronches e Alegrete.

D'ESTA bemaventurança primeira que Deus deu a Nuno Alvares e aos portuguezes, foram mui ledos todos os d'aquella comarca que voz e vontade por Portugal tinham, e muitos d'ahi em deante com bom desejo se vinham pera elle, e lhe eram obedientes em toda cousa que lhes mandava, isso mesmo o Mestre quando o soube em Lisboa, onde estava prestes pera ser cercado tomou com taes novas grande prazer, e el-rei de Castella pelo contrario, que era entonce na comarca do termo d'Obidos.

E no seguinte dia depois da batalha Nuno Alvares logo pela manhã, sem mais repousar de seu trabalho, se fez prestes, e partiu pera Monforte,

onde estava Martim Eanes da Barbuda, que dissemos, cavalleiro portuguez, e mui afamado por mui bom homem d'armas, com muitas gentes comsigo, com que fugira da batalha.

E Nuno Alvares levava tenção que se elle sahir não quizesse, que o combatessem. E depois que foi em Monforte, as gentes que dentro eram não quizeram sahir, pero eram bem trezentas lanças, e por o lugar ser forte, e muitas gentes n'elle, e Nuno Alvares não ter artificios de combate, não curou de o combater, pero esteve ahi um dia, no qual se fizeram boas escaramuças entre os portuguezes e os da villa, em rosto das barreiras, sem se fazer porém cousa que de contar seja. E outro dia pela manhã, que era dia de Endoenças, se foi Nuno Alvares de pé e descalço em romaria a Santa Maria do Açumar, que é uma legua d'ahi, egreja bem devota, e todos os seus de pé com elle. E como chegou á egreja achou-a mui suja das bestas dos castellãos, que n'ella mettiam quando por hi passavam, e ante que se aposentassem a mandou limpar, e elle foi o primeiro que começou a tirar o esterco fóra.

Em esto veiu recado de alguns portuguezes a Nuno Alvares, que podia tomar Arronches, que estava por Castella, e lhe dariam a villa.

Nuno Alvares foi d'aquesto mui ledo; partiu pera lá, e foi dormir ao Açumar, e mandou seu recado aos que a villa haviam de dar, que maneira havia de ter, e houve essa noite logo resposta. E outro dia, grande manhã, cavalgou com suas gentes, e chegando á villa foi recebido n'ella, e como foi dentro começaram de combater o castello de toda a parte, e em elle estavam bons cavalleiros castellãos, s. Af-

fonso Sanches e comsigo até trinta lanças, e outros portuguezes.

O combate foi grande, e queimadas as portas do castello e entrado por força, foram todos tomados, e a Affonso Sanches e Sancho Sanches houve Gil Fernandes, e os levou presos comsigo quando se tornou com as gentes d'Elvas, e cobraram os portuguezes em aquelle lugar cavallos e armas, e outras cousas de que se aproveitaram.

E outrosim de Alegrete, que tambem estava por Castella, lhe mandaram dizer que mandasse receber o lugar pera o Mestre, e Nuno Alvares mandou logo lá um bom escudeiro que chamavam Martim Affonso de Aramenha, que d'alli era natural, mas morava em Portalegre, e alguns outros com elle, a receber o logar, e foi-lhe entregue, e assim ficaram por o Mestre Arronches e Alegrete, e leixou Nuno Alvares em Arronches seu tio Martim Gonçalves, e teve alli a paschoa, e mandou muitos que se fossem pera suas casas, e que estivessem prestes como vissem seu recado, e elle partiu pera Estremoz, e d'alli pera Evora, e depois pera Montemór.

CAPITULO XCVIII

D'uma entrada que os portuguezes fizeram por Castella, e do roubo que tomaram.

Se sois bem alembrado do que tendes lido, el-rei de Castella é em termo d'Obidos, esperando sua frota pera ir cercar Lisboa, e emquanto Nuno Alvares está de folga, e o Mestre aguardando seu poderoso cerco, por este tempo não ficar de va-

go, vejamos emtanto algumas cousas, posto que ligeiras sejam, até que a frota de Castella venha, a que havemos de tornar; onde assim haveiu que alçando voz por a rainha muitos alcaides de castellos, como ouvistes, mandou o Mestre Vasco Porcalho, commendador mór de sua Ordem, a Villa Viçosa por alcaide, e que lançasse fóra Garcia Pires do Campo, Craveiro da dita ordem, porque era criado da rainha, de que tomavam suspeita. E tendo Vasco Porcalho assim sua voz, mandou o Mestre que Alvaro Gonçalves Coitado estivesse em Villa Viçosa com trinta escudeiros naturaes da dita villa, porque elle era d'esse mesmo lugar. Este mesmo Alvaro Gonçalves Coitado, era muito amigo de Pero Rodrigues, alcaide do Alandroal, e acordaram ambos de fazer uma cavalgada em Castella, porque nenhuns que voz entonce por Portugal tivessem eram ouzados d'esto cometer, por quanto Pero Rodrigues da Fonseca estava em Olivença, mui poderoso, com quinhentos de cavallo, entre homens d'armas e ginetes, de guisa que toda aquella comarca era temerosa ante elle, e os gados todos mui seguros ao longo do extremo da parte de Castella.

O acordo feito, e o dia divisado, juntou Alvaro Gonçalves seus trinta escudeiros e cento e cincoenta homens de pé, do Alandroal, assim que eram por todos quarenta e cinco de cavallo, e duzentos homens de pé. E juntos assim pera entrar por Castella passaram de noute Odeana por o posto de Cerva, e foram ao exido de Chelas, sobre o quarto da alva, e fizeram preza em dois fatos de vacas de Garcia Gonçalves da Silva, e tomaram quatorze vaqueiros, e arrancaram as tendas, e carregaram os fatos com todos seus aparelhos. E assim tomaram

vaccas, novilhos e eguas com seus pastores, e não escapou mais que um que foi dar nova a Villa Nova de Fresno e a Alconchel, logares do senhorio de Castella. E Pero Rodrigues e Alvaro Coitado mandaram trazer a cavalgada aos homens de pé, e lhes deram dez de cavallo que viessem com elles, e elles com os besteiros ficaram em resguardo se algumas gentes recrescessem pera pelejar. A qual cavalgada passaram por Ferreira e vieram com ella pelo Soveral derredor entre a villa do Alandroal e Jerumenha, até o campo de Pardães onde está uma egrega de S. Marcos, e n'aquelle campo partiram suas cavalgadas, os capitães suas direitas partes, e cada um dos outros o que se lhe montava, e o quinto que o Mestre dera a Alvaro Coitado, não quiz aquella hora havel-o pera si, mas que se partisse por elles, de que todos foram mui contentes, e agradeceram-lh'o muito e acharam em aquella preza oitenta novilhos, que andavam apartados em um dos fatos, e as vaccas eram mil e quatrocentas, e eguas eram vinte e seis, e nove poldros de tres annos, e outros poldrinhos pequenos. E as eguas deram a Alvaro Coitado, que mandou pera uma sua quinta acerca de Benavente.

E esta foi a primeira cavalgada que os portuguezes fizeram em Castella no começo d'esta demanda.

CAPITULO XCIX

Como Vasco Porcalho foi lançado de Villa Viçosa por suspeita que d'elle tomaram.

Esta cavalgada e roubo assim feito soube Pero Rodrigues, certo, que o commendador-mór Vasco Porcalho, recebera cartas de Pero Rodrigues da Fonseca contra serviço do Mestre e fel-o saber a Alvaro Coitado em Villa Viçosa, onde estava, e quando o escudeiro chegou com este recado estava Vasco Porcalho na praça da villa, e Alvaro Gonçalves se fez prestes de o prender, fallando-o primeiro com alguns da villa, e tomada a porta da traição com besteiros e homens de pé, que não leixassem sahir nem entrar nenhum, mandou poer á porta do Castello dez escudeiros, e cercou todas as portas da villa e a grande pressa mandou ao Alandroal, que é d'ahi uma legua, a chamar Pero Rodrigues, o qual como viu seu recado cavalgou com dez escudeiros, e sessenta homens de pé, e a mui grão pressa chegou hi, e Alvaro Gonçalves, que tinha já tomada uma torre grande, que está sobre uma das portas, que lhe mandou abrir, e como se viram, fallaram ambos e não foi ouvido. E logo com os seus e com todos os da villa, chegaram aos paços da Ordem, onde já o commendador estava com quinze escudeiros e trinta homens e dez besteiros, e a rua dos paços bem apalancada pera se defender.

A gente era muita e foi logo quebrado o palanque, bradando todos a alta voz dizendo todos:

—Morra, morra o traidor com quantos tem, que nos tinha vendido a el-rei de Castella.

Dizendo todos que lhe pozessem o fogo, fizeram-nos estar quedos, e mandaram dizer que se sahisse Vasco Porcalho. Depois que seguraram elle e os seus, sahiu dos paços fóra a fallar com elles.

E afastados a uma parte perguntou o commendador-mór porque se demoveram a o deshonrar e matar sem por quê, cercando-lhe seu castello de menagem, em que o Mestre seu senhor o pozera, e que lhe tinha feito por elle menagem.

—Na qual cousa, disse elle, não me parece que fizestes bem, nem houvestes bom conselho, nem o Mestre, cujo criado e freire eu sou, não o haverá por bem, nem vol-o terá em serviço. E digo-vos que eu lhe entendo de escrever todo o mal e deshonra que me por vós é feito.

Ditas estas e outras razões que largamente propoz por sua querella, respondeu Alvaro Gonçalves e disse:

— Cavalleiro vós não vos agraveis, nem hajaes por mal cousa nenhuma d'estas que são feitas, nem que vejaes fazer. E nenhuma se faz por vos deshonrar nem matar, mas por o entendermos assim por serviço do Mestre nosso senhor. A nós é dito, e somos d'ello certo, que vos carteaveis com Pero Rodrigues da Fonseca, alcaide de Olivença, e que ha já tres mezes que sois vassalo d'el-rei de Castella e recebestes d'elle mercês e lhe prometestes de dar esta villa, e que em Olivença estão trezentas lanças de castellãos que hoje haviam de tomar posse da villa. E por que isto seria mui grão

mal e damno e desserviço do Mestre nosso senhor, queremos ser de vós seguros, e queremos que entregueis este logar, e então vós hi pera elle, mostrando-vos sem culpa d'isto, e servi-o no que vos mandar, e aqui não ha mister mais razões nem escuzas coloradas, ca vos não hão de conhecer d'ellas, mas hoje será o castello chão com a villa, e a ponte quebrada, e todo mais que entendermos por segurança do logar e serviço do Mestre nosso senhor.

A esto deu elle sua resposta porque quiz mostrar que não era assim, e elles disseram que não arrazoasse mais sobre tal historia, ca bem sabiam que era verdade, e que lhe entregasse logo o castello, que por entonce não devia de fallar n'elle.

Vasco Porcalho não podendo mais fazer, chamou logo um escudeiro de que muito fiava, e mandou que se fosse com elles e que lhe entregasse o castello, tomando primeiro instrumento da força que lhe faziam, e protestando de não encorrer em caso de desleal pelo preito e menagem que d'elle fizera.

Tomaram entonce posse do dito castello, e mandaram quebrar a ponte do castello da porta da traição, e taipar a porta das partes de fóra, e fizeram que se servisse a villa e o castello todo em um, e o commendador foi fóra com todas suas cousas, e quantos com elle estavam.

CAPITULO C

Como o Mestre mandou entregar a Vasco Porcalho o castello, como antes tinha.

Partiu o commendador pera Lisboa, com aquelles que com elle aguardavam, e o Mestre os recebeu mui bem, não embargando que Pero Rodrigues e Alvaro Gonçalves lhe tinham já escripto, como se todo passara.

Vasco Porcalho fez grande queixume ao Mestre, mostrando que lhe fôra feita grão deshonra por inveja e não por ser verdade o que d'elle disseram. O Mestre relevou tudo com boas razões, dando lhe de si bom gasalhado, e esteve assim alguns dias. E comendo uma vez o Mestre, servia ante elle de copeiro o commendador e no fim da mesa deu agua ás mãos, e depois que levantaram as toalhas, o Mestre o chamou e disse-lhe:

—Commendador, não sejaes triste por esto que assim passou, por que aquelles que o fizeram entenderam que me faziam serviço, mas eu não embargando isso, quero de vós fiar muito mais do que fiava d'aqui adeante, e quero que sejaes tornado a vossa honra, e que vos entreguem o meu castello de Villa Viçosa, como d'antes tinheis. E se me vós fordes desleal, sereis o mais tredor homem do mundo, serdes vós freire da minha ordem, e meu cavaleiro, e cuidardes vós nenhuma traição contra mim, isso não poderia eu crêr, nem creio que vos fez Deus

tal que trabalheis de poer sobre vosso nome apellido vergonhoso. Eu vos mandarei dar minhas cartas pera Alvaro Gonçalves e Pero Rodrigues, e pera os homens bons d'essa villa, que vos entreguem vosso castello, como o d'antes tinheis, e a vós hei por bom e por leal, e eu creio que vós sois tal que fareis vosso dever, e eu vos farei por ello mercês. E mando-vos que hajaes todavia boa amizade com esses cavalleiros e elles pelo meu vos honrarão e vós assim o fazei a elles e a esse conselho.

O commendador ouvindo esto, beijou a mão ao Mestre, dizendo lhe:

— Que lh'o tinha em grande mercê em o querer tornar a sua honra, que já se havia contado com os mortos sem culpa, que em elle houvesse, ca seu coração não cuidava outra cousa porque o desservice, nem Deus não quizesse que tal mingua por elle passasse.

Estas e outras muitas razões lhe disse o traidor, porque o Mestre o havia ca de haver por mais sem culpa.

Entonce mandou o Mestre escrever suas cartas de crença pera Alvaro Gonçalves e Pero Rodrigues, e pera o conselho, da maneira que com elle tivessem, e elle se despediu do Mestre e se veiu a Villa Viçosa e pousou no mosteiro com os que trazia, e mandou as cartas a Alvaro Gonçalves, e a Pero Rodrigues, ao qual pezou muito quando viu tal recado, e deixou bom recado na villa e foi fallar a Alvaro Gonçalves Coitado pera haver conselho com elle. E quando chegou a Villa Viçosa, achou que Alvaro Gonçalves tinna todas as portas da villa cerradas de pedra e não estava nenhuma aberta, salvo um postigo que está sob o poderio de uma

grande torre, e a aquelle postigo estavam dez homens d'armas e vinte peões e seis bésteiros, e por alli entrou Pero Rodrigues, e depois que fallou a Mecia Pires, mulher de Alvaro Gonçalves Coitado, foi-se áquella torre onde estava e mostraram as cartas um ao outro, e viram que vontade era do Mestre de Vasco Porcalho ser tornado a posse do castello, e assim como antes.

E pero lhes muito pezasse, os da villa houveram acordo de cumprir o mandado do Mestre, e mandaram-n'o chamar, que se viesse pera seu castello, pois era mercê do Mestre de o elle ter.

CAPITULO CI

Como Vasco Porcalho prendeu Alvaro Gonçalves por arte.

Depois que Vasco Porcalho entrou no logar, fallou a Alvaro Gonçalves e Pero Rodrigues com boas e mesuradas razões como é costume dos que querem enganar, dizendo-lhe que lhe perdoasse se os anojára em alguma cousa e que elle era prestes pera serviço do Mestre em todas as cousas que lhes elles mandassem, e tivessem por bem, e que lhes prometia boa e verdadeira amizade, e que fossem em um amor e em uma vontade.

E tal conversação deu de si a todos e por tal modo que elle tornou a repairar o castello como d'antes estava, havendo-o todos por bem feito, e poz muita pedra no muro, e por cima das ameias grossas traves, e acalmou-se de lenha e carnes e outras cou-

sas que pera defensão pertenciam, dizendo que assim lh'o mandara fazer o Mestre. E em fazendo estas cousas, fingiu grande amizade com Alvaro Coitado, e foi seu compadre de um filho que Alvaro Gonçalves baptisou, ao qual baptismo veiu Pero Rodrigues, alcaide do Alandroal, e depois que todos comeram com Alvaro Gonçalves, tornou-se Pero Rodrigues pera onde viera, e Alvaro Gonçalves não foi aquella noite dormir a aquella grande torre da villa de que ainda estava de posse; mas como foi serão veiu-se Vasco Porcalho pera elle, mostrando que vinha como seu compadre, e tomar com elle prazer, e veiu-se com elle alta noite, até que entraram cincoenta escudeiros e duzentos homens de pé, que tinha escondidos dentro no castello, e prendeu Alvaro Coitado e sua mulher e filhos e quantos com elle estavam, e os levaram subitamente á torre da menagem, e lhe roubou as casas de quanto n'ellas tinha, e aquelle serão entraram no castello duzentas lanças de castellãos, e a madrugada deram ás trombetas e alevantaram bandeira na torre de menagem, bradando em altas vozes:

— Castella, Castella.

Quando os da villa viram os castelãos comsigo foram mui desacordados e postos em gran turvação, assim pela tomada da villa, como pela prisão de Alvaro Gonçalves, abriram o postigo, e começou a gente de fugir pera Borba, assim de pé como de cavallo, e o commendador folgava por livrarem a villa, e se irem todos, como de feito foram e seus criados.

Entonce começou Vasco Porcalho de fazer má vizinhança a Pero Rodrigues, alcaide do Alandroal, e assim fazia Pero Rodrigues a elle.

Os do Alandroal passavam já fracamente de mantimentos comendo pão de bolotas, e d'outras asperas cousas.

O commendador como prendeu Alvaro Coitado fel-o a saber a el-rei de Castella, e que lhe mandasse dizer como era sua mercê de fazer d'elle. E isso mesmo escreveu Pero Rodrigues ao Mestre, como o traidor commendador de que elle fiára, dera Villa Viçosa a el-rei de Castella, e como tinha preso Alvaro Coitado. E ao Mestre pezou muito e mandou a Pero Rodrigues que pozesse bom recado na villa que tinha.

Veiu recado d'el-rei de Castella, e mandou o commendador a Alvaro Coitado á torre de Olivença, por ser hi melhor guardado, e uma carta a Pero Rodrigues da Fonseca que o guardasse bem.

Nuno Alvares soube parte como Alvaro Conçalvel fôra preso, e pezando-lhe muito escreveu a Pero Rodrigues, do Alandroal, que fizesse muito por saber se haviam de levar d'alli a Alvaro Coitado, e escreveu-lhe que sim, mas que não sabia como nem quando, e Nuno Alvares lhe enviou alguns escudeiros pera os ter comsigo e ordenar com elles se podesse, como fosse tomado aos castellãos, quando o levassem pera Olivença, dos quaes era um Affonso Pires o Negro, que depois foi alcaide de Villa Viçosa, e Lourenço Martins do Tojal, e Gonçalo Cão, e Gonçalo Colaço, e Lourenço Pires Cinza, e Gonçalo Lourenço de Sampaio e outros bons escudeiros, aos quaes mandou que fizessem todo o que Pero Rodrigues ordenasse, e elles assim o disseram quando a elle chegaram, e elle o agardeceu com boas palavras, e folgou muito com elles.

CAPITULO CII

Como os portuguezes pelejaram e os venceram, e desbarataram.

Logo como estes escudeiros chegaram, cavalgaram uma noite de Villa Viçosa o commendador de Alcantara, e o commendador de Calatrava, com certos de cavallo e de pé, e foram correr termo d'Evora, e por aquella comarca, e indo elles grande noite muito encobertos, um moço portuguez natural de Borba, que chamavam Rodrigo Valejo, ia por pagem de um castellão, que se dizia Diogo Gonçalves Maldonado, e fugiu-lhe no caminho, no quarto d'alva, e foi-se á villa do Alandroal dar novas a Pero Rodrigues, alcaide do logar, como aquellas gentes eram entradas a roubar o termo d'Evora, que eram dozentos de pé, entre almograves e outras gentes, e cento de cavallo com gentes que com elles iam, e disse-lhe o caminho que levavam, e a falla onde haviam de fazer prea.

Quando Pero Rodrigues isso ouviu, foi mui ledo com taes novas, e muito mais o foram os escudeiros que Nuno Alvares alli mandára, porque Vasco Porcalho dera os bens d'alguns d'elles que eram de Villa Viçosa. E Pero Rodrigues houve logo conselho com elles como lhes parecia, que era bem de fazer em tal cousa, e acordaram todos, como quer que a gente fosse muita, que os fossem aguardar no caminho, e pelejassem com elles todavia.

E Pero Rodrigues fez logo fazer prestes os que comsigo havia de levar, e eram com os escudeiros de Nuno Alvares, vinte e seis de cavallo, e setenta homens de pé, e tomaram o caminho de Estremoz cavalgando o mais á pressa que poderam até á estrada que vae de Villa Viçosa pera a cidade de Evora, e levaram comsigo o moço que lhe as novas trouvera, a que lhe poz na trilha que os castellãos passavam, e isso mesmo da serra, e alli houveram accordo que no posto d'ella se pozessem, onde seriam tão bons os poucos, como os muitos, e acordando que alli os aguardassem a qualquer ventura que lhe Deus quizesse dar.

Encobriram-se os de cavallo e os de pé, em um baixo, e poz Pero Rodrigues duas atalaias, que devisavam grande terra por aquelle campo, e elle estava com uma d'ellas. E assim estiveram des hora de prima até meio dia, que viram vir os de pé tangendo a cavalgada, e com elles dez de ginetes em guarda. Era a cavalgada mui grande á maravilha, que elles traziam cinco mil ovelhas e cinco mil e quinhentas cabras, e entre homens e moços até sessenta e dois metidos em tres baraços. Os de pé vinham todos com a presa e com elles dez ginetes, e os homens d'armas ficaram em resguardo de traz.

Com tal segurança traziam sua cavalgada, como se estivessem em Castella. E em esto pareceu a gente d'armas, e vinham fazendo mór vista do que eram. E leixaram a estrada que traziam direita, e foram correr ao Redondo, que estava d'ahi muito perto, e escaramuçaram ao derredor da villa com alguns dos que ahi estavam.

E quando Pero Rodrigues e aquelles escudeiros esto viram, disseram uns aos outros:

— Agora é tempo de darmos sobre estes de pé, que aqui vem com a cavalgada, e sobre estes ginetes antes que lhe venha acorro de gente d'armas.

E logo se repartiram em duas partes assim os de pé como os de cavallo, e foram dar nos de pé e nos ginetes, assim como vinham, e nos primeiros golpes derribaram cinco ginetes, dos de pé cincoenta e tres de taes feridas, que não houveram mister mestre que os curasse, e mau seu grado desampararam a cavalgada e começaram a fugir pera a serra aquelles que o poderam fazer, ca os portuguezes assim de pé como de cavallo, e os que elles traziam captivos, que foram logo soltos, os seguiam mortalmente matando e prendendo em breve espaço. Foram entre mortos e presos cento e vinte e tres, e os outros escaparam na serra, e fez Pero Rodrigues com armas e béstas dos cinco que cahiram cinco escudeiros de homens de pé, que o bem mereciam, assim que já eram trinta e um de cavallo pera pelejar.

Os cinco ginetes que escaparam foram dar novas aos homens d'armas, como a cavalgada era em poder dos portuguezes, e muitos dos seus mortos e presos.

E elles com grande menencoria recolhendo-se todos ao maior andar que poderam, por fóra da estrada, e vieram sobre o logar, onde fôra a peleja, e acolheram-se a um cabeço mui alto, d'onde podiam bem vêr quantos eram os portuguezes.

Pero Rodrigues quando os assim viu houve accordo com os escudeiros, que posto que a peleja mui desegual fosse, e antes que os castellãos cobrassem esforço de vir a elles, que os comettessem elles primeiro.

Entonce poz os de pé todos a uma parte, e mandou lhe que estivessem quedos, e não se descorregessem por cousa que vissem, ca elles queriam ir cometter aquelles de cavallo ante que elles houvessem acordo, e se virem com elles, e se com elles não podessem, que então se recolheriam onde elles estavam, e que elles não houvessem dó de partir os dardos e lanças pelos cavallos dos castellãos. Entonce pozeram as lanças sob os braços, e bradando todos por Portugal e S. Jorge, foram ferir nos inimigos.

Os commendadores com os d'essa parte, com bom desejo, adereçaram a elles chamando Castella; e ao juntar das lanças cahiram dos castellãos em terra e dos portuguezes dois ás lanças e depois que foram perdidas vieram ás espadas e feriram-se bem á vontade, e de tal guisa o fizeram os castellãos, porque eram muitos, que se envergonhavam a fora leixarem os portuguezes a praça. Os homens de pé entenderam isto, e vendo a peleja assim desegual, não embargando o mandado que tinham de lhe acorrer ao tempo que lhe fazia mister seu acorro, e como chegaram, começaram a despender d'aquelles dardos nos cavallos dos castellãos, por cujo azo seus donos cahiam em terra, e tanto fizeram os de cavallo como os de pé por haver melhor de seus inimigos, que por força os fizeram arrancar do campo, e Lourenço Martins do Tojal, e Gomes Lourenço de Sampaio, quando viram que se os castellãos venciam e começavam de fugir, disseram um ao outro:

— Vamos a estes commendadores, pois os conhecemos, não nos escapem assim.

Entonce deitaram apoz elles cada um a seu.

Os commendadores por recolherem a gente, iam-se detendo, acompanhados porém dos seus. Lourenço Marques e Gomes Lourenço meteram-se por entre todos, e cada um encontrou de guisa que os pozeram fóra das sellas, e elles entraram com seus bons criados, e tornaram sobre elles; e mataram os cavallos a Lourenço Martins e a Gomes Lourenço, e ficaram ambos feridos a pé. Entonce cobraram os commendadores cavallos, e sobreveiu Pero Rodrigues que correu a aquelles escudeiros, onde já estavam pera serem mortos ou presos, e por ali se partiu a peleja.

D'aquelle logar se partiu Pero Rodrigues, e disse aos escudeiros que levassem aquellas ovelhas pera Alandroal, ca ali acudiriam seus donos por ellas.

E recolhida a gente achou que não minguava nenhum dos seus, mas foram feridos vinte e cinco homens de pé, e dos escudeiros onze de feridas porém seguras de morte, e morreram dos castellãos alli onde juntaram, quatro de cavallo, e foram nove prezos e seis cavallos mortos e nove vivos, e da parte dos portuguezes cinco cavallos mortos, mas não minguavam outros melhores pera seus donos d'aquelles.

E alli vieram os donos das ovelhas, cada um por as suas, e davam a Pero Rodrigues a metade, e elle não quiz mais de trezentas cabras e cem carneiros pera comerem aquelles feridos.

CAPITULO CIII

Como foi livre Alvaro Gonçalves Coitado da prizão, e desbaratados os castellãos que o levavam.

NÃo tardou muito que acerca d'esto chegou um dia pela manhã uma enculca, que Pero Rodrigues tinha em Villa Viçosa, e disse que aquella noite, que havia de vir, que haviam de levar Alvaro Coitado de Villa Viçosa a Olivença, e que visse o que cumpria.

Pero Rodrigues chamou logo os escudeiros perante aquelle homem, e começaram de fallar que maneira teriam em ello, e acordaram que aquella noite se lançassem em cilada acerca de Villa Viçosa em um pinhal azádo pera ello, e que aquelle homem fizesse de guisa que soubesse as horas a que havia de ser levado, e porque maneira, e mandaram-n'o que se fosse, e que lhe levasse novas a aquelle pinhal.

Pero Rodrigues depois do sol posto, com aquelles dezeseis de Nuno Alvares, e com quinze escudeiros seus, e cincoenta homens de pé, partiu do Alandroal fingindo que levava o caminho de Estremoz, e depois que foi noite deram volta por outro caminho o mais encuberto que poderam, e foram-se ao pinhal que devisado tinham, e elles esperando por alli por resposta do homem que mandaram, que lhe trouvera o recado.

Era já grande serão andado e não saia lingua do

logar, que certa fosse, salvo quanto lhe dissera aquelle homem que esperavam. E vendo sua tardança mui grande, começaram de duvidar se era verdade o que lhe elle dissera, e diziam alguns que isto podia ser traição d'aquelle homem de que Pero Rodrigues fiára, os ter vendidos.

E o que se d'esto mais receava era o dito Pero Rodrigues, e tanto que elle e outros bem lhe prouvera de serem d'alli fóra, e não ter tal obra começada.

Em esto os dois escudeiros Lourenço Martins e Gomes Lourenço, começaram de dizer assim:

— «Pero Rodrigues, vós sois aqui vindo por serviço de Deus e do Mestre, e Nuno Alvares quando nos a vós mandou encommendar que este Alvaro Gonçalves sahisse da prisão, quando o d'aqui quizessem levar se o vós podesseis fazer. Ora esto é já traição ordenada, e não lhe podemos fugir por nenhuma guisa, que não hajamos de livrar pelas mãos, e aguardando qualquer aventura, ou aqui ou no caminho, portanto se vos prouver, nós queremos ir com dois homens de pé e tomarmos lingua, se podermos; e vós aguardae aqui, ca muito preste tornaremos a vós.

Pero Rodrigues disse que lhe aprazia, e que não partiria em nenhuma guisa até que elles viessem.

Foram-se os escudeiros com dois homens de pé almogravés, e como foram perto da villa, mandaram os de pé ao arrabalde, e elles ficaram acerca em direito da porta da traição. E estando assim viram muita gente de pé e de cavallo, e viram dois homens de pé castellãos, que se queriam ir com aquelles que estavam á porta da traição, não por mandado do commendador. E os escudeiros prenderam-

nos logo, e fizeram-nos calar, e em esto viram os dois homens que foram com elles e disseram:

— «Já Alvaro Gonçalves tiram do castello, e lhe tem uma mula prestes em que vá. Parece-nos que serão dozentos de cavallo e muita gente de pé, e chamou Affonso Garcia Almocadem que saía má hora, se hade sair.

—Ora, disseram elles, ficae-vos aqui, como elles moverem e começarem de cavalgar vá um de vós dar novas, outro vá acerca, e veja em certo quanta gente é, e por qual caminho vão.

Entonce se partiram os dois escudeiros com aquelles homens que assim prenderam, e foram-se ao pinhal, e como chegaram contaram a Pero Rodrigues e aos outros todo o que lhe aviera.

Estando perguntando a aquelles prisioneiros que gente estava em Villa Viçosa, chegou o homem porque Pero Rodrigues esperava, e os outros dois que ficavam no lugar por saber o caminho, e ambos deram novas dizendo assim:

—Sabei que os commendadores vem com Alvaro Coitado e trazem comsigo até noventa de cavallo e sessenta homens de pé, e todos escolhidos, e vinte e cinco besteiros e vem por sua guia d'elles Affonso Alvares Almocadem, e trazem esta estrada da córte de Oliveira, e ora os ouvireis passar aqui. E começaram de se poerem a cavallo, e em se corregendo ouviram o tom dos cavallos dos castellãos.

— Como vos parece, disse Pero Rodrigues, que será bem, ou em que logar começaremos nossa demanda?

— Parece-nos são conselho, disseram os outros, leixarmol-os mais alongar da villa, e á entrada d'aquelle azinhal os cometeremos.

Em esto fallando, chegou outro peão com recado dizendo:

— Já passam os commendadores, e levam a maior palra de palavras, que homem nunca ouviu, e vão sem avisamento nenhum, ca elles não levam gentes, ca vem deante, nem nenhum resguardo d'outra gente. Entonce disse Pero Rodrigues:

—A mim parece que é bem que em aquelle campo além d'aquelles estebaes hajamos a demanda com elles, e não havemos porque os mais leixar ir, ca poderão de nós haver sentido, achar-lhe-hemos melhor percebidos, a noite faz boa, e não muito escura, e nos ferremos n'elles de subito, e prazendo a Deus, elles nos farão graça de Alvaro Gonçalves e d'alguns cavallos e armas, que levam.

E entonce cavalgaram a mais andar que poderam, e entraram na estrada por onde iam os commendadores, e chegaram tão acerca d'elles, que ouviram as repetições do grande arruido que levavam entre si, e como começaram de entrar ao campo, corregeram-se os portuguezes pera ir a elles, e pozeram as lanças sob os braços, a maior correr dos cavallos, que levar podiam. Os castellãos quando os assim viram deram uma grande arrancada por deante, e a grandes vozes os comendadores:

—Não é nada senhores.

E ao arrancar que fizeram, deu um cavalleiro a Alvaro Gonçalves uma lançada sobre uma jaqueta que levava vestida, dizendo:

— O' traidor, vendido nos has.

E Alvaro Gonçalves se lançou da mula em terra com uma adoba mui grande que levava nas pernas, e se escusou da mula.

Pero Rodrigues, com os que com elle iam foram ferir nos castellãos, e d'esta chegada que deram em elles, cahiram bem escudeiros das bestas, e os seus homens de pé se acolheram ao monte, sem fazer cousa que de contar seja. Os peões portuguezes não houveram outro trabalho, senão prender d'aquelles escudeiros que cahiam, e apanhar lanças e adargas que cahiam por esse campo, e tomar mulas e cavallos, e azemulas e outras bestas com fardagem dos commendadores, e d'outros escudeiros de conta que iam em sua companhia, e ahi não havia que lh'o tolher, porque logo foram vencidos e arramados por esses estebaes. E porque era noite, e ficaram sem guia, desceram-se dos cavallos e lançaram-se ao monte por escapar, e por essa razão ficaram muitos cavallos sem donos, além dos que na volta primeiro cahiram.

Os commendadores foram dar comsigo em uma fraga pedregosa, e alli leixaram os cavallos, e os outros que com elles iam, e os cavallos tornaram-se ao campo.

Os portuguezes não sabiam parte de Alvaro Gonçalves, e bradaram por elle, chamavam-n'o por seu nome; e elle jazia em um grande juncal, e não ouzava de responder cuidando que aquelle era Martim Eanes da Barbuda, que o vinha tornar aos castellãos por o levar comsigo captivo, por o mal que queria.

E pela ventura foi a aquelle logar Gomes Lourenço de Sampaio, e andando bradando por Alvaro Gonçalves elle o conheceu na falla, e então respondeu. E havendo grão prazer com elle, desceu-se do cavallo, e ajudou-o a montar em elle, ca elle não podia por razão da adoba que tinha, e poz-lhe uma

espora e deu-lhe a lança, e cobrou Gomes Lourenço o cavallo do commendador de Calatrava, que era o mais afamado que hi vinha.

E foram-se pera onde estavam os outros. Pero Rodrigues foi mui ledo com elle, e quantos hi eram, dizendo que por elle sómente eram alli vindos, e elle agradecia-lhes sua boa obra, quanto podia.

O arruido era grande na villa, e repicavam quanto podiam, cuidando que era Nuno Alvares que ia sobre elles, e esta intenção tinham os do logar, segundo lhe diziam os que se acolheram á villa. Em este desbarate foram presos nove escudeiros, e tomados dezeseis cavallos e seis mulas e tres azemulas e vinte e cinco bestas de albarda com frascagem d'alguns escudeiros, e leixando as razões que ambos houveram, Alvaro Gonçalves se espediu de Pero Rodrigues, e de quanto lhe davam não quiz levar mais de oito cavallos, e foram-se com elle pera Estremoz dezeseis escudeiros que Nuno Alvares mandara, e mais alguns homens de pé, e Pero Rodrigues se tornou pera o Alandroal, o qual em outro dia deu seis cavallos a seis homens de pé, que fez escudeiros, e repartiu as outras cousas todas, e a rendição dos presos tanto a um como a outro, e tão bom quinhão sempre tinham os que acertavam de ficar no logar, como os que iam fóra com elle.

CAPITULO CIV

Como Pero Rodrigues foi acorrer Alvaro Coitado, que o não prendessem os castellãos.

QUANDO Vasco Porcalho soube a tomada de Alvaro Gonçalves, e como os commendadores foram desbaratados, houve grande pezar e com grande queixume dizia por modo de escarneo, contra os que estavam presentes:

— Em verdade hei por estranho nunca nenhum de vós me pedir o quinto d'estas calvalgadas que fazeis; cento de vós pelejam com trinta, e sempre de vós ficam mortos duas duzias, e os outros fugindo como ovelhas tornam-se pera este curral: quanto com tal honra como esta, boa fama irá de vós a el-rei.

E mandou essa noite duás inculcas sobre que fazia Pero Rodrigues e que gentes foram com elle na tomada de Alvaro Gonçalves, ou se estava ainda no Alandroal, que elle quizera vir ahi correr e fazer algum bem se podera, e uns homens que Pero Rodrigues mandára essa noite por escutas, tomaram lingua das escutas de Vasco Porcalho. O qual sabendo que Alvaro Gonçalves era já em Estremoz, e havia em aquella noite de partir pera Borba, mandou quarenta de cavallo, e trinta homens de pé, que se fossem poer no caminho por onde Alvaro Gonçalves havia de ir, e que de morto ou preso lhe não escapasse, a todo seu poder. E Alvaro Gonçalves não sabia d'esto parte e Pero Ro-

drigues sabia d'isto novas, e mais por um homem de Villa Viçosa que lh'o veiu dizer, e como d'isto foi certo, mandou chamar os do logar e perguntou-lhes que lhes parecia, que devia de fazer em tal feito, e elles responderam que fizesse o que por sua honra entendesse, que elles prestes estavam.

—A mim me parece, disse elle, que não é bom leixarmos perder quem nos tanto trabalho deu pera o havermos de livrar, que se lhe nós não acorrermos, poderá ser preso ou morto, cousa que eu não queria por nenhuma guisa que acontecesse. Fazei-vos prestes, que nós prestes somos.

Então cavalgou elle com os do conselho do Alandroal e chegou a aquelle logar de Montalvão onde lhe disseram que o commendador mandára aguardar Alvaro Gonçalves. Os castellãos tinham duas atalayas, quando os viram ir foram-se acolhendo, não os querendo aguardar, nem poude Pero Rodrigues d'elles percalçar nenhum. Então se foi cavalgando por Estremoz, e achou Alvaro Gonçalves, que ainda não partira, e contou-lhe como viera, e elle lh'o agradeceu muito, e disse-lhe que pozesse boa guarda e avizamento que não recebesse damno.

Partiram então Alvaro Gonçalves e Pero Rodrigues pera a Villa de Borba, e no dia seguinte alta manhã, mandou Alvaro Gonçalves descobrir terra por dois escudeiros, e acharam dez de cavallo que vinham correr a villa de Borba, e estes vieram até o logar apoz aquelles dois, que foram descobrir, e tomaram junto com a villa vinte bois, que andavam pascendo.

Alvaro Gonçalves e Pero Rodrigues quando viram isso, sahiram a elles pera lh'os tolher, e toma-

ram-lh'os antes que chegassem a uma cilada que os castellãos tinham lançado, onde chamam Orelhas, e foi a cilada descoberta e seguida de corredura, até ás hortas do Reguengo da Villa, onde tomaram sete azemulas do commendador Vasco Porcalho, as quaes os castellãos não ouzaram de lh'as ir tolher, cuidando que eram muita mais gente. Entonce se tornou Alvaro Gonçalves pera Borba e Pero Rodrigues pera o Alandroal.

CAPITULO CV

Como Vasco Porcalho foi correr ao Alandroal, e da preza que tomou.

O commendador Vasco Porcalho, vendo a fouteza, que contra elle mostrava Pero Rodrigues, com os que comsigo tinha, escreveu a Pero Rodrigues, alcaide de Olivença que mandasse correr a villa do Alandroal, de que recebia muito má visinhança, e que fosse certo que como os corredores corressem assim os de pé, como os de cavallo, logo sahiriam a elles, e que não os havia de leixar até o rio de Odeana, ca tanto corriam os homens de pé d'aquelle logar como os de cavallo, e que assim os podiam prender e acutilar á sua vontade, lançando-lhe uma cilada longe áquem do logar.

E emquanto elle mandou este recado, enviou vinte de cavallo correr o Alandroal, e fizeram preza

em uns poucos d'asnos, e foram-lhe tolhidos pelos do conselho.

Estes corredores tornaram pera a villa, e disseram a Vasco Porcalho, que não entendiam lá mais de ir por aquella guisa, e que os seguiram de tal maneira que se o caminho não fôra longe que lá ficaram por seus hospedes.

O commendador com despeito cavalgou a grande madrugada, levou cento e cincoenta de cavallo e dozentos e cincoenta homens de pé, e lançou-se em cilada acerca do Alandroal onde chamam o pinheiro, e depois que foi bem de dia mandou vinte de cavallo que corressem até ás portas da villa, e qualquer cousa que achassem travassem em elle sem receio nenhum.

As gentes fizeram como lhes elle mandou, e correram até ás portas do logar, e tomaram setenta cabras. Os da villa sairam a elles, Pero Rodrigues com dez de cavallo e setenta e cinco homens de pé, e foram por outra parte por lhe tomar a deanteira, e já os de pé tinham as cabras tiradas dos corredores, e os de cavallo foram dar na cilada dos castellãos, a qual descoberta leixaram-se todos ir direitamente á villa, que era muito acerca.

Pero Rodrigues por acudir aos peões, vieram todos emburilhados até as cercas das casas do arrabalde da Matta, e alli os esperaram e começaram de pelejar. Pero Rodrigues era a pé com os seus; e sendo a peleja muito desegual, foram os portuguezes vencidos por força, e fugiram pera a villa, acolhendo-se ás casas da rua da Matta, que eram furadas uma pelas outras, foram por alli escapando. D'outra guisa os mais d'elles foram mortos e presos, mas não foram mais que cinco homens mortos

bem mancebos, e perá muito, os quaes lhe mataram junto com o muro, e foram muitos feridos.

Pero Rodrigues houve uma ferida; e dos castellãos morreram dois, e quinze cavallos. Tornou-se então Vasco Porcalho com grande prazer pera Olivença, levou aquellas setenta cabras, sem haver nenhum que lhe pozesse embargo, e ficou Pero Rodrigues com os seus bem nojoso por tal desaventura, porém dizia de praça por os confortar.

— Amigos, tal vae de guerra: similhantes cousas oitenta e cinco a trezentos e cincoenta leixar o campo sem vergonha o podem fazer. E estes que morreram por defensão do reino, Deus lhe haverá mercê das almas.

CAPITULO CVI

Como Pero Rodrigues da Fonseca lançou uma cilada aos do Alandroal, e do que lhe haveiu.

Pero Rodrigues da Fonseca não foi esquecido do que lhe escreveu Vasco Porcalho, e cavalgou de Olivença com dozentos homens de cavallo e trezentos de pé, e veiu uma noite lançar-se em cilada acerca de S. Braz Mosteiro, uma legua do Alandroal; como foi manhã disse aos seus d'esta guisa:

Amigos, eu queria tomar esta villa e matar ou prender os que n'ella vivem, e se o fazer podermos segundo meu desejo é, faremos serviço e prazer a el-

rei de Castella, e lograremos todas as cavalgadas, e pois que Vasco Porcalho no outro dia matou parte d'elles, por uma cilada que lhe lançou, nós façamos por esta maneira. Os que forem correr, se tomarem alguns prisioneiros, ou qualquer outra cousa, façam infinta, que vão contra Terena, e alguns dos outros fiquem em face da villa, travando com elles com o maior resguardo que poderem, e senão acharem cousa em que façam presa, tirem-nos mais alongado da villa que poderem, e façam-no saber o mais escuso que poder, e elles assim alongados do logar e eu com estes escudeiros, meter-nos-hemos entre elles e a villa, e quem conhecer Pero Rodrigues faça muito por o prender, e nos outros mate quanto poder, ca se elle fôr preso elle me dará logo a villa, ou o degolarei logo á porta da villa.

Os outros ouvindo estas razões disseram que tal acordo era mui bom, mas que lhe parecia que era bem de o fazer saber a Vasco Porcalho, que estava cavalleiroso de gente, e assim seria muito melhor e mais a seu salvo.

Pero Rodrigues disse que lhe não prazia, que esta honra queria elle pera si, e pera elles. Ca hoje queimaremos a porta do logar, disse elle, e depois que fôr em nosso poder elle o saberá, d'outra guisa me não apraz.

Firmando-se assim este conselho, estremou quarenta ginetes, os melhores encavalgados que achou e de que mais fiava, e tornou-os a avizar da maneira que dissemos, encomendando lhes que segundo seu bom juizo, uzassem do que lhes mais encomendáva, e elles correram a villa, como lhes era encomendado; e Pero Rodrigues, alcaide do Alandroal mandara essa manhã descobrir a terra por dois es-

cudeiros, contra Villa Viçosa, e a atalaya que viu os ginetes deu á campam, e derribou o cesto.

Os do logar como viram aquillo, sairam a pé com lanças e dardos, e quem isso não tinha levava seis ou sete estebas aguçadas, como havia muitos. Pero Rodrigues não quizera que sahiram, e depois que os viu em escaramuças saiu com dez de cavallo, e de tal guisa os seguiram, que o caminho que cuidaram de levar, não poderam ir por elle, mas servidos de dardos e de garrochas, começaram de fugir pera onde Pero Rodrigues da Fonseca estava em cilada mui descuidadamente de tal aquecimento. E quando os portuguezes e os castellãos foram misturados, indo assim dar em elles, porque iam assim de subito, foi o desacordo grande em elles, que alguns não podiam montar a cavallo, e sem esguardar se eram poucos ou muitos, fugiram como melhor podiam tambem de cavallo, como de pé. Assim que a ventura ajudando aos poucos, e dando temor e espanto nos muitos, fugiu Pero Rodrigues com aquelles que com elle acertaram, e outros não chegaram d'ahi a dois dias a Olivença, e foram na volta mortos dos inimigos sete homens de pé e dois de cavallo e cinco dos ginetes e mortos treze cavallos, e ficaram nove vivos, e da villa foram feridos tres de cavallo e dez homens de pé e morto um, e trouveram muitas lanças e dardos que ficaram no campo, e tornaram-se com mui grande prazer pera a villa.

CAPITULO CVII

Como Paio Rodrigues Marinho prendeu Gil Fernandes d'Elvas.

Em se passando assim estas cousas, escreveu o Mestre a Gil Fernandes d'Elvas, que fosse fallar a Paio Rodrigues Marinho de Campo Maior, que alçasse voz por elle, e lhe faria muitas mercês. Gil Fernandes cavalgou logo com cincoenta homens d'armas, e foi-se a Campo Maior, e estando fóra da villa em uma egreja que se ahi faz, mandou dizer a Paio Rodrigues Marinho que lhe prouguesse sahir fóra do castello pera fallar com elle cousa que era de sua honra e proveito.

Paio Rodrigues disse que não sairia fóra, mas que fosse Gil Fernandes entre o muro e a barreira do castello, e que levasse dez homens d'armas comsigo. E Gil Fernandes disse que lhe aprazia, com condição que de uma parte e da outra fosse feito preito e menagem que fosse seguro um do outro. Paio Rodrigues disse que lhe aprazia, e foi assim afirmado entre elles.

Entonce apartou Gil Fernandes dez homens, e foi-se á barreira do castello, onde haviam de fallar, e achou já Paio Rodrigues prestes, e quando vieram a se abraçar, lançou Paio Rodrigues a Gil Fernandes o braço sobre o hombro, em maneira de segurança, e com a outra mão lhe tomou a espada e disse:

— Vós sereis preso.

Gil Fernandes quando esto ouviu ficou espantado e não teve geito de se defender, ca Paio Rodrigues tinha tanta gente, e assim corregida que os dez escudeiros não o poderam ajudar, mas trabalhando-se de fugir quando aquello viram, foram d'elles presos cinco s. Gonçalo Casco, e Martim Vasques, e Gil Lourenco, seus primos, e outros dois. Emquanto prenderam estes saltaram os outros cinco a barreira, e foram-se pera aquelles que fóra ficaram.

E todos espantados de tal traição, tornaram-se pera Elvas.

Gil Fernandes sendo assim prezo, houve de se render por duas mil dobras, e deu fiadores e sahiu da prizão, e quando chegou a Elvas houveram todos mui grande prazer, porque em quanto elle era preso, eram mui a meudo corridos de seus inimigos. E pera sua segurança de sua rendição, deram os clerigos as cruzes das egrejas, e os leigos taças, espadas e cintos guarnecidos e dinheiros, e outras cousas, que pozesse todo em prenda a Paio Rodrigues, até que baratasse sua rendição. E depois que tudo teve entregue, tornou-se Affonso Sanches, e a Sancho Sanches, que trouvera por prisioneiros de Arronches, segundo ouvistes, e rendeu-os por outras duas mil dobras, dos quaes lhe deram logo as mil e as outras o dia certo como elle era obrigado a Paio Rodrigues, e assim quitou tudo e pagou as prendas e os escudeiros.

CAPITULO CVIII

Como Gil Fernandes foi pelejar a Castella, e do que lhe haveiu.

Esto assim feito, mandou Gil Fernandes chamar seus amigos e ajuntou entre elles e outros d'Elvas até cento de cavallo, e quatrocentos homens de pé, e entrou de praça por beira de Olivença e de Alconchel, e foi pelejar a terra de Xerez, e trouxe mui grande preza de vaccas e ovelhas e prisioneiros. E vindo elles assim pera Portugal, ajuntaram-se os de Xerez e d'outros lugares derredor até trezentos de cavallo, e muita gente de pé e alcançaram-no no logar que se chama Maceira das Porcas, e elles alli cercados alguns outros disseram a Gil Fernandes:

— Vós sabeis bem que tendes em Olivença Pero Rodrigues da Fonseca, e Paio Rodrigues Marinho, que já com elle está, e teem ambos umas trezentas lanças e setecentos homens de pé pera pelejar comvosco á tornada, e se vos guardardes que estas gentes que veem apoz nós se juntem com os outros que estão deante, tereis peleja muito mais forte, porém a nós parece que é bem com estes agora, e vencidos estes, os outros não nos querem aguardar. Gil Fernandes disse que lhe parecia aquelle bom conselho, e antes que elle corregesse suas gentes pera ir pelejar com elle, e dando nos inimigos foam desbaratados, e alguns d'elles feridos. Gil Fer-

nandes quando os viu d'aquella guisa, e chegou ri jamente pera lhes acorrer disse:

—Santa Maria vale, que cousa é esta, namorados, que não são pera nada; e então se lançou entre elles esforçando os seus, e com tal ardideza feriram nos castellãos que foram vencidos e desbaratados, e fugiram d'elles pelo campo, e outros a aquella serra que chamavam das Porcas, que não ouzaram mais chegar a Gil Fernandes, e vindo elle assim com sua cavalgada, esperando haver outra tal peleja com aquelles fidalgos que dissemos, souberam elles como Gil Fernandes desbaratara os de Xerez.

Ambos houveram seu accordo de não pelejar com elle; e elle passou com todo aquelle gado sem nojo nenhum até á villa d'Elvas, o qual era tanto que quem quizesse tomar d'elle pera comer, não lhe era vedado.

CAPITULO CIX

Como Gil Fernandes pelejou com Paio Rodrigues Marinho, e foi desbaratado e morto.

Por verdes de que guisa Gil Fernandes foi vingado de sua prizão, posto que tão acerca não fosse, queremos vol-o aqui dizer, que não sabemos se nos virá mais á mão de fallarmos de seus feitos.

Onde foi assim que vindo Paio Rodrigues Marinho, mandou vinte de cavallo de Campo Maior, que viessem correr a Elvas; Gil Fernandes sahiu a elles

com cincoenta de cavallo, e seguiu-os por um mui grande espaço, e tomou d'elles quatro escudeiros e deteve-se á beira de um cabeço, que chamam Cigoura, e entendeu que vinha alli Paio Rodrigues que já os seus mandaram chamar, e estando aguardando, vieram alguns de Paio Rodrigues deante, e Gil Fernandes prendeu-lhe dois d'elles.

Paio Rodrigues trazia comsigo oitenta de cavallo mui bem corregidos, e como chegou tomou logo uma pequena d'altura, á beira do caminho á ilharga d'aquelle cabeço, e Gil Fernandes estava no baixo. D'ambas as partes não havia homens de pé mais que dois, que trazia Paio Rodrigues, um besteiro, e outro tirava pedras de mão, com que fazia bem de nojo.

Em isto disse um bom escudeiro, que chamavam Pero Fernandes Biscainho, a Paio Rodrigues:

—De meu conselho vós não pelejeis com Gil Fernandes.

—Em verdade, disse Nuno Fernandes Cogominho, vós aconselhaes mui bem, sermos aqui oitenta de cavallo bem corregidos, e Gil Fernandes não tem alli mais de cincoenta, ladrão e seu companhão, assim como João Ruivo e Affonso das Vaccas, e outros taes, e dizeis que não peleje com elle? digo-vos eu que se elle isso erra, que tarde cobrará outra tão boa.

Respondeu entonce Pero Gonçalves: e como, Nuno Fernandes, não vêdes vós andar allí bons escudeiros acerca de Gil Fernandes? faça Paio Rodrigues como lhe prouver, ca eu não hei de fugir do campo.

Nuno Fernandes era homem de conta, e tinha ahi sete escudeiros seus, e dês-ahi era bem grosseiro. Paio Rodrigues não respondeu a nenhum d'elle, e

estiveram embestados uns contra os outros, quanto seria um quarto d'hora.

Vendo entonce Gil Fernandes isto, fallou assim contra os seus:

—Arredemo-nos um pouco d'elles, e logo cobrarão coração de descer a nós.

E como começaram de se arredar, logo Paio Rodrigues correu rijamente por tomar a altura sobre Gil Fernandes, e Gil Fernandes tomou outra ladeira, e foi sahir egual d'elle.

E então endereçou Paio Rodrigues rijamente contra elle, e deu logo uma lançada de sobre mão a um, que diziam Affonso Esteves, que lhe passou a cotta, em direito da ilharga, e entrando pelo corpo cortou duas costas, e chegou aos bofes e cahiu morto em terra; e Gil Eanes primo de Gil Fernandes, poz a lança sob o braço e foi a encontrar Paio Rodrigues pela ilharga, e deu com elle em terra de cima do cavallo.

Os de Paio Rodrigues acudiram sobre elle, e deram com Gil Eanes em terra, e isto mexendo-se a peleja rijamente. Começaram a fugir os de Paio Rodrigues, e Gil Fernandes disse a dois escudeiros que tivessem preso a Paio Rodrigues, emquanto elle seguia o alcanço. Em tanto Martim Vasques, um dos escudeiros que foram presos com Gil Fernandes, quando os assim viu estar, disse contra elle d'esta guisa:

—Que é esto Paio Rodrigues? Agora pagareis vós o que fizestes a Gil Fernandes e a seus parentes; não sejaes bravo contra os mansos, ca eu assaz de manso estou. E sobre isto se começaram de seguir taes palavras entre elles, que Martim Vasques o matou e lhe cortou a cabeça, e assim fez a Nuno

Fernandes Cogominho, e a outro escudeiro, que chamavam Alvaro Rodrigues, e foi-se logo pera Elvas, e levou as cabeças comsigo.

Quando Gil Fernandes tornou do alcanço, e soube como Martim Vasques os matara d'aquella guisa, perguntou por elle pera lhe fazer mau jogo, e quando o não achou, com grande menencoria disse:

—Andar: Pois assim é dos inimigos os mais poucos.

Então mandou apontar alguns, que foram presos, e caminhou pera a villa d'Elvas, ca não foram entre presos e mortos, mais que até uns vinte e cinco dos peões, dos quaes foi um Pero Fernandes Biscainho, aquelle escudeiro que aconselhava a Paio Rodrigues que não pelejasse com Gil Fernandes.

CAPITULO CX

D'algumas naus de Genova que o Mestre cobrou a seu poder, e como combateu Alemquer, e não foi tomado.

Vós todos ouvis, e nenhum me pergunta que Nuno Alvares passou a Alemtejo, e se estas cousas fizeram, que temos contado, que fazia o Mestre em Lisboa, ou em que gastava seu tempo em Lisboa por defensão do reino, e da cidade. E pois que o ninguem não pergunta, queremos que o saibaes, que depois que o Mestre se espediu em Coina de Nuno Alvares, como tendes ouvido, e se tornou a Lisboa, que tres galés suas

e tres barcas não longe do porto da dita cidade, foram tomar duas naus carregadas de pannos e prata, e d'outras muitas cousas que n'ellas vinham, e mais uma barca de Galiza carregada de madeira. Veninabo de Tumba, e Nicolau de Palma que eram patrões d'estas naus, bradavam que eram de Genova, dando muitas razões á prova que assim era, a qual cousa era bem justa, e os da cidade bradavam muito mais que elles porfiando todavia que eram de Castella.

Em esta duvida que se bem podera escusar, mandou o Mestre poer todas as mercadorias na alfandega, de que se depois muito aproveitaram, e lhes foi grande ajuda pera a paga do soldo e d'outras despezas, ca em ellas foram achadas mais de tres mil e cem peças de pannos de preço, e brancaes e escarlatas, e outros pannos de menos preço, e mais de cem peças de sarja e mais de cem varas de lenço froncil, e prata e ouro e chumbo e perolas e outras muitas cousas, que não cumpre de se escrever.

E d'ahi a sete dias chegou uma barca á cidade, e deu novas que os inglezes eram prestes pera partir poderosamente e virem em ajuda do Mestre e do reino. E em esto fizeram saber os de Alemquer ao Mestre, que mandasse lá cincoenta homens d'armas, e os da villa com elles trabalhariam todos de tomar o castello e alçar voz por elle.

Ao Mestre prouve muito d'esto, e vieram-se alguns de noite pera irem com a gente que lá mandasse. O Mestre armou logo duas galés e fez capitão dos que haviam de ir, Mice Manoel, filho de Lançarote, o que mataram em Beja.

Foram estas galés pelo rio acima até a ponte de

marinha, que é uma legua do logar. Quando alli chegaram pera poer a gente, eram já taes horas, que elles no logar era sol levado bem manhã, que os poderam vêr de toda a parte. Pero não embargando esto, houveram as portas da villa, como tinham azo, e entraram dentro sem outro estorvo, e foram-se logo directamente ao castello, assim os que iam de Lisboa, como os moradores do logar, e começaram de os combater rijo, dizendo ao alcaide que desse o castello a seu senhor o Mestre.

E vendo que o fazer não queriam, começaram de bradar que viesse fogo pera queimar as portas. O fogo foi azinha prestes, e bem servido pera arder, que uns levavam trancas e toucinhos, e outros levavam azeites, cada um como melhor podia, de guisa que por mingua de boas ajudas não leixasse de queimar. Mas porque o logar onde elle estava á porta era muito abrigado do vento que o ajudasse, des-ahi a muita agua que lançavam de cima os que defendiam aquelle castello, foi todo aquelle trabalho despezo em vão, e durando o combate dez horas de prima até acerca de vespora em que foram alguns feridos, alçaram-se novas como el-rei de Castella estava d'ahi a quatro leguas, no Bombarral, e mandava gentes á pressa por soccorro do logar que lhe mandara pedir Vasco Pires de Camões, alcaide do castello.

Outros diziam que vinha el-rei com as gentes que tinha.

E vendo os da villa como o castello se não podia tomar assim á pressa, como elles cuidavam, e que se el-rei de Castella ou os seus viessem, que era por força de passarem mal pela entrada que deram na villa, acordaram de se partir logo.

Entonce partiram as mulheres com filhas e filhos com essa pouquidade que levar poderam, e não ficaram senão alguns pobres, e depois não receberam nojo, e pero lhe Vasco Pires bradava, quando viu ir, que se tornasssem e não houvessem medo d'el-rei nem das gentes suas, posto que viessem, poendo a de parte sua segurança. Meteram-se nas galés, vieram-se pera Lisboa muito anojados do que começaram, pois não houvera fim, e ficando-lhe muitos dos bens moveis, que tinham as casas avondadas de alfaias, que os do castello depois roubaram ante que outra gente viesse.

E o outro dia chegou Garcia Fernandes de Villa Odre a Alemquer por mandado d'el-rei, com muitas gentes pera lhe acorrer, cuidando que ainda estavam combatendo os que vieram de Lisboa.

CAPITULO CXI

Como o Mestre mandou armar certas galés em Lisboa.

Vendo o Mestre e os do seu conselho, como se el-rei de Castella vinha com todo seu poder, e da grande frota de naus e galés que mandava armar pera virem sobre Lisboa, pera lhe tapar o porto, que não fosse socorrida de mantimentos de nenhuma parte, houveram seu acordo de armar as naus e galés, que havia na cidade, pera estarem prestes, se alguns poucos navios em tanto viessem, que lhe podessem embargar a vinda,

e haver mantimentos desembargadamente da parte do Alemtejo, assim pera o encalmamento da cidade, como pera a segurança dos que se pera ella vinham d'aquella parte com ajuda e defensão sua, quando soubessem que a frota de Castella vinha poderosamente, que sahiriam as naus e galés ao Porto, e juntar-se-iam com as outras que lá estavam, e entonce viriam todos juntamente pelejar com a frota de Castella. E pera armarem as galés foi dado carrego a D. Lourenço, arcebispo de Braga, o qual o tomou de vontade, e começou logo de as mandar poer nos vasos, e deitar á agua, e tal aficamento e tantas gentes fazia juntar a este trabalho, que as mais d'ellas foram deitadas ás mãos na agua, sem cabrestante, e elle andava pela cidade em cima de um cavallo, e de umas cotas vestidas, e o rochete em cima, e uma lança na mão, o ferro sempre pera deante; e posto que os da cidade com bom desejo se offerecessem a aquelle trabalho, ainda os elle mais aficava, não leixando nenhum de qualquer estado em guisa que não ficava clerigo nem frade nem outra pessoa que todos alli não fizessse chegar, e se lhe algum dizia que era clerigo elle respondia, que assim era clerigo como elle, e o que lhe dizia que era frade: e eu arcebispo, que é melhor que frade, dizia elle, e tal aguça poz em as armar, que em breves dias foram armadas doze galés, e vieram mais uma, e um galeote, armadas do Algarve.

E porque hi não havia escudos e dardos, que se perderam nas armadas que fizera el-rei D. Fernando, fazia escudos das leivas dos toneis, e cerravam bordos e faziam dardos.

CAPITULO CXII

Como foi entregue o estandarte a Gonçalo Rodrigues, e partiu a frota pera o Porto.

ARMADAS sete naus e mais galés, e prestes de todo que lhe cumpria ordenou o Mestre por capitão da frota a Gonçalo Rodrigues de Sousa, alcaide que então era de Monsaraz, e veiu o Mestre muito acompanhado á Sé, e todos os da cidade ordens e clerezia, e d'alli sahiram todos em grande e solemne procissão, a clerezia toda adeante, e o Mestre acerca com todo o outro povo, e muitas trombetas, em logar onde não faziam estorvo, e assim por meio da cidade levaram o estandarte das armas ditas de Portugal, e chegaram com elle até á porta Douro, que é junto á ribeira da agua, e foi alli entregue a Gonçalo Rodrigues, e posto na maior galé de todas, que chamavam a Real.

E esto assim feito, tornou-se o Mestre e os outros cada um pera suas pouzadas. E foi maravilha na noite seguinte, que christãos e mouros que velavam o muro da parte de S. Vicente de Fóra, acerca d'onde é feita uma capela que chamam dos martyres, que foram na tomada de Ceuta, quando foi cobrada dos mouros, que á meia noute velando alguns viram vinte homens vestidos de vestiduras alvas, assim como sacerdotes, e quatro d'elles traziam na mão quatro cirios acesos, e iam e vinham em procissão entrando na egreja, e fallando muito baixo entre si, como se rezassem algumas horas.

Os do muro quando viram aquesto, ficaram mui espantados, e começaram de chamar outros, que olhassem tão grão milagre, e subitamente desapareceram. E logo n'essa hora fallando uns com os outros em esto, viram nas pontas das lanças que estavam nas torres, senhas candeas acezas de claro lume, que durou acerca de uma hora. E d'esto deram testemunho sete christãos e tres mouros que velavam uma torre.

E já ante d'esto havia oito dias, que chegara um homem de Montemór-o-Velho ante d'esto, e trouve um instrumento pruvico feito por mão de Lourenço Affonso, tabelião do dito logar, no qual era conteudo, que uma segunda feira, aos onze dias de Abril, sendo presentes Gonçalo Gomes da Silva e seus filhos, e outros muitos da dita villa chuvera cera n'aquelle logar, tal como põem ás candeas, e trouve a mostra d'ella.

Os da cidade quando ao outro dia viram aquelle milagre, que contavam os da guarda de S. Vicente de Fóra, foram mui ledos com elle, e com outras taes cousas que n'esta sezão ao Senhor Deus prazia mostrar. E o bispo e clerezia, com todo o povo em procissão foram a aquella egreja dos Martyres dando-lhe muitas graças, e pedindo-lhe mercê que fosse em sua ajuda.

Em esto foi grão tormenta no mar, e chegaram um dia tres naus de Castella, com tempo contrario muito a seu pezar, e pouzaram dentro no rio tres leguas da cidade, em direito de onde chamam Oeiras. E estas naus vinham carregadas de farinha, cevada e outras cousas, pera o arraial d'el-rei de Castella, cuidando que jazia já sobre a cidade.

As gentes das galés como houveram d'ellas vista

remaram contra ellas, pera as haverem de tomar. Quando esto viram fizeram todas vela pera fugirem e se irem em salvo se poderam. E vendo que o fazer não podiam por o tempo que lhe era contrario, deram antes com as naus em terra, e quebraram-se ante que as cobrarem os portuguezes, se aproveitarem d'ellas e das cousas que traziam. E os homens pozeram-se em salvo em bateis e a nado, e como melhor podiam. E gentes d'el-rei de Castella, que estavam em Cintra, que andavam por aquelle termo, os ajudaram a defender, que não houveram damno.

E os portuguezes queimaram as naus, e tornaram-se á cidade, e aquella tormenta que fez se houveram de perder quatro galés d'aquellas que jaziam ante a cidade, prougue a Deus de as guardar.

O tempo como foi azado pera as galés poderem partir, ante que a frota de Castella chegasse, que já havia novas que era no mar, foi o Mestre fazer alardo com ellas da parte d'Almada onde chamavam Amóra, e á tarde vieram as velas todas pouzar ante a cidade no porto.

E aos quatorze dias do mez de Maio partiu Gonçalo Rodrigues com ellas pera a cidade do Porto, e as naus não poderam ir em sua companhia, porque o tempo lhe era contrario, e tornaram-se pera a cidade, e chegaram as galés a Athouguia, e o logar estava por el-rei de Castella, porquanto João Gonçalves, que era alcaide d'Obidos, e tinha sua voz, constrangia por tal guisa os moradores d'alli, que tinham a parte que elle defendia, e portanto os das galés sahiram fóra a roubaram mantimentos e outras cousas que achavam, e tomaram nove bateis, que ficaram do tempo d'el-rei D. Fernando,

pera se aproveitarem d'elles, porque eram ligeiros.

E d'alli foram as galés sua viagem, e chegaram á cidade do Porto onde já são um pouco folgando, emquanto imos vêr el-rei de Castella.

CAPITTLO CXIII

Como escaramuçaram os castellãos com os portuguezes, e foi hi preso João Ramires de Arelhano.

El-rei de Castella ficou dias acerca de Obidos, na aldeia que chamam o Bombarral, por azo dos seus, que o aconselharam que não fosse acerca de Lisboa, ante que sua frota chegasse, pera lhe tomar de todo o Ribatejo, assim por outras razões que já são escriptas, e por isso assessegou alli el-rei por dias, e depois veiu-se chegando por essas aldeias a melhor defensadamento que achava, até que chegou a uma grande e espaçosa aldeia que chamavam o Lumiar, uma legua da cidade, e alli propoz de entretanto estar de assessego. Os seus pouzavam por outras aldeias, de muitas que ha por essa cidade, e emquanto el rei por alli esteve, não vinham os seus escaramuçar contra a cidade, senão mui poucas vezes, e esto porque estavam arredados d'ella, e não lhe vinham assim á mão.

Porém um dia vieram alguns capitães com suas gentes d'armas, peões e bésteiros, e subiram do valle Santa Barbora ao monte de S. Gens, e ali se pozeram em magote, em suas bandeiras, e apu-

pando todos contra os da villa empadezados: e estando assim um pouco moveram contra a porta de Santo Agostinho.

Em aquella quadrilha estava por guarda o conde D. Alvaro Pires de Castro, e D. Pedro seu filho, e Mem Rodrigues, e Ruy Mendes de Vasconcellos, que tinham suas bem dozentas lanças, afóra outras da cidade que com elles eram de companhia, e quando viram estar os castellãos d'aquella guisa, sahiram alguns fóra pera escaramuçar. Em se volvendo a escaramuça, muito de vontade d'uns e outros, foi prezo da parte dos inimigos um bom fidalgo d'aquelles capitães, que chamavam João Ramires de Arelhano. Como aquelle foi prezo, cobraram os da cidade esforço, e fizeram-lhe fazer volta, e deram com elles por aquelle grão sopé a fundo, e iam arrastando as bandeiras por cima de pães, e semeadas na costa d'aquelle monte, onde foram alguns feridos e mortos.

O Mestre ouvindo os seus como escaramuçavam, sahiu fóra pé terra com gentes d'armas e bésteiros á porta de S. Vicente, no cal que se hi faz, e depois que viu a escaramuça desfeita, tornou-se pera a cidade, e mandou guardar João Ramires no castello da menagem, aos que tinham carrego d'elle, deu-lhe dois vestidos de seu corpo, e lhe fazia toda a honra.

Em este dia, que era a vinte e seis dias do mez de Maio, começou a vir a frota de Castella, e chegaram ante a cidade treze galés e uma galeota, com as quaes el-rei folgou muito por ter azo de se vir lançar arredor d'ella.

CAPITULO CXIV

Como el-rei chegou sobre a cidade, e do combate que lhe deu.

Passou um dia e mais não, ao sabbado seguinte bem cedo pela manhã, e chegaram ás torres que são em um alto monte, em direito de S. Domingos, alguns fidalgos a cavallo da parte dos castellãos, e fallando a salva fé, disseram contra os das torres, que fossem dizer ao Mestre, que el-rei seu senhor já vinha por caminho e que queria ali fazer seus editos, e certos requerimentos, e que porém mandasse alli vir alguns cavalleiros e cidadãos da cidade pera verem como faziam suas protestações.

Fizeram esto saber ao Mestre, e elle mandou logo dizer que fossem logo d'alli, e se o fazer não quizessem que lhe tirassem logo as bestas. Ouvindo os castellãos este recado partiram-se d'onde estavam, arredando-se logo do muro, e alli aguardaram el-rei seu senhor, que já vinha por caminho.

Onde sabei que estes editos que el-rei quizera fazer, eram pera julgar de mau caso a todos os moradores da cidade, pera lhe depois poder dar os bens, e proceder contra elles á sua vontade, dizendo como chegara alli por pessoa com sua bandeira tendida, e que o não quizeram receber como seu senhor que era de direito.

Em esto chegou el-rei de Castella com sua hoste, todos a cavallo e muitos peões e besteiros que hou-

veram das galés, por avisar a cidade, e chegou acerca d'ella em um alto monte, que hora chamam Monte Olivete, e esteve alli grão parte do dia, e muitos dos seus andavam entonce cortando arvores e vinhas, e fazendo todo o damno que podiam. E assim foi que em este dia pela manhã, ante que el-rei de Castella viesse, sahiram da cidade pela porta de Santa Catharina alguns homens d'armas e bésteiros, e isso mesmo homens de pé; e ordenaram uma pavezada pera escaramuçar com os castellãos, que já eram certos que haviam de vir, entre os quaes eram Fernão Pereira, irmão de Nuno Alvares, o doutor Martim Affonso que depois foi arcebispo de Braga, e João Lourenço Xerascon, e Vasco Martim de Gôa e Fernão d'Alvares de Almeida, veador da casa do Mestre, e outros muitos bons homens d'armas. E o Mestre estava na torre de Alvaro Pires pera vêr que el-rei de Castella faria com aquellas gentes que comsigo tinha. E el-rei esteve de teudo em aquelle logar sem fazer cousa nenhuma, passante de hora de terça, e vendo como aquelles que sahiram da cidade estavam á vista d'elles, sem mostrar que lhe haviam medo, disse entonce contra os seus:

— Vós outros não vedes como estes villãos andam fóra da cidade, sem receio nenhum, que de nós hajam? A elles, a elles, fazel-os encerrar dentro, ca villãos são todos.

Alguns dos seus quando lhe esto ouviram, disseram que aquello não era de fazer, porque ainda que elles dessem com elles até ás portas, não haviam poder de empecer a cidade.

Em el-rei ouvindo isso, houve menencoria, e sem mais responder pediu o bacinete, e disse ao mestre de S. Thiago que com sua bandeira fosse adeante,

e elle fazendo o que el-rei mandou, desceram-se muitos dos cavallos, e com as lanças nas mãos, moveram contra elles, até chegarem uns a outros, e os castellãos eram muitos, e os da cidade poucos, e não os podendo soffrer fizeram-nos tornar rijo pera a cidade, e com outros deram na cava que entonce era ahi baixa, e alli os mataram, ou prenderam senão foram os das torres e muros, que os defendiam ás pedras e virotões.

Em esto veiu el-rei de traz com os seus, e Pero Fernandes de Valhasco começou de dizer a altas vozes:

— Ávante senhores, ávante, que nossa é a cidade.

E isso mesmo o conde D. João Affonso Tello, irmão da rainha, isso mesmo dizia:

— Ávante senhores, ávante, que por aqui vae o caminho pera minha casa.

O Mestre quando esto olhava e viu que os da villa se colhiam sem regimento algum e os castellãos adereçavam direitamente á porta, veiu-se com grande aguça á torre d'onde estava, e cerrou por sua mão uma porta, e mandou aos outros que cerrassem a outra, e disse contra os seus:

— Volta, volta senhores, que é isso? Eu vos farei que sejaes bons, ainda que não queiraes.

Entonce ficavam os portuguezes que andavam fóra, entre o muro e a barbacam, e todos alli se começaram de dar ás lanças uns aos outros muirijamente, e por o combate durar grande espaço, nunca os castellãos os poderam arrancar d'aquelle portal da barbacam, que era sem portas. A muita béstaria, isso mesmo assim das galés, como da que el-rei trazia, não quedavam de tirar aos do muro, de guisa

que todo era cheio de rejões. E outro sim os bésteiros de dentro tiravam por entre as amêas aos de fóra. De cima das torres deitavam muitas pedras que acarretavam mulheres em cestos, que lhe pouco empeciam, porque eram moles e esboroavam-se todas.

O arruido era mui grande e a gente da cidade acudia alli toda. Emquanto esto se fazia, andavam homens de pé, bésteiros, fóra da cidade além das torres de S. Domingos, e veiu a elles D. Alvaro Peres de Gusmão com muitos ginetes, e fizeram esporada contra elles, e foram hi d'elles feridos, e perderam dois cavallos, e não morreu hi nenhum de uma parte nem d'outra.

E vendo os castelãos que não aproveitavam, durando o combate por mui grande espaço, leixaram de combater, sendo já alguns feridos e mortos, entre os quaes morreu o alcaide dos Donzeis, e outro que chamavam Ruy Duque e outros alguns, os mais d'elles de tiros que lançavam de uma torre. Dos portuguezes foram mortos quatro, e muitos feridos, entre os quaes foi ferido Fernão Pereira, Martim Pavedo e outros. E esto feito assim, tornou-se el-rei com os seus pera onde partira, e os da cidade tiveram cuidado de suterrar seus mortos e pensar dos feridos.

CAPITULO CXV

Como el-rei de Castella chegou sobre Lisboa, e como assentou seu arraial sobre ella.

Ao dia seguinte que eram vinte e nove dias do dito mez de Maio, chegaram as naus que foram armadas pera vir de companha com as galés, e eram por todas quarenta entre grandes e outras não tamanhas. El-rei como soube que a frota das naus chegara, partiu logo em outro dia com toda sua hoste, pera poer arraial sobre a cidade, e chegou sobre alli a hora da terça, e a somma das gentes que el-rei alli tinha, seriam até cinco mil lanças, afora as gentes que foram em Santarem, e por todos os outros logares que por elle estavam, e mais mil ginetes, de que era capitão D. Alvaro Pires de Gusmão, e muitos bons bésteiros que eram bem seis mil, segundo alguns escrevem, de gente de pé mui muita sem conto, afóra a que veiu na frota, e d'outras assaz que lhe vinham cada dia por terra.

Mandou el-rei aposentar o arraial a par de um mosteiro de donas que chamavam Santos, da ordem de S. Thiago, que é arredado da cidade pouco mais de dois tiros de bésta, e alli fizeram logo pera el-rei uma alta casa sobradada, feita sobre quatro traves grossas cercada de parede de pedra seca, e acerca d'ella eram assentadas muitas e nobres tendas, assim d'el-rei, como dos senhores que com elle vinham. E todas as outras gentes aposentaram suas

tendas por Alcantara e por Campolide, e por o comaro derredor, em grandes e bem ornadas ruas, todas em cima embandeiradas, e pendões em desvairadas armas, e signaes de como cada um era acompanhado d'armas, com que o arraial resplandecia. E da multidão das trombetas e d'outras cousas, que lhe davam grande aportamento, não cumpre fazer arrezoado.

O arraial era todo apalancado da parte da cidade de um pequeno valle, onde estava um pouco, ca de nenhum outro logar havia receio de receber nojo, pois que de todas as villas derredor estavam por elle, e era arrendado e muito farto de mantimentos que lhe vinham de Santarem em barcos por mar, e por terra grandes recovas de bestas, por cuja guarda mandava el-rei estar sempre gentes no caminho em certos logares onde entendia que podia receber damno. E não sómente de Santarem, mas de todos os outros logares que por el-rei de Castella estavam, era o arraial por serviço de todo o que mister havia.

De Sevilha vinham muitas barcas e baixeis com mantimentos e armas, e quaesquer outras cousas que lhe necessarias eram. E não cuideis que não sómente, mas especiarias de mui desvairadas maneiras achareis em elle grande abundança a vender. Alli havia fisico, sorlorgiões e boticarios, e não sómente tinham prestes as cousas necessarias pera conservar, e assucares e conservas lhe achareis em muita fartura, e agua rosada e outras destiladas aguas de que os viçosos homens uzavam no tempo da paz, tudo ali se achava por dinheiro, segundo cada um queria, e o azo d'estas e outras muitas cousas serem achadas no arraial em grande quan-

tidade, foi a chegada de duas carracas que eram de Levante carregadas pera Flandres, e o tempo contrario as constrangeu por força que pouzassem em Restello, junto com a frota, e el-rei lhe mandou rogar que lhe prouguesse de descarregar alli, e venderem suas mercadorias no arraial, e que fariam muito seu proveito, e que lhe fariam em ello grande prazer e serviço, e lhe faria por ello mercês.

Houveram os mercadores e patrões seu acordo, e com aficados rogos d'el-rei, e receio, dês ahi movidos por seu proveito, outhorgaram o que lhe requereu, e descarregaram suas mercadorias de que as gentes acharam grande abastança, cá pannos de sirgo e de lã de desvairadas maneiras achareis em certas tendas, como cada um houvesse mister. Rua de mulheres mundanarias havia no arrail, tamanha, como se acostumava nas grandes cidades.

No arraial havia rua em que se vendiam e abundavam muitas armas, e outras de mercadores christãos e judeus, em que achavam pannos e folias e outras muitas cousas a vender; e ahi havia rua de cambadores em que havia compra e vendas de moedas d'ouro e prata e d'outras maneiras em grande abundamento. E muitas outras cousas, que dizer não curamos, achareis em elle a vender; sómente de calçaduro nunca foi bem abastado. Era muito manteudo em justiça, de guisa que nenhum homem leixava de dormir suposto que muitos dinheiros tivesse comsigo, nem se faziam em elle outros enojos, porque os homens acostumavam haver pena.

Por guarda do arraial leixavam a ordenança de noite, e estavam em certos logares á vista da cidade alguns de cavallo, que nenhum não podesse sahir d'ella, que logo não fossem vistos.

No mar cerca d'Almada, jaziam sempre duas galés prestes pera não vir á cidade mantimento pelo rio, nem gentes pera sua defensão. E fóra das naus jaziam outras ao longo da cidade, de Cataquefarás até á porta da Cruz todas em ordenança, uma ante a outra, de uma á outra havia deitado um grosso cabre por tal, que ainda que alguma barca ou batel quizesse passar d'além com gentes ou mantimentos, que o não podessem fazer por alli, por azo do embargo de taes cabres. E assim tinha el-rei seu cerco por mar e por terra que bem mostrava aos que o vissem que seu grande e seu nobre poder abastante era pera esta e maior conquista.

E porque os senhores e fidalgos que hi eram com elle viam da sua parte tantas ajudas assim dos logares que por si tinham, como das gentes e mantimentos que lhe cada dia vinham: e estas cousas muito por contrario ao Mestre, e aos logares que por elle tomaram voz; alguns d'elles fallando em ello disseram um dia a Fernão d'Alvares:

— Vós que sois homem que vistes muitas cousas de guerra simillhantes a estas assim em França em companhia d'el-rei D. Enrique, como em outros logares aonde vos achastes em feitos d'armas, parece-vos a vós que o Mestre em Lisboa pode levar adeante esta tenção que tomaram em se defender d'el-rei nosso senhor, e da maior parte dos portuguezes e ainda das gentes d'outros reinos, que são em sua ajuda, e seria mais se elle quizesse?

— Senhores, disse elle, eu vi já muitas cousas, porque sou homem de muitos dias, vi grandes feitos começar com grande poderio, e muitos azos pera se acabarem, e nunca chegaram ao desejo d'aquelles porque eram começados, e vi cometter mui pe-

quenos feitos, sem nenhuma azada razão que tivesse pera se haver de acabar, e pouco a pouco chegaram até grão termo, que nenhum não podia vir por pensamento. E assim digo d'esta demanda que el-rei nosso senhor toma com o Mestre, que se lhe a ventura um dia der favor, o Mestre e a cidade irão por deante com o que começado tem, e d'este feito mais não entendo.

CAPITULO CXVI

Porque guisa estava a cidade corregida pera se defender quando el-rei de Castella poz cerco sobre ella.

NENHUM falamento deve mais vizinho ser d'este capitulo, que haveis ouvido, que poermos logo aqui brevemente de que guisa estava a cidade, jazendo el rei de Castella sobre ella, e porque modo punham em si guarda o Mestre, e as gentes que dentro eram, por não receber damno de seus inimigos, e o esforço e fouteza que contra elles mostraram, em quanto esteve assim cercada.

Onde sabei que como o Mestre e os da cidade souberam a vinda d'el-rei de Castella, e esperaram seu grande e poderoso cerco, logo foi ordenado de recolherem pera a cidade os mais mantimentos que haver podesse, assim de pão e carnes, como quaesquer outras cousas, e iam-se muitos ás lezirias em barcas e bateis, e depois que Santarem esteve por Castella e d'ahi traziam muitos gados mortos, que

salgavam em tinas e em outras muitas cousas de que fizeram muito encalmamento, e colheram-se dentro á cidade muitos lavradores com mulheres e filhos, e cousas que tinham, e outras pessoas d'aquella comarca d'arredor, aquelles a que aprougue de o fazer; e d'elles passaram o Tejo com seus gados e bestas, e com o que levar podiam, e se foram contra Setubal e Palmella; e outros ficaram nas villas que por Castella tomaram voz.

Os muros todos da cidade não haviam mingua de bom reparamento, e em setenta e sete torres que ella tem arredor de si foram feitos fortes com remanchões de madeira, os quaes eram bem fornecidos de escudos e lanças e dardos e béstas de torno, e d'outras maneiras, com grande abundancia de muitos virotões.

Havia mais n'estas torres muitas lanças d'armas, e bacinetes, e d'outras armaduras, que reluziam tanto, que bem mostrava cada uma torre por si que abastaria pera se defender. Em muitas d'ellas estavam tiros bem acompanhados de pedras, e bandeiras de S. Jorge, e armas da cidade e do reino, e d'outros alguns senhores e capitães que as punham nas torres, que lhe eram encomendadas.

Ordenou o Mestre com as gentes da cidade, que fosse repartida a guarda dos muros pelos fidalgos e cidadãos, aos quaes dera certas quadrilhas d'homens d'armas e bésteiros pera ajuda de cada um guardar bem a sua, e em cada uma quadrilha havia um sino pera repicar, quando tal cousa viesse, e como cada um ouvia o sino da sua quadrilha, logo todos direitamente corriam pera lá, por quanto ás vezes os que tinham carrego das torres vinham espaçar pela cidade, e leixavam-nas encomendadas a

homens que muito fiavam; outras vezes não ficavam em ellas senão as atalayas, mas como davam a campam, logo os muros eram cheios e muitas gentes fóra. E não sómente os que eram assignados em cada logar pera defensão, mas ainda as outras gentes da cidade, ouvindo repicar na Sé, e nas outras torres avivavam-se os corações d'elles. E os misteres dando folgança a seus officios, todos com armas logo juntamente corriam pera onde diziam que os castellãos mostravam de virem, e alli vereis os muros cheios de gentes, com muitas trombetas, brados e apupos, esgremindo espadas e lanças e similhantes armas, mostrando fouteza contra seus inimigos. Não curavam então do dito que diz:

«Que mais ajuda a egreja com orações, que os cavalleiros com as armas.»

Não guardavam alli a decretal: *Eclesiastici arma portantes:* os quaes segundo direito, não curam tomar armas, posto que seja por defensão da terra, mas clerigos e frades, especialmonte da Trindade, eram logo nos muros com as melhores armas que haver podiam: ca uns de noite velavam suas torres, e os das quadrilhas roldavam todo o muro e torres de uma quadrilha até á outra. E outras sobre roldas andavam pelos muros, uns idos e outros vindos.

E não embargando todo esto, o Mestre que sobre todos tinha especial cuidado da guarda e governança da cidade, dando a seu corpo mui breve somno, requeria por muitas vezes de noite os muros e torres, com tochas ante si, bem acompanhado de muitos que sempre comsigo levava. Não havia ahi nenhuns reveis dos que haviam de velar, nem tal a que esquecesse cousa que lhe fosse encommendada, mas todos mui prestes a fazer o que lhe

mandavam, de guisa que todo o bom regimento que o Mestre ordenava não minguava abundancia de trigosas execuções.

De trinta e oito portas que ha na cidade, as doze eram todo o dia abertas, encommendadas a bons homens d'armas, que tinham cuidado de as guardar; pelas quaes nehuma pessoa que conhecida não fosse não havia d'entrar nem sahir, sem sabendo primeiro certo, porque razão ia ou vinha, e alli atravessavam paus com tavoado para dormir os que tal cuidado tinham por de noite serem d'elles acompanhadas, e nenhum malicioso ser atrevido de cometer nenhum erro. D'algumas portas tinham certas pessoas as chaves por razão dos bateis, que a taes horas iam e vinham d'além com trigos e outros mantimentos, segundo lereis em seu logar. E outras chaves apanhava um homem cada noite, de que o Mestre muito fiava, vendo primeiro como as portas ficavam fechadas e lhes levavam todas ao paço d'onde pousava.

Acerca da porta de Santa Catharina, da parte do arraial, por onde mais costumavam sahir a escaramuçar, estava sempre uma casa com camas prestes e ovos e estopas e lençoes velhos pera romper, e sorgião e triaga e outras necessarias cousas das escaramuças. Na ribeira havia feitas duas grandes e fortes estacadas de degraus e valentes paus, que o Mestre mandara fazer ante que el-rei de Castella viesse por defender o combate da ribeira, e era desde onde o mar mais longe espraiava até junto da cidade, e uma foi caminho de Santos a fundo, caminho da Atalaya, e a outra fizeram no outro cabo da cidade junto com o muro dos fornos da cal, junto com o mosteiro de

Santa Clara, as quaes eram de estacas dobradas assim bastas, porque nenhum de cavallo podesse passar por ellas, e tambem poucos homens de pé, sem primeiro subindo por cima da altura dos paus, que seria grave cousa de fazer, e entre as ordens das dobradas estacas, havia espaço sem pedra deitada, em que um batel podesse caber sem remos, posto atravez, se cumprisse de se alli acolherem. Não leixavam os da cidade, por serem assim cercados, de fazerem a barbacam derredor do muro da parte do arraial, da porta de Santa Catharina, até á torre d'Alvaro Paes, que seria dois tiros de bésta. E os moços sem nenhum medo apanhavam das pedras pela cidade, e cantavam altas vozes dizendo: «Esta es Lisboa prezada, miralda, y leixalda; se quisieredes carnero, qual dieram al Andero, si quisieredes cabrito, qual dieram al arcebispo.» E outras razões similhantes. E quando os inimigos os queriam estorvar, eram postos em aquelle cuidado que foram os filhos de Israel, quando el-rei Xerxes, filho d'el-rei Dario deu licença ao propheta Nehemias que refizesse os muros de Jerusalem, que os guerreados pelos vizinhos derredor, que os não alçassem: com uma mão punham uma pedra, com a outra tinham a espada pera se defender. E os portuguezes fazendo tal obra tinham as armas junto comsigo, com que defendiam dos inimigos, quando se trabalhavam de os embargar, que o não fizessem. As outras cousas que pertenciam ao regimento da cidade todas eram postas em boa e egual ordença, e assim não havia nenhum, que contra outrem levantasse arruido, nem lhes empecesse por lento dos excesssos, mas todos uzavam de amivel concordia acompanhada do proveito com-

mum. Oh que formosa cousa era de vêr um tão alto e poderoso senhor, como era el-rei de Castella com tanta multidão de gentes assim por mar como por terra, postos em tão grande e boa ordenança ter cercada tão nobre cidade, e ella assim guarnecida de gentes e d'armas com taes avizamentos por sua guarda e defensão em tanto, que dizem os que o viram que tão formoso cerco da cidade não era em memoria d'homens, que fosse visto de mui longos annos até áquelle tempo.

CAPITULO CXVII

Como foi tomado Ourem, e preso Diogo Lopes Pacheco e dado por elle João Ramires d'Arelhano.

Estando o Mestre assim d'esta guisa, aos onze dias do mez-de julho chegou-lhe recado por certo recontamento, que o mestre de Christo D. Lopo Dias de Sousa, não por força mas por consentimento d'alguns moradores d'Ourem, tomara a dita villa, que estava por Castella, e mantinha sua voz, e a possuia sob o senhorio do Mestre, do qual logar foram tomados e prezos dois filhos do conde João Affonso, conde de Barcellos, irmão da rainha D. Leonor, e todos os homens d'armas que o dito conde tinha pera guarda d'elle, e ao Mestre e aos da cidade prougue com estas novas muito, e logo acerca morreu de sua morte D. Alvaro Pires de Castro, conde de Arraiolos, e soterraram-no no mosteiro de S. Domingos. Em este comenos, não foram muitos

dias, estando ainda a villa d'Almada pelo Mestre, a qual é em direito de Lisboa, uma legua atravez do rio da outra parte, chegou hi Diogo Lopes Pacheco, que andava em Castella, de que em alguns logares é feito menção, e elle e tres filhos s. João Fernandes, que era lídimo, e Lopo Fernandes e Fernão Lopes que eram bastardos, e quizeram entrar na villa; os do conselho não quizeram temendo-se d'elles, porque vinha de Castella, e pouzou no arrabalde com outros portuguezes, que hi pousavam, e trazia comsigo até trinta homens, dos quaes eram quatorze de cavallo. E buscando azo de sua vinda, dizem alguns em este passo, que depois que a rainha D. Beatriz reinou em Castella, que sempre elle teve suspeita, que não podia lá elle bem viver, e pero que suspeitoso nunca é seguro, receando-se elle da rainha que lhe tinha odio, como lh'o tinha el-rei D. Fernando seu padre, por azo da vinda d'el-rei D. Henrique, que viera sobre Lisboa, e a destruição que em ella fizera, o qual afirmavam que fôra por seu azo d'elle, pois que d'elle este receio e suspeita tivesse, não podia al fazer nem lhe cumpria andar mais mundo do que já andara, ca era homem de oitenta annos, e quando ouviu dizer que o Mestre tomara carrego de regedor dos reinos de Portugal e do Algarve, determinou de se partir de Castella, e se lançar com o Mestre em Lisboa, e por mais segurança de sua vida, e com tal intenção se veiu a Almada.

Vendo que passar não podia por azo da frota, chegou e mandou dizer aos de Almada, que lhe dessem a villa, e que fossem seus, que lhes faria por ello mercês. Os do logar responderam entre outras razões, que elles eram portuguezes, e não entendiam

fazer mudança, mas como Lisboa fizesse, que assim fariam elles.

Estando d'esta guisa, a cabo de tres ou quatro dias, que Diogo Lopes chegou, sabendo el-rei parte de sua vinda mandou de noite encubertamente passar em galés e bateis e naus muitas gentes e bésteiros e cavallos, e duas galés d'ellas foram a Margueira, que é um porto acerca da villa, e estiveram quedas. Duas ou tres galés passaram toda a noite aquelles que el-rei mandou, e foram aportar ao cabo de Martim Affonso, acima da mutela da Ribeira.

Quando foi manhã a gente dos castellãos se foi a estrada que vem de Coina pera o logar, e as escuitas que tinha a villa, foram-lhe dar novas de sua vinda d'elles. A manhã era muito nevosa, e sahiram homens de cavallo e de pé, e Diogo Lopes, e seus filhos com elles, e eram na villa por bons e comunaes até oitenta de cavallo, gente de pé, e os bésteiros quatrocentos e cincoenta.

Os castellãos seriam quatrocentos de cavallo e muitos bésteiros e peões, e ao topar que fizeram uns com outros, cahiram dos inimigos entre de pé e de cavallo quarenta, e dos portuguezes sete. Uma cillada que os castellãos tinham entre a villa e onde aportaram sobreveiu dar em elles, e morrendo de uma parte e da outra, foi preso Diogo Lopes, e fugiram os filhos em cima de seus cavallos pera um castello que se chama Cezimbra, que são d'ahi tres leguas, que mantinha voz do Mestre, e foi mais preso Affonso Gallo, recebedor da villa, e outros com elles, e d'elles fugiram pera Cezimbra.

Os castellãos que eram muitos, combateram logo Almada, e não lhe podendo então fazer cousa que

muito damno lhe fizesse, pozeram cerco sobre ella de socego, desde então a tiveram cercada.

Diogo Lopes foi trazido a el-rei de Castella e tinham-o preso no arraial, havendo d'elle mui grão queixume.

O Mestre vendo como Diogo Lopes se partira de Castella com seus filhos, e por defensão do reino fôra preso d'aquella guisa, ordenou logo de o livrar da prisão, e comprou João Ramires d'Arelhano a Perim Gascon e a Diogo Esteves, cujo prisioneiro era, pera o dar por Diogo Lopes. D'este cambio não prazia a muitos, desviando o Mestre que o não fizesse, dizendo-lhe que Diogo Lopes era já homem velho, e mais não tal de que se podesse prestar em feito de guerra, e que João Ramires era bom homem d'armas, e assim o mostrara quando fôra prezo; e pois que era pessoa que lhe podia empecer, que tal feira não era egual, nem se podia fazer por nenhuma guisa. Certamente assim era como se dizia, ca João Ramires era mui bom e ardido cavalleiro, e amava-o el-rei de Castella muito, porque o criara, e por estremado homem d'armas, e era filho de madama Venezeana, de que el-rei muito fiava e era sua ama.

O Mestre não curou de quantos lh'o contradiziam, mas teve por bem de o dar por elle, uzando em tal feito de virtuosa vontade com direito conhecimento, e assim foi dado João Ramires por Diogo Lopes, o que o Mestre logo fez de seu conselho, e lhe poz por mez quinhentas libras de mantimento.

CAPITULO CXVIII

Dos capitães que entraram com o arcebispo a correr em Portugal, e como foi preso Fernando Affonso de Samora.

Ouvido tendes, já vae em dois mezes, como treze galés partiram de Lisboa, e se foram á cidade do Porto pera todas juntamente com as naus e galés d'esse logar virem dar batalha á frota d'el-rei de Castella, depois que jouvesse sobre a cidade.

Para melhor vermos todos que se fez depois que ahi chegaram, leamos primeiro tres capitulos seguintes do que haveiu ante sua chegada.

Onde sabei que tendo cercado el-rei de Castella Lisboa, como dissemos, e estando por elle entre Douro e Minho os logares que já são ditos, ajuntou-se D. João Manrique, arcebispo de Santiago, com muita gente de castellãos, pera correr e destruir toda aquella comarca, que voz tivesse pelo Mestre. E os capitães portuguezes, que com elle vinham eram estes s. Lopo Gomes de Lira e João Rodrigues Portocarreiro, e Fernão Gomes da Silva, e Ayres Gomes, o velho, e Martim Gonçalves de Atayde, e Vasco Gil de Fontella, e Gonçalo Pires Coelho, e os capitães gallegos eram Fernão Pires d'Andrade e Bernardo Eannes de Santiago, e Garcia Rodrigues, e Affonso de Valle Carca, e Martim Sanches de Marinha, e Pedro Alvares, e Paio Sordea, e João Rodrigues de Biedma, e Gonçalo Marinho e outros.

Traziam todos até setecentas lanças e dois mil homens de pé, todos gente escolhida e bem postos pera pelejar.

Andava mais n'aquella comarca um cavalleiro castellão a que chamavam Fernão Affonso de Samora, homem bem fidalgo, acompanhado de oitenta de cavallo, mui bons escudeiros, e assim castellãos como d'outra gente, mas estes andavam apartados por si, e com arte e por esta guisa: Quando chegava aos logares que estavam por Portugal, dizia que era da tenção do Mestre, e quando chegava aos que estavam por Castella, em poucas palavras lhe fazia entender que era da sua parte, e assim andava com aquelles seus comendo e gastando a terra, sem lhe contradizendo nenhuma pessoa, e com este fingimento chegou a Santo Tyrso de riba Dave, com sua gente, e lançaram-se ahi a folgar mui seguro de nenhum contrario que lhe avir podesse, sem poendo a si alguma guarda.

O conde D. Pedro que estava no Porto como já é dito, como esto ouviu, disse aos da cidade como aquelle Fernando Affonso andava com esta falsura. Como elles ouviram dizer de tal arte, como aquelle Fernando Affonso uzava, roubando e gastando a terra, tresmontando sobre elle uma noite e chegaram de madrugada ao logar onde jazia com todos os seus de segurado, e acharam-nos ainda nas camas, e pero que elle trabalhasse de se defender quanto poude, e assim alguns dos seus, não lhe prestou nada, mas antes houve hi feridos de uma parte e da outra, e mortos da sua gente e outros fugidos cada um como melhor poude, e prenderam a elle e a Affonso de Vallença seu filho, e mataram um seu sobrinho, tomaram-lhe os cavallos e mulas

e todas as outras cousas que lhe acharam, e trouxeram todos á cidade, e jouve hi prezo, elle e seu filho até que a frota depois foi pera Lisboa, e foi tomado em ella dos castellãos, como adeante ouvireis.

CAPITULO CXIX

Do conselho que o Arcebispo houve com os seus, e como foi cercar o Porto.

ESTANDO o arcebispo em Braga com as gentes que já nomeamos, estando pela terra a roubar e fazer todo o mal que podiam, houveram conselho em que maneira fariam guerra o mais a seu salvo que podessem, e com mais sua honra. E dizem alguns que disseram entre si:

—Vamos ao Porto, que são d'ahi a oito leguas, e cerquemol-o por uma parte, e nosso arraial seja posto á porta do Olival, e em breves dias o tomaremos, porque na cidade não ha quem peleje comnosco, nem ha poder de se defender que muito seja.

O arcebispo quanto esto ouviu respondeu entonce.

—Eu não sou em este conselho por duas razões: a uma por a cidade ser de muita gente, que a poderão mui bem defender, a outra porque é porto de mar, que por muitas vezes pode haver acorrimento quando tal cousa aviesse; mas parece-me que será bem não nos chegarmos muito a elles, mas andarmos a geito duas leguas d'arredor, e tirar-lhe-hemos os

mantimentos. E porque elles não são encavalgados, não nos podem vir fazer nojo, e em tanto ir-se-hão gastando entre si, sem outro nenhum nosso damno, ca pois a maior parte está por Castella, o revelar de Lisboa, e d'este logar e d'alguns outros que tem voz do Mestre não pode ser que muito dure, ca elles verão que fazem vaidade em defender perciosamente sua tenção, e farão todo que lhes el-rei nosso senhor, e a rainha sua mulher mandarem, e digo-vos que este seria meu conselho. No qual se outhorgavam todos os castellãos, que hi eram, mas os portuguezes desnaturados, que hi eram, especialmente Lopo Gomes de Lira, com seus parentes e amigos, disseram ao arcebispo:

—Senhor, vamos adeante todavia, ca não havemos por que haver receio dos que moram na cidade, são gentes sem conselho, e não ha em elles nenhum bom regimento, porque os corações dos muitos são desvairados, não sómente por inveja, mas ainda por suspeição, a qual cousa ainda entre elles póde ser muito mais, quando nos virem juntos comsigo, que se volverão todos sem governança, e será entre elles tal desacordo, que será a nós mui grande honra e façanha; assim que de uma guisa ou de outra, não podemos d'esto alcançar senão bem. E porém não o ponhamos mais em vagar, mas cheguemos alá em toda a guisa, e que mais não seja, vamos sequer fazer mostrança e provar que querem fazer.

O conselho era mui bom, se os da cidade foram em desacordo, como elles diziam, porque não ha morte mais cheia de peçonha nem que assim destrua as cidades e que as faça mais azinha perder, que discordia entre os moradores d'ellas. Mas esto

era muito pelo contrario, ca as gentes da cidade eram todas de um acordo, por saude e defensão d'ella e todos tinham um coração, e des-ahi como se mostrou depois ao deante.

Então o arcebispo vendo-se aficado d'estas e outras razões, houve de consentir ao acordo que os outros diziam, e começaram de andar seu caminho pela estrada de Guimarães, e chegaram ao meio dia acerca do Porto e pouzaram seu arraial aonde chamam S. Romão, que é meia legua do logar, e alli comeram e folgaram.

CAPITULO CXX

Como os do Porto sahiram fóra pera pelejarem com os gallegos.

QUANDO os da cidade souberam como os castellãos eram em aquelle logar, e a vontade com que vinham, houveram todos seu acordo, dizendo uns aos outros:

—Estas gentes que alli jazem são muitas e boas, e vem com tenção de cercar esta cidade, e a tomar se poderem, pois nós cercados d'elles, ou nos leixaremos aqui jazer encerrados como gados em curral e não sairemos fóra, ou lhe poeremos a praça. Senão sairmos fóra esto será a nós mui grande mingua e prasmo, pois cumpre todavia de sairmos, ca de outra guisa, que vergonha seria a nós havermos a cidade cercada de nossos inimigos, que querem de nós haver honra, e provar pera quanto somos, e

nós não curarmos d'ello, e estarmos olhando do muro, como mulheres. E porém não devemos consentir com elles nem levem de nós tal louvor, e a vergonha fique comnosco, leixando-os chegar aqui á sua vontade. Mas saíamos a elles e em toda a guisa e nenhum não haja receio, ca Deus será em nossa ajuda.

E havido este acordo, leixando concelho, trabalharam logo de se armar todos á maior pressa que poderam, em tanto que do maior até o mais pequeno não ficou nenhum que se não armasse pera sahir fóra, como fossem prestes todos. Dos quaes eram o principal o conde D. Pedro já nomeado, com quinze escudeiros bem corregidos, e outro fidalgo chamado Martim Corrêa, e outros bons escudeiros com suas gentes, de guisa que eram por todos com os da cidade, até sete centos homens de pé.

Era mais Gonçalo Pires, escrivão da chancellaria, padre que fôra de Luiz Conçalves e de Pedro Gonçalves, que chamavam Malafaia, de que adeante se fará menção, o que o Mestre ante d'esto havia mandado em uma barca com João Ramalho e Nicolau Domingues, homens honrados da dita cidade, pera encaminhar cousas de seu serviço. E este não quedava dizendo a uns e a outros:

— Amigos, saiamos a elles, que não são pera nós nada, nós somos portuguezes direitos e por defender nossa terra e reino não devemos tomar nenhum receio, mas todavia pelejar com elles, e defendel-o até á morte, antes que nos sugigarem contra a razão e direito.

E elles todos prestes com grande esforço e vontade sairam todos fóra, e foram-se aposentar ao

chafariz de Mija Velhas, que é pequeno espaço da cidade, ca porque não eram encavalgados e era já sobre a tarde, não ouzaram de ir mais longe, e atenderam-nos alli, e quando viram que não apareciam, tornaram-se pera a cidade, e não se fez mais por entonce.

CAPITULO CXXI

Como as galés de Lisboa chegaram ao Porto e se ajuntaram as gentes d'ellas com as da villa pera pelejar com os gallegos.

E no outro dia de madrugada armaram-se todos e sairam pela porta do Olival, porque ouviram dizer que d'aquella parte queriam vir aquellas gentes, e foram-nos aguardar por grande espaço e longe da cidade. E elles estando alli, achegaram as galés que dissemos que partiram de Lisboa, todas apavezadas e bem corregidas, com grande alegria, dando ás trombetas, dizendo suas saudações como é costume de mareantes. Pouzaram ante a cidade, e os que ficaram em ella e não sahiam fóra, quando viram as galés foram mui ledos com ellas e mandaram-no logo dizer aos outros. Os das galés isso mesmo como chegaram e lhe disseram como os da cidade sahiram pera pelejar com aquellas gentes, sem outra tardança, nem mais espaço, pozeram logo as pranchas fóra e saltaram todos em terra s. Gonçalo Rodrigues de Sousa, e Ruy Pereira, e Affonso Furtado, e Gonçalo Vasques,

filho de Vasco Martins de Mello, e seu irmão, e Antão Vasques, e Ayres Vasques d'Alvalade, e outros fidalgos e patrões de galés, e com elles até trezentas lanças e quinhentos besteiros, e tres mil e quinhentos galeotes. Assim eram por todos com os da cidade que já ditos são, mil homens d'armas, e oitocentos bésteiros, e cinco mil homens de pé, todos com grande vontade de pelejar, com a bandeira do Mestre tendida entre elles.

Quando os gallegos ouviram dizer que as galés de Portugal chegaram, e como as gentes d'ellas eram juntas com as da cidade, muito lhes pezou de taes novas, de guisa que de todo perderam a confiança em que ante confiavam; pero porque eram certos que os do logar não eram encavalgados leixaram-se estar de socego.

Os portuguezes quando esto souberam, houveram acordo entre si dizendo:

—Pois que assim é, que elles não querem vir a nós, vamos nós lá buscal-os onde estão, e nenhum se enfade em quanto andar podemos, ca d'outra guisa farão de nós escarneo:

Entonce moveram todos caminho de Paparanhas com suas bandeiras deante, e uma do Mestre, que todos haviam de guardar, e a outra dos signaes da cidade. E muitos dos que os viram assim choravam de prazer dizendo:

—Senhor rei todo poderoso, sê do nosso bando, e ajuda-os contra seus inimigos. E elles indo assim regidos em batalha, com grande vontade de pelejar, viram quatro ginetes da parte dos gallegos; como os viram ir d'aquella guisa deram logo volta e disseram ao arcebispo e aos outros que já pareciam no viso de Paparanhas.

Entonce cavalgaram todos azinha, e passaram a agua de Leça, e pozeram-se acima da ponte do rio em um alto logar forte, de geito que nenhum lhe podia fazer nojo, nem passar por aquella ponte sem muito e grande seu damno.

E os portuguezes quando o viram d'aquella maneira, acendiam-se em mais vontade de pelejar, em buscando logar azado, por onde passassem a seu salvo, pera os fazerem descer d'aquelle monte, nunca o poderam achar, e porque se chegava a noite, aos marmoeiraes de Leça, e d'ahi mandaram seu recado ao arcebispo por um frade da ordem de S. Francisco, que chamavam Frei Vasco Patinho, o qual chegou a elle e disse:

—Senhor, aquelles capitães que alli estão com aquellas gentes vos enviam dizer e rogar, que vos praza de vos arredardes d'aqui; que elles possam passar pela ponte desembargadamente, e vos punhaes em logar onde vos elles possam poer batalha, e pelejar comvosco.

—Amigo, disse o arcebispo, estas gentes estão aqui juntas como vós vêdes, se elles a nós quizerem vir, aqui nos acharão prestes pera pelejar, mas d'outra guisa não nos mudaremos de como estamos, senão quando virmos que nos cumpre, e esta resposta lhe levae.

Tornou-se o padre com este recado, dês-ahi cerrou-se a noite, e pozeram suas escuitas pelos caminhos, que não recebessem damno d'alguma parte. E fizeram muitas fogueiras no arraial, e os demais vigiaram toda a noite, ca não eram mais longe que a tiro de virotão, e os castellãos não quedaram despachar ao arraial, e mandar suas azemulas contra Braga.

CAPITULO CXXII

Como os portuguezes escaramuçaram com os gallegos, e se foi o arcebispo.

Foi-se gastando a noite azinha, ca era no mez de maio, na alva da manhã, tanto que alvoreceu, os gallegos que estavam já todos prestes, assim os de cavallo como os de pé com sua bandeira tendida dos signaes de S. Thiago. Os portuguezes quando esto viram buscaram logar por onde passassem, e não o poderam achar, e bem mostravam a de fóra, a grande vontade que dentro no coração tinham.

Houveram-se de meter por uma brenha muito espessa, pero deitaram em ella muitos paus e muitos ramos de arvores, e começaram por alli de passar o melhor que poderem até trezentos, entre bésteiros e de pé e alguns de cavallo, e com elles um cidadão do Porto, que os quadilhava, que chamavam João Ramalho.

Os gallegos quando viram que elles passavam por logar tão mau, marvilharam-se, e disseram:

— Leixemos passar quantos poderem, e depois que forem da parte d'aquem, de ante que sejam acaudilhados e regidos como cumpre, daremos em elles rijamente de volta, e assim os desbarataremos.

Os portuguezes entenderam esto e foram-se mais a fundo buscar outro melhor logar, por onde fossem todos juntos, e antes que passassem os gallegos de cavallo e de pé, todos em tropel, vieram

dar mui rijamente n'aquelles poucos que já eram da parte d'além.

Os portuguezes por todo esto não se arramaram mas tiveram-se todos juntos, e começaram de se ferir de vontade, mas os bésteiros maguavam mui mal os gallegos, de guisa que cahiram logo mortos um de cavallo e dois de pé, e afastaram-se afóra por força.

Falou entonce o arcebispo aos seus e disse:

—Amigos, paraes mentes como estas gentes vem a nós assim como homens que não temem a morte; e certamente grave cousa seria, e não me parece razão havermo-nos de embrulhar com elles, ca elles trazem muitos besteiros, porque hão de nós grande melhoria, e matando-nos os cavallos, poderìamos azinha ser vencidos, e porém leixemol-os, e vamo-nos a nosso salvo, ca ainda que dois reis viessem a um d'elles, gente de treze galés em ajuda lhe daria tanta avantagem, e poria em outra tão grande duvida, que bem cuidariam que tal peleja era de escusar, maiormente, que deve fazer a nós?

Então outhorgaram todos em esto, que o arcebispo dizia, moveram e foram-se logo, indo alguns portuguezes a geito d'elles ladrando-os. Deram parte dos gallegos volta, foi morto um portuguez.

Entonce aguardaram aquelle dia e noite seguinte pensando que seus inimigos faziam aquello com arte, e que por ventura tornariam a elles; e elles, depois que souberam que eram muito alongados, tornaram-se pera a cidade com muito prazer.

CAPITULO CXXIII

Como Ruy Pereira disse sua mensagem aos do Porto, e a resposta que lhe deram.

Depois que os da cidade foram socegados, e isso mesmo as gentes da frota, disse Ruy Pereira aos do logar que se ajuntassem todos, que lhes queria notificar algumas cousas que lhe o Mestre mandava dizer. E no outro dia que era sexta feira, ajuntaram-se todos pera ouvir sua embaixada, a qual por elle proposta, mostrando primeiro uma carta de crença, começou a dizer d'esta guisa:

—Senhores amigos, o Mestre, nosso regedor e defensor, vos envia muito saudar, e se encomenda em vossas boas lealdades. E manda-vos dizer, que bem sabeis como êste reino anda todo envolto com desvairadas tenções, e como os castellãos o querem subjugar e haver pera si, e como elle por bem do reino e sua defensão, tomou voz de regedor e defensor d'elle, pois hi não ha outro que se ponha por elle ao defender e amparar, e que elle se offerece por sua defensão, até poer o corpo e a vida á morte.

E que outro sim sabeis bem como el-rei de Castella está já mui acerca da cidade com todas suas gentes e poder pera haver de cercar e correr, e gastam toda aquella comarca, que já tem por sua, aguardando, que como vier a frota, logo cerquem toda a cidade por mar e por terra. E porém vos

envia rogar, como a bons naturaes e leaes portuguezes, e como aquelles que sempre mostraes lealdade á casa de Portugal, que vos praza d'estas naus e barcas que aqui ha em esta cidade, serem logo armadas, e isso mesmo façaes logo deitar as galés na agua, e sejam logo esquipadas pera ella, com estas outras que hora cá vieram de Lisboa irem todos a pelejar com a frota de Castella depois que vier, e temos esperança em Deus e na Virgem Maria sua madre, que nos ajudará contra elles, e nos dará d'ella tal vencimento que será grande honra e proveito e serviço de nosso senhor o Mestre, e muito boa nomeada de vós outros todos. Além d'esto vos envia mais dizer, que por a grão necessidade em que elle é posto, e pera defensão d'estes reinos, a que tanto faz mister que lhe acorraes com uma somma de dinheiros emprestados, que escuzar não póde pera tão necessarias despezas, como vedes que seguem, e que elle não tem outras prendas que vos dar por tal emprestilho, se não a si mesmo, se o Deus guardar de mal, o que prazerá a Deus, que o guardará e que elle vos promete como filho d'el-rei que é, e por toda sua verdade, que elle vos pague tudo mui bem, e pera esto eu trago aqui sua procuração e poder abastante, como bem podeis vêr, pera obrigar-me em seu nome como a vós todos aprouguer.

Respondeu entonce um homem bom cidadão do logar, que chamavam Domingos Pires das Eiras, que deram logar os cidadãos que fallasse por elles, havendo já a gente informação do que lhe havia de ser proposto, e disse em esta guisa.

—Ruy Pereira, vós dissestes mui bem vossa mensagem todo o que a vós foi encomendado.

Eu digo por mim, e por todo este povo que aqui está, que nós somos prestes com boa vontade de seguir o Mestre nosso senhor, e fazermos todo o que elle mandar por seu serviço e defensão do reino, que já elle seria um estranho, que nós não conheriamos, e quando se elle despozesse aos taes trabalhos e perigos, por nos defender e amparar, maiormente ser elle filho d'el-rei D. Pedro, como é, e não termos outro a que tenhamos mentes, senão a Deus e a elle. Mui grande razão é de vos fazermos qualquer cousa que sua mercê fôr. Demais por defensão d'estes reinos, de que todos naturaes somos. E porém ouro, prata e dinheiros tudo quanto temos faremos prestes pera tal necessidade que senão pode dispender, em cousa mais guisada que por defender nossa terra, e por nunca sermos em poder de castellãos e todos seguirmos sua tenção, que é muito avisada, e não ha em esta cidade quem tenha o contrario d'esto, e quando hi tal fosse achado, o que Deus não mande, elle não haveria vida entre nós. E para esto as naus, barcas e galés com todas as cousas que lhe fizerem mister, lhe offerecemos de mui boa vontade; farinhas, carnes, pescados e vinhos, que fizerem mister de mui boa vontade pera a frota de todo havereis abastamento. E todas as gentes da cidade que pera tal obra forem pertencentes, todos entraram em ella de mui boa vontade, e porém vos peço, pera esto requeredores qual vós quizerdes, e logo todo será feito sem nenhuma mingua, e mandae vossas cartas pelas comarcas, a quaesquer, que tem voz por Portugal, que se venham á pressa, pera irem em esta frota. E certo é que todos que amam honra e proveito do reino, que logo assim serão. E entre esses a que

todavia haveis de escrever, é o conde D. Gonçalo, que tem Coimbra, e esto por tres razões:

A primeira a cidade de Coimbra, que poeremos em segurança, que é logar de que poderia vir grão torva a nossa demanda:

A segunda, das gentes que tem comsigo, que nos serão boa ajuda:

A terceira que se elle vier pera vir em ella, nenhum dos outros não haverão que dizer.

Entonce acordaram que era bem de lhe enviar recado por D. Martim Gil, abbade de Paço. D'esahi escreveram suas cartas a outras pessoas pera essa comarca, fazendo-lhe saber sua tenção qual era, e que se lhe guisasse logo, e se viessem ao Porto, e que lhes dariam todas as cousas que mister houvessem, sem nenhuma duvida.

CAPITULO CXXIV

Do recado que os do Porto enviaram ao conde D. Gonçalo, e da resposta que a ello deu.

Esto assim acordado, escreveram sua crença e deram-na a D. Martim Gil, abbade do Paço, que depois foi bispo do Algarve, e elle chegou a Coimbra, onde o conde estava, e foi bem recebido d'elle, e porque era sua feitura e por elle houvera abbadia, e perguntando-lhe o conde de praça quem o déitara d'aquella parte?

— Senhor, disse elle, o que me cá fez vir, é uma mensagem que vos trago d'aquelles homens bons do Porto.

Entonce se apartaram a departe, e lida a carta de crença, propoz D. abbade em esta guisa:

—Senhor, aquelles homens bons da cidade do Porto, e isso mesmo o capitão da frota que hora hi chegou de Lisboa, com todas outras gentes que em ella são, se enviam muito saudar a vossa mercê, dizendo que bem sabeis como este reino por nossos pecados, é hora duvidoso em duas partes, de guisa que a vinda do Ante-Christo, não podia em elle fazer maior divisão, do que hora esta terra está, e os castellãos são todos contra Portugal, e a maior parte dos portuguezes, segundo bem vedes. Pero não embargando esto o Mestre com toda a vontade se põe de todo a defendel-o, nem ha outrem que o queira emparar, e elle está em Lisboa prestes pera ser cercado, como já ouvireis dizer, e el-rei de Castella vae sobre a cidade com todo seu poder e frota. E o Mestre receando muito o grande nojo que receber póde da frota de Castella, tendo-lhe tomado o rio, e não haver os mantimentos e ajuda que haver poderia d'alguns logares de Alemtejo por azo de ser cercado por mar, mandou certas galés que hi são e todas armadas, segundo lhe cumprirem, irem pelejar com a frota de Castella por desempachar o rio, e ficar a cidade desabafada d'aquella parte, e pera isto armasse a frota das naus e galés quanto mais podesse, e escreveram já muitos sobre ello, que se venham á pressa pera entrar em ella. E porque a frota cumpre de ir bem armada, e posta sob governança de um bom capitão, e em esta comarca não ha nenhum similhante a vós, acordaram que era bem de vos escrever sobre ello, porém vos enviam pedir por mercê, que os ajudeis em esta demanda, e vos pra-

za de tomardes encarrego da frota, e serdes senhor e capitão d'ella, e elles vos querem obedecer todos e ir sobe vossa guarda e capitania, e vos dar compridamente todas as cousas que mister ouverdes, vós, e os vossos: pela qual razão, se vossa mercê fôr de o fazer, me parece que alcançareis grande honra, e mostraes em ello vossa bondade, e todos vos terão em grande bem ajudardes a defender terra de que sois natural, segundo meu entendimento abrange, e d'estes feitos não entendo outra cousa.

Depois d'esto e outras razões que D. Abbade ao conde disse, a primeira cousa que lhe respondeu foi esto: dizendo, que porque não ia Gonçalo de Sousa por capitão da frota, assim como de Lisboa viera.

—Senhor, assim é que Gonçalo Rodrigues como chegou ao Porto, logo a poucos dias partiu d'ahi, e dizem que vos veiu fallar, e des-ahi a Gonçalo Gomes da Silva, e ao mestre seu sobrinho, e depois a Gonçalo Vasques de Azevedo, da qual cousa foram todos mal contentes; dizendo que não andava lealmente no serviço do Mestre, mas que queria vender as galés e frota a el-rei de Castella. Por a qual razão foi grande alvoroço na cidade e elle ha-se feteudo e por isto não fiam d'elle cousa que seja, nem ha de ir por capitão, nem outro titulo de honra.

O conde ouvindo aquesto, depois de grão rezoado que entre elles houve, finalmente lhe deu em resposta que se o Mestre lhe quizesse dar as terras, que foram da rainha D. Leonor sua irmã, que elle tomaria sua voz, e o serviria na frota, e em toda a cousa que em seu serviço fosse.

Tornou-se entonce o abbade com este recado, e visto por Ruy Pereira e por Gonçalo Pires, e outros que do serviço do Mestre tinham grão cargo, escreveram-lhe logo sobre ello. O Mestre quando esto ouviu não soube resposta que a ello desse, porquanto d'ellas tinha feito mercê a Nuno Alvares, que lh'as antes pedira, pero por haver o conde a seu serviço fez saber a Nuno Alvares o que lhe escreveram, e estes feitos todos em que termo estavam.

Nuno Alvares que todo o seu desejo era encaminhar o serviço do Mestre por onde quer que fosse, quando viu sua carta, mandou logo d'Evora, d'onde entonce estava, um seu escudeiro com resposta ao Mestre, dizendo que não embargando que lh'as elle prometidas tivesse e feito d'ellas mercê primeiro, ca a elle prazia muito que as desse ao conde D. Gonçalo, pera o haver pera seu serviço, e que não dizia elle aquellas terras mas todo o mais, quanto ellé tinha, que o desse a quem sua mercê fosse por encaminhar seu serviço, ca elle esperava no Senhor Deus, que lhe acrescentaria tanto sua honra e estado, que elle lhe agalardoaria dez por esto, melhor do que elle saberia pedir.

O Mestre quando esta resposta viu teve-lh'o por grande bondade, e dês-ahi por azar seu serviço, que lhe em tal sezão cumpria, escreveu logo á pressa ao conde, prometendo-lhe as terras que de sua irmã ficaram, e mais lhe mandou uma carta que elle podesse tomar pera si, e pera os que com elle estavam, todos os direitos e rendas que o Mestre em Coimbra havia de haver. E confirmou a seu filho D. Martinho o logar de Bouças e de Lordello, que d'ante tinha. E o conde ficou logo por seu, e

começou de fazer prestes pera o servir e entrar na frota.

Entonce chegou Gonçalo Pires, e pediu ao conde que lhe mandasse dar biscouto, que estava em Coimbra e em Monte-mór, e ao conde progue d'ello, e levaram d'ahi muito biscouto e armas, de que carregaram dois bateis pera o Porto, e ao conde mandára o Mestre dar muitos dinheiros de graça, e peças de panno pera elle, e pera os seus, e d'esta guisa teve elle com o Mestre, e tomou sua voz.

CAPITULO CXXV

Como as galés foram correr a costa de Galiza, e do que lhe haveiu em sua viagem.

No Porto estava D. Pedro, conde de Trastamara, que se lançou em Coimbra, quando el-rei de Castella hi veiu pera cobrar a cidade, segundo ante contámos, e dois seus irmãos com elle; um d'elles era Affonso Anriques, caçador mór d'el-rei de Castella, e o outro Affonso Anriques mais moço, que foi filho de uma judia; e este se viera dizer a Lisboa ao Mestre em como estava alli prestes pera seu serviço; e ficou hi com elle: e todos tres eram filhos do mestre de Santiago, D. Fadrique, filho que foi d'el-rei D. Affonso, e de Leonor Nunes de Gusmão. O qual D. Fadrique depois morto por el-rei D. Pedro de Castella, segundo dissemos em seu logar, se d'ello sois acordado.

Em este comenos o povo da cidade solto e livre dos outros cuidados, não com pequenas, mas com grandes despezas, faziam carregar com trigança quaesquer cousas, que convinhaveis eram pera tamanho negocio e serviço do Mestre, sem o qual elles não criam o reino, poder ser defeso. E trabalhando cada um de poer em obra quanto sua vontade desejava de fazer, houveram entre si conselho:

Que pois ás galés já eram armadas, e as gentes se vinham ajuntando pera entrar nas naus, que fossem em tanto correr a costa de Galliza. E ordenado como se partissem, foi-lhe dado mantimento de certos dias, e iam nas galés de Lisboa por patrões os que de lá vieram com ellas, salvo se era na galé real, em que fôra Gonçalo Rodrigues de Sousa, que esta ia o conde D. Pedro por capitão, a que todos obedecessem. E na galé que chamavam Santa Anna, ia Gonçalo Vasques de Mello, e Vasco Martins seu irmão, que depois morreu na batalha, na Bemaventurada. E Affonso Furtado na que chamavam Santa Clara. Estevão Vasques Felipe, na que diziam Santa Joanna, Lourenço Mendes, commendador, em outra que chamavam S. Jorge, Mice Manuel, filho de Lançarote Passanha, almirante que foi morto em Beja, na que chamavam Victoria. João Rodrigues Guaday, em Santa Maria de Cacella. Antão Vasques e assim Gil Esteves Fariseu, e Ayres Pires de Camões, e outros em galés assim do Porto, como de Lisboa, que mais não curamos de nomear. E correndo a costa de Galliza, chegaram primeiro a Bayona de Minhor, castello franco e pequeno, e por lhe não queimarem a pescaria lhe deram quatrocentos francos.

Depois se foram a Angia, que é pescaria sem

fortaleza, e queimaram hi dois navios que estavam em estaleiro. E des-ahi partiram pera Cunha, e por lhe não queimarem a pescaria lhe deram seiscentos francos, e ficaram alli parte das galés, e foram-se seis a Ferrol, e este foi todo queimado, que não ficou d'elle senão a egreja. Des-ahi chegaram a Neida, e foi preitejada por quatrocentos francos. E depois tornaram estas seis galés, e partiram com as outras todas da Cunha, e foram-se a Betanços, boa villa assaz, por quanto houveram novas que estavam alli algumas naus com artificios de combater a villa que iam pera Lisboa, e acharam hi uma nau carregada d'engenhos, que ia pera o arraial, e pozeram-lhe o fogo. E queimaram outra nau nova de Pero Ferrenho de Minha. E tomaram uma galé, que chamavam a Volanda, junto com o muro da villa, em que foram alguns feridos, e trouveram-na comsigo. Entonce começaram a combater o logar, de guisa que cerraram com o muro, ca iam hi mui valentes homens, e ardidos de coração, assim como João Rodrigues Guarda, e Antão Vasques, e outros fidalgos pera muito, e estando em ponto de a tomar, e os da villa tão aficados, que a começavam a desamparar. O mesmo conde D. Pedro, que por capitão ia, mandou dar ás trombetas bradando que se affastassem a fóra, dizendo que não era bem morrerem alli alguns por tomarem um tal logar como aquelle, mas que se preitejassem, que se ao outro dia lhe não viesse socorro, que lhe fosse entregue sem outra contenda, e esto fizeram os portuguezes de muito mámente, tomando d'esto mui boa suspeita. E em essa noite veiu Fernão Peres d'Andrade com tanta gente, e se lançou no logar que foi escusada a preitezia. D'esto foi mui prasmado o conde, dizen-

do que porque elle sabia este acorro, que havia de vir aos da villa, que por tanto lhe dissera que não combatessem mais, fazendo-lhe entender, que mais seguro era de lhe dar espaço, que a tomarem por força.

Andaram entonce por aquella costa tomando muito refresco, fazendo todo o mal e damno que podiam, de guisa que do percalço que entonce trouveram, foi pagado á gente soldo de tres mezes. E elles no Porto por lédice de sua vinda ordenaram um torneio vespora de S. João, que era em que os moradores d'aquella cidade costumavam fazer grão festa.

E o torneio foi de capelinhas com espadas brancas, e muito cordorans, segundo uzança d'aquelle tempo. E deu Affonso Anriques, caçador mór, ao seu irmão o conde por cajão uma cutilada na mão direita, de que depois foi aleijado, por cujo azo não veiu na frota, quando partiu do Porto pera Lisboa.

CAPITULO CXXVI

Como Nuno Alvares houvera de ir na frota, e porque razão não entrou n'ella.

As galés no Porto como dissémos, faziam-se as naus prestes quanto podiam, por cedo virem acorrer ao Mestre e á cidade, que havia novas que era mui minguada de mantimentos, por azo da frota de Castella, que lh'os embargava, a não poderem vir por mar, e em apostando-se a

frota do que lhe cumpria, não embargando a grande trigança, passavam mais dias do que mister haviam os que entendiam sua ajuda e acorro.

O Mestre vendo que a frota tardava, dês-ahi a cidade posta em gasto de mantimentos, e havendo grande fiuza no seu mui grande servidor Nuno Alvares Pereira, que o em ello bem servia, escreveu-lhe trigosamente a Evora onde estava, que ajuntasse suas gentes, se fosse ao Porto embarcar na frota, e se viesse em ella pera pelejar com a de Castella, que assim tinha a cidade cercada. Nuno Alvares como viu seu recado, soube como o conde D. Gonçalo e Ruy Pereira, e outros fidalgos haviam de vir na frota, e escreveu-lhes á pressa que lhes aprouguesse de o esperar, ca mui cedo encaminharia pera ir ser seu companheiro. E partiu logo com os seus um pouco d'ouro que o Mestre lhe enviara, aos quaes prougue muito quando Nuno Alvares lhe disse que o Mestre lhe escrevera que se fosse ao Porto.

O conde Ruy Pereira e outros alguns, a que Nuno Alvares escreveu, logo enviaram seu recado com inveja e muita intenção, segundo se affirma, e não quizeram aguardar, mas ordenaram de partir com a frota, como de certo partiram.

Nuno Alvares sem d'isto saber parte a grão trigança andou seu caminho, levando comsigo até dozentas lanças, e quem menos escreve erra em seu escrever, e quando chegou á terra onde estava o mestre de Christo, comeu hi com elle um dia, e o mestre lhe perguntou que lhe parecia d'estes feitos? como se os houvesse por estranho, e não pera vir a tal acabamento como Nuno Alvares e outros cuidavam.

E Nuno Alvares lhe respondeu, que a Deus gra-

ças, os começos lhe pareciam bons e que esperava em Elle, que a fim fosse melhor. E assim se espediu do Mestre e levou caminho de Coimbra, e quando ahi chegou soube como a frota era já em Buarcos, e outra vez escreveu aos capitães d'ella, que lhe rogava que por serviço do Mestre, aguardassem e não partissem sem elle, que logo em ponto lá seria.

E elles como viram seu recado, uzando ainda da primeira inveja, ordenaram de partir logo e não quizeram attender. Nuno Alvares como foi certo de sua partida, pezou-lhe muito e entendeu bem, que se se alguns trigaram de partir mais cedo do que deviam por elle não ir com elles, que Deus não lh'o acoimasse, e os guiasse em seu salvo, como elles desejavam.

Aonde leixemos as naus e galés andar pelo mar em quanto fazem sua viagem, e levemos Nuno Alvares a Além Tejo, e como foi em Evora, d'onde partiu. Entonce tornaremos a contar da frota como chegou a Lisboa, e do que lhe assim haveiu.

CAPITULO CXXVII

Como Nuno Alvares ordenou de partir de Coimbra, e do que lhe assim haveiu.

NUNO Alvares pouzando assim em Coimbra, pouzava hi entonce a condessa mulher do conde D. Henrique Manuel, que tinha Cintra por el-rei de Castella, por odio que havia a Nuno Alvares, de quando fôra correr o termo d'aquelle logar: d'es-ahi por ser muito da parte da

rainha, e fazer serviço a el-rei, ordenou de o prender, juntando secretamente muita gente dos escudeiros e d'outros homens; por quanto ella alli tinha assáz de parentes e amigos e criados pera bem poder fazer tal obra. As gentes de Nuno Alvares já como e em que guisa d'esto souberam, começaram de se avolver juntando-se pera ir ao paço, onde a condessa diziam que fazia seu ajuntamento, e em toda guisa quizeram ordenar de ter com ella maneira.

Nuno Alvares que d'isto não sabia parte quando lh'o disseram acudiu mui á pressa a isso, e fez que se não fizesse nenhuma cousa do que se houvera de fazer, e assim guardou Deus Nuno Alvares de prizão e a condessa de grão perigo, e em esto Nuno Alvares querendo-se partir pera d'onde viera, não tinha pera si nem pera os seus cousa com que partisse, de guisa que alguns tiravam apenhado sobre as armas o que haviam de comer. Nuno Alvares vendo nos seus esta mingua, mandou vender quanta prata tinha, e partiu o preço com elles pera se desempenharem, mas com todo esto não pôde escusar que não fallasse aos homens bons de Coimbra, rogando-lhes que lhes acorressem com alguns dinheiros emprestados pera sua partida, e a elles aprougue de o fazer, e acorreram-lhe com certos dinheiros, de que mandou dar a cada um sete libras d'aquella moeda, pera despeza do caminho. E entonce se partiu e foi primeiro fallar a Gonçalo Mendes de Vasconcellos, que tinha o castello de Coimbra, e fallou-lhe acerca d'um postigo da parte de fóra, e Gonçalo Mendes quando viu algumas gentes d'aquellas de Nuno Alvares não corregidas, como elle cuidava, maravilhou-se dizendo aos seus depois que se Nuno Alvares partiu:

— Espantados sou de taes homens como estes poderem defender este reino a el-rei de Castella que é um tamanho senhor, salvo se Deus anda por capitão d'elles.

D'alli se foi Nuno Alvares a Thomar, e alli houve seu conselho de chegar a Torres Novas, por fallar a Gonçalo Vasques d'Azevedo, que era muito seu amigo, e tinha o logar por el-rei de Castella, se o poderia reduzir a serviço do Mestre, e de feito foi a lá, e fallou com elle n'estes feitos, como elle melhor entendeu, e depois de muitas razões que ambos houveram, outra resposta não poude haver, salvo que não via caminho nem fundamento como os feitos do Mestre viessem a aquelle fim, que elle desejava, dando por isso a entender não muito claro, pero que se elle visse taes conjecturas, em que se podesse defender, que bem lhe prazia servir o Mestre, e assim se espediu d'elle Nuno Alvares e se tornou a Thomar.

CAPITULO CXXVIII

Como a Nuno Alvares lhe haveiu com D. David Algaduxe, sobre dinheiros que lhe quizera dar.

SEGUNDO parece por qualquer guisa que foi, Gonçalo Vasques d'Azevedo houve de saber parte do que a Nuno Alvares haveiu em Coimbra, e como andava misterioso de dinheiro escreveu á pressa a el-rei de Castella, que era bem de o mandar convidar com algum dinheiro, pera vêr e provar que resposta achava em elle, e se se demove-

ria por azo da mingua em que era posto, e que se o houvesse por sua parte não sómente tinha um grande estorvo arredado de seus feitos, mas ainda mui azinha cobraria todo o que desejava haver.

El-rei de Castella respondeu a isto que lhe não parecia razão nem aguisado ser-lhe tal cousa cometida por sua parte, porque poderia depois ser, que não se outhorgando em ello, se gabaria andando que o mandara rogar e convidar com peita, a qual cousa lhe todos contariam por mingua, mas que lh'o enviasse elle cometer por outra maneira, como de seu, e que se Nuno Alvares demovesse a tomar alguma cousa, e sentisse em elle que por lhe darem á sua vontade, se tornaria da sua parte, que entonce por mingua de cometer, não falecesse nenhuma cousa, e que lhe fizesse logo saber.

Gonçalo Vasques fallou logo entonce com um judeu, que chamavam D. David Algaduxe, irmão da mulher de D. Judá, thesoureiro que foi d'el-rei D. Fernando, e chegou a Nuno Alvares a Thomar onde estava, e disse como lhe parecia que elle andava misterioso de dinheiro, e que alguns dinheiros elle tinha d'el-rei de Castella, se alguns a elle aprouguesse de tomar, que elle lhe acorreria com mil dobras por entonce, e que tempo viria em alguma sezão, que elle as serviria a el-rei seu senhor.

Nuno Alvares viu as razões do judeu, entendeu bem este cometimento, e fallou com alguns do seu conselho, por vêr o que em tal caso lhe aconselhavam. E taes hi houve, que lhe disseram que lhes parecia que era mui bem, pois que lh'os Deus trazia á mão sem seu requerimento, que os tomasse todavia, pois que os tanto havia mister pera sua despeza.

Nuno Alvares disse que lhe não parecia bem nem aguisado tomarem dinheiro de nenhuma pessoa, salvo d'aquelles a que entendessem de servir. E que pois elle andava por serviço do Mestre, e defensão dos reinos de Portugal, e que d'outro nenhum não devia de tomar dinheiros, e que elles até entonce andaram sempre limpos, e sem prasmo de nenhuma cousa, e que agora tomando estes dinheiros, por fazer escarneo de cujos eram, que alguns poderiam ser prasmados dizendo que já tomaram d'el-rei de Castella dinheiros, e houveram d'elle bem e mercês, a qual cousa por ventura poderia entre elles ser desacordo, e cousa suspeitosa; assim que os dinheiros não foram tomados, pero que o judeu mui aficadamente o convidasse com elles.

CAPITULO CXXIX

Como Nuno Alvares pelejou com alguns Castellãos, e os desbaratou.

Nuno Alvares partiu de Thomar onde estava, e se foi a Punhete, pera encaminhar entre Tejo e Odiana, que era a comarca d'onde elle tinha carrego. Alli soube que certas gentes de castellãos estavam no Crato, pera partir pera Santarem, e que de Santarem queriam ir outros pera Castella. E estas gentes iam em guarda de grandes recovas e roubos, que alguns castellãos faziam no termo de Santarem, e por outros logares, de roupas de cama e vestidos e alfaias, e d'outras cousas, que de prestar entendiam.

E houve conselho de aguardar uns com outros na estrada, por onde haviam de passar dois ou tres dias, pera com ajuda de Deus pelejar com quaesquer que acontecesse de vir com intenção.

Partiu de Punhete, e chegou á estrada por onde os castellãos haviam de passar de Santarem pera Castella, a uma pequena ribeira onde chamam a Alpeteguam, e comeu acerca d'ella sob uns frescos freixos. Antes que se assentasse a comer mandou poer a tiro de bésta e mais longe suas atalayas, por nenhumas gentes poderem passar, de que elle parte não soubesse, que elle havia por costume de nunca se alojar de dia, que não tivesse atalayas, e de noite guardas e escutas ao longe e ao perto.

E tendo suas atalayas postas, e estando a comer assim elle, como as outras gentes, aqui vem uma das escutas rijamente e mui calado, e disse que pela estrada contra Santarem via grandes pós, e que lhe parecia que vinham alguns de cavallo e de pé. E com estas novas Nuno Alvares foi mui ledo, e deu logo de mão aos mantens e mandou que lhe sellassem as bestas mui sem arruido, e assim o disseram a todos os seus, que se viessem logo pera elle mansamente, e elles fizeram-no assim, ca não tinham razão de se deter, ca todos estavam armados sómente das cabeças, e as bestas selladas, e prestes pera o que aguardavam.

Nuno Alvares estava desviado da estrada, por onde os castellãos vinham. E entre elle e a estrada havia um alevantamento de charneca, á guisa de comiada; e d'aquella comiada se fazia uma descida pera a estrada, e elle disse aos seus que todos fossem a pé calados até o tezo da charneca, e elles fizeram assim, e como foram em cima no tezo, man-

dou dar rijamente ás trombetas, e todos a tropel deram rijamente, á pressa, a aquella estrada onde os castellãos vinham, os quaes não eram mais que oito de cavallo, e cem homens de pé, bons almocreves, todos com lanças e adargas e seus punhaes, e com elles alguns bésteiros.

Como os castellãos viram a Nuno Alvares desceram-se rijo com suas gentes, e foram torvados por mui pouco, porque logo se começaram a defender como bons homens, mas sua defenssão não prestou nada, porque mui azinha foram desbaratados e entre mortos e presos foram ahi pouco mais de oitenta, e alguns se esconderam pelos mattos e não poderam ser achados.

E levaram os de Nuno Alvares muitas azemolas e bestas, ouro e prata e dinheiros, e roupa de vestir, e outras cousas. Foram-se caminho de Evora, onde leixaremos estar Nuno Alvares por guarda de sua frontaria, e vejamos se chegou já a frota de Castella que partiu do Porto pera Lisboa, e do que lhe aconteceu.

CAPITULO CXXX

Do conselho que el-rei de Castella houve com os seus em que guisa pelejaria com a frota de Portugal.

ARMANDO-SE a frota no Porto e prestes pera partir-se como ouvistes, el-rei de Castella trazia suas enculcas por o caminho, de guisa que cada dia sabia novas do que se fazia n'aquella cidade, e ante alguns dias que a frota houvesse de

partir, soube certo o dia que havia de sahir de foz em fora.

Mandou chamar Fernão Sanches de Thoar, seu almirante-mór, e Pero Afan de Ribera, capitão das naus, e disse-lhe em esta guisa:

—Fazei vir aqui de manhã todos os alcaides das galés, e mestres das naus, que quero comvosco e com elles fallar algumas cousas que cumpre a meu serviço.

E em outro dia fizeram elles como el-rei mandou, e trouxeram logo comsigo os alcaides das galés, e mestres das naus, segundo lhe foram dados em rol, e foi-se el-rei com elles dentro ao mosteiro de Santos, e com elle alguns cavalleiros s. Pero Fernandes de Valhasco e Fernão d'Alvares de Toledo, e o conde de Mayorcas, e mandou el-rei ás guardas que serrassem as portas e fizessem todos afastar d'arredor longe do mosteiro, por nenhum não poder ouvir cousa do que se fallasse. E assentou-se el-rei nos degraus do altar mór, onda já estava corregido como cumpria e posto o livro missal alli, e pouzados todos ante elle de uma parte e da outra, disse entonce el-rei contra elles:

—Eu vos fiz aqui chamar pera um conselho que comvosco quero haver, mas antes que nenhuma cousa saibaes do que vos quero dizer, vós me jurareis aos Santos Evangelhos que do que quero agora aqui fallar comvosco nenhuma cousa ser descoberta até aquelle tempo que fôr necessario de se fazer. E depois que todos juraram, enadeu elle mais e disse:

—Não embargando o juramento que já todos fizestes, eu vos defendo sob pena de traição que cousa alguma do que se agora aqui fallar, que vós

a parente nem amigo, nem a outra alguma pessoa que seja, não descubraes nem deis a entender nenhuma cousa, salvo quando vol-o eu mandar ou quando se houver de poer em obra.

Elles disseram que assim o fariam.

—Ora sabeis, disse el-rei, que a razão é esta. Eu hei por novas mui certas que a frota de Portugal é já armada, e prestes pera partir tal dia de foz em fora, e penso que vem em ella Nuno Alvares com muitas gentes do Alemtejo. Ora cumpre que hajamos conselho em que guisa poderemos melhor pelejar com ella a nosso salvo, se aqui dentro no rio ou no mar de foz em fora. Pera esto Fernão Sanches com os alcaides, e vós, Pero Afan com estes mestres das naus, aportaivos cada um a seu cabo, e eu com estes fidalgos haverei meu conselho, e onde os mais de vós accorrerem, aquella razão tenhamos.

Entonce se arredaram uns dos outros, cada um a sua parte. E depois que el-rei houve seu acordo com estes fidalgos fez chamar os outros, e perguntou a Fernão Sanches, que era o que haviam acordado?

—Senhor, disse o almirante, o que a mim e a estes alcaides sobre esta rasão parece é esto: que melhor seria pelejar com esta frota no mar de foz em fora que aqui dentro no rio. A razão porque é esta, ou assim é, que a sua frota vem bem armada, ou não, senão já vem vencida. Se bem armada vem, nós iremos melhor que elles; poer-nos-hemos traz a Berlenga, e d'ahi iremos pelejar com ella, e entendemos com a mercê de Deus, e nossa boa ventura, de a vencermos sem nos escapar nenhuma d'ella. E se pelejarmos aqui no rio, ainda que com

todos elles aferremos, podem-se ir alguns saindo. Demais que tem ante a villa algumas naus e barcas, que podem bem armar e em sua ajuda vir, e poder-nos-hão fazer mui grande estorvo, porém de nosso conselho é de todavia pelejarmos com elles de fora.

— E vós Pero Afan, disse el-rei, que é o que vos parece?

—Parece-me, senhor, disse elle, que melhor é pelejarmos com a frota dentro aqui no rio, que no mar de foz em fora, e esto por muitas razões. Principalmente estamos em tempo que os aguiões reinam muito n'esta terra, querendo ir ao mar não poderão ir as naus egual com as galés, e posto que egualmente não podiam ir senão a barlavento, porém convinha que se espalhasse a frota, e não poderia ser toda junta, o que a nós cumpria, cá elles virão todos juntos, porque trazem o vento por si, e como nos achassem andar espalhados por hi poder-nos-hiam tomar um e um, e ainda que nós fossemos juntos, e quizessemos em elles aferrar, pois que elles trazem o vento comsigo, cortar-nos-hão todos até o mar. Maiormente, que vem em ella mui bons mariantes, e bem sabedores da guerra. E por estas razões seria melhor, e mais seguro, pelejarmos com ella no rio, que de outra guisa, cá nós fariamos prestes nossas naus mui bem, e poer-nos-hemos além de Restello, e as galés todas traz nós, e des-ahi desfraldaremos logo sobre elles, e o vento que elles trazem por si, ficaria entonce por nós, e entonce pelejariamos com ella, e com ajuda de Deus e nossa boa ventura os desbarataremos sem duvida nenhuma, e caso que d'outra guisa fosse, o que Deus não queira, a terra d'além é nossa, d'aquem isso

mesmo, a qualquer parte que fossemos, acharíamos ajuda em caso, e poderiamos achar gentes d'armas e quanto houvessemos mister.

— Certamente, disse el-rei, esse é bom conselho e esse é o acordo, que eu e estes fidalgos houvemos.

— Em verdade, disse entonce Fernão Sanches, esto parecerá mui grande covardice estardes vós aquí com toda a vossa hoste e frota, e não sahirmos nós fora do rio pera lhe darmos sequer uma saudação de tiros. Mandae senhor por mercê, se quer que sahiamos até Cascaes. Esta razão de vantagem que se por nós poder haver, do vento que elles trazem por si dentro aqui em o rio, ella a mesma haveremos em Cascaes, e muito melhor ainda, como quer que deem lá conselho, nós todavia esguardal-os iriamos dentro em o mar.

— E ponhâmos, disse el-rei, que acontece tal Norte, que dentro em este mar fossem desbaratados, que fareis entonce?

— Quando essa cousa fosse, disse elle, o que Deus não quizesse, viriamos a grande pressa nas galés por gentes que vós tereis prestes pera favorecer a frota.

— Almirante, disse el-rei, o vosso dizer é mui bom, mas o lutador que uma queda dá uma vez, de mámente torna por outra, e vós depois que uma vez começaes a ser necessitados, de mámente tornareis lá. Porém, melhor é pelejar com ella dentro do rio, que d'outra maneira; eu terei tantas gentes prestes, que se tal cousa cumprir, que logo sejam dentro em barcas e bateis.

— Senhor, disse Pero Afan, quanto a nós assim parece, porque em qualquer guisa que nos avenha,

melhor podemos ser ajudados de perto que de longe.

— A mim disse el-rei, me praz e mando que assim se faça.

CAPITULO CXXXI

Das razões que Pero Fernandes de Valhasco disse, porque não era bem que a sua frota pelejasse com a de Portugal, e do que el-rei respondeu sobre ello.

ACABADAS estas razões, e o conselho havido, como já é dito, alçou-se Pero Fernandes de Valhasco, e poz-se de giolhos deante el-rei e disse em esta guisa:

— Senhor, nós havemos tomado conselho e acordo de pelejar com a frota de Portugal aqui em o rio, ante que de foz em fora, pero contra vontade do almirante e d'esses alcaides que com elle vieram, o que a mim parece que não é de fazer grão força de pelejar com ella, mais em um lugar que em outro, pois que d'ambas as partes são dadas tão boas razões que cada um entende d'haver em sua ajuda. E porém onde quer que vossa mercê fôr de se fazer, alli é bem que se faça, sem mais rezoado sobre ello. Mas pelejar com ella todavia ou não, a esto digo a vossa mercê, e sob reverencia vossa e de quantos aqui estão, que tal conselho não é assim bom, que outro melhor não possa haver por algumas razões segundo a mim parece, vós, se-

nhor, que entendeis que pelejando com esta frota e vencendo-a que por aqui venceis, e cobraes todo o reino, e a cousa não é assim, porque em ella vem boa parte de fidalgos de Portugal, e outros escudeiros, e cidadãos, ainda de homens de baixa maneira muitos, os quaes hão grande divido com esta cidade, e com todo o reino por parentes e criados especiaes amigos, e morrendo elles aqui, ficamos sempre em homizio com todos seus divídos, que póde ser que terão grão parte das fortalezas do reino; e vendo elles como vós haveis mortos seus filhos, e irmãos e parentes e senhores, porque foram feitos não querem obedecer, e sempre vos farão nojo e desserviço em qualquer guisa que poderem. Ainda que vos senhoreeis dos corpos, nunca jamais podereis cobrar os corações d'elles, nem seu amor, que é a melhor cousa que o rei póde haver quando se quer assenhorear de algum reino novamente: ca d'outra guisa pouco prol é ao senhor, haver os corpos dos vassalos, se d'elles não ha os corações, pois não lhe havendo a sã vontade, nunca sereis senhor da terra em socego e paz, como a vós cumpre. A segunda vós dissestes que cuidaveis que Nuno Alvares vem na frota, com tantas gentes d'entre Tejo e Odiana, em que parece que ella vem bem armada e tantos por tantos, e pouços mais, não ha vantagem nenhuma, senão ha bom mestre, que é muito a ventura, a quem a Deus quizer dar, o que é mui duvidoso até que seja visto. E demais é de cuidar, que elles todos vem de um coração pera morrer ou viver, posto que sejam vencidos. E elles farão tal mortandade na vossa gente ante que o sejam, que esto seja a vós mui grão nojo e desserviço, e perda grande do reino de Castella, se elles vences-

sem, que é cousa que pode acontecer, entonce seria muito peor perda e nojo e grão quebrantamento de vossa gente, e esforço grande da sua. E porém de todas estas cousas vós escolhereis o mais seguro. Parece-me que seria melhor de tratardes boa avença com o Mestre, em guisa que elle ficasse grande na terra, e vós senhor do reino, antes que pelejardes com a frota, nem se fazer mais outra guerra, pois que elle está em tempo, que é de cuidar que trataremos com elle a vossa vontade. E por esta guisa assegurareis melhor os corações d'elles todos, e não os movereis contra vós mais d'aquillo que está aceso.

E el-rei disse que tal conselho não havia de tomar nem mover ao Mestre nenhuma preitezia, que bem via elle, que a mór parte dos logares e fidalgos de Portugal tinham sua voz, e eram da parte da rainha sua mulher. E que mostrava mingua, e grão covardice quem taes avantagens tinha por mar e por terra sobre o Mestre, mover nenhuma avença, nem outra preitezia, mas pelejar todavia com sua frota, e continuar seu cerco sobre ella, até que a tomasse: que o reino por direito lhe pertencia. E, se n'este logar alguns escrevem, que el-rei respondeu que já lhe el-rei cometera muitas preitezias, assignando como e porque guisa, e a resposta que o Mestre dava, tal escriptura havei por patranha, e não lhe deis fé, por ser mui contraria da verdade.

Porque manifesto é que el-rei até este tempo nunca lhe cometeu nenhuma avença, nem tinha razão de lh'a cometer, ante havia por escarneo a voz que tomara por elle a cidade, tendo que cedo se havia de perder de todo elle e quantos tivessem sua voz.

CAPITULO CXXXI-A

Como a frota do Porto chegou a Cascaes, e da maneira que o Mestre lhe mandou que tivessem.

Depois que el-rei teve determinado de pelejar a sua frota dentro no rio, como dissemos, mandou duas galés de foz em fóra como por atalaya, e estivessem ali aguardando por lhe trazerem novas como vissem a frota de Portugal vir, e jazendo as galés fóra sete leguas da cidade, onde se chamava Matapalombas, a frota de Portugal pareceu juntamente assim como vinham. A qual eram dezesete naus e dezesete galés, como ouvistes.

As duas galés como a viram, vieram logo dar novas a el-rei de Castella, e isso mesmo aos da sua frota.

E quando deram nova aos seus que a frota de Portugal parecia, toda a chusma das galés se levantavam em pé, e esgrimiam espadas nuas e outras armas, e outros muitos apupos e alaridos, e fazendo grandes alegrias cuidando que se no outro dia havia de vencer a frota, e tanto que a vencessem que logo a cidade era tomada. E esto seria pouco mais de uma hora ante sol posto.

Os da cidade viram os da frota fazer taes alegrias, mas não sabiam porque era tamanha lédice. E em esto chegou a frota a Cascaes esse dia, depois de comer, que era domingo dezesete dias de junho da era já nomeada.

A frota pouzada em aquelle logar, que eram

cinco leguas da cidade, houveram acordo os capitães d'ella que maneira teriam em sua entrada, e isso mesmo na peleja que havia de ser. E uns diziam que porque el-rei de Castella tinha muitas gentes, e muito maior frota, porque a elles lhe não cumpria arredar-se pelo mar, por quanto hi vinham muitos homens que haviam em uzo, que poderia ser que os trovaria, e seguindo os das naus de Castella, voltariam sobre ellas, e esto lhe daria grande vantagem pera os vencer. E esto e outras muitas razões falaram uns com os outros, mas nenhuma determinação de se fazer.

E houveram acordo de mandar um batel muito ligeiro ao Mestre, que lhe trouvesse novas como estavam alli, e que maneira lhes mandava que tivessem em sua entrada, e que encaminhasse de os ajudar.

O batel partiu de noite muito remando, e com bons pavezes, vindo acerca da terra de Almada, por os da frota não haverem d'elle sentimento, e vinha em elle pera fallar ao Mestre João Ramalho, mercador do Porto e bem rico, e bem atrevido no mar, e chegou a Lisboa alto serão, e disse ao Mestre como a frota estava em Cascaes e as horas que chegaram, e que vinha saber como era sua mercê de fazer em outro dia.

O Mestre o recebeu mui bem, e folgou muito com estas novas, e quantos hi eram presentes, e entonce entenderam todos a alegria que os das galés de Castella mostravam era por azo da vinda da frota, e quando o souberam que parecia, entonce se apartou o Mestre pera uma camara com elle, e perguntou-lhe por a frota como vinha armada, e de que guisa ?

E elle respondeu que as galés vinham bem armadas, mas que as naus d'ella vinham comunalmente, e outras mingoadas de homens d'armas. E que a razão porque as galés vinham bem armadas, era porque o conde D. Gonçalo vinha por capitão d'ellas com muitos bons escudeiros, e o Mestre pezou-lhe muito por esto, porém disse a João Ramalho:

— Vós fareis por esta guiza; eu tenho aqui muitas barcas grandes, que mandei carregar, e todas com bandas á guiza de fustas, e algumas naus e barcas que aqui jazem, as quaes de manhã serão todas bem prestes, e pois o vento é bom, e bem de viagem, partireis logo com a maré: as galés todas ao longo do rio, e as naus acerca d'ellas da parte d'Almada, mais acerca que poderdes, e não cureis de pelejar nenhuma cousa, mas vinde-vos todos ante a cidade, e entonce fornecerei as naus de boa gente, e isso mesmo armaremos estes navios e barcas que aqui estão e todas juntamente, e eu comvosco iremos pelejar. E se por ventura as naus de Castella aferrarem com alguns de vós, defendam-se em tanto o melhor que poderem, e eu terei os navios com gentes assaz com que vos acorra, ou por ventura me achareis no mar, e por este modo seja vossa vinda.

Entonce se espediu João Ramalho, e tornou ao batel sem sendo sentido de maneira da frota, nem d'outro estorvo que houvesse.

CAPITULO CXXXII

Como foi sabido por a cidade que a frota vinha, e; do que as gentes por ello faziam.

Como se João Ramalho espediu do Mestre, pero fosse já alta noite, logo foi sabido pela cidade como viera recado da frota que jazia em Cascaes, e que em outro dia havia de entrar e pelejar com a frota de Castella, e quando soou foi sabido por toda a cidade; de quanto cuidado e esperança foram cheios os corações dos moradores d'ella, não é leve de dizer.

E elles haviam grande prazer, tendo esperança que pelejando sua frota com a de Castella e vencendo-a, que ficaria a cidade d'essa banda da parte do mar desabafada e poderiam haver mantimentos por elle, do que eram muito minguados, e vencida a frota por força gançarem grão parte d'ella, pela qual razão viria tal perda aos castellãos que por ventura seria azo d'el-rei de Castella descercar a cidade. D'outra parte haviam temor e receio quando consiravam que a frota de Castella era muito mais que a sua, e armada de muitas e boas gentes, e grande ajuda que podiam haver do arraial d'el-rei, que tão perto tinham, se lhes cumprisse. E sendo a frota de Portugal vencida, a grande perda que todos de mais haviam de perder, e filhos e maridos e d'outros seus parentes que pereceriam por morte.

Além d'esto outro mui grande mal que lhes era prestes s. a cidade posta em tão grande pressa e

angustia, que não sómente de todo perdiam esperança de sua defensão, mas ainda acontecendo-lhe tal cousa, de em breves dias cahirem por força nas sanhosas mãos de tão mortaes inimigos por uzarem d'elles a seu livre talante, e estes tão fortes cuidados os fez levantar todos, assim homens como mulheres, e não poderem mais dormir.

E fallando das janellas uns aos outros assim n'esta cousa, como na peleja do seguinte dia, começou-se de gerar por a cidade um grande alvoroço de falla, o qual durou por grande espaço, e foi azo de cedo tangerem ás matinas, maiormente em noites pequenas.

Em esto começaram as gentes de se ir ás egrejas e mosteiros com candeias acesas nas mãos fazendo dizer missas e outras devoções, com grandes preces e muitas lagrimas.

Oh! qual estado e modo de viver era entonce izento d'este cuidado?

Certamente nenhum, porque não sómente as leigas pessoas, mas ainda os outros religiosos todos, eram postos sobre grande supito de tal pensamento.

Porque como assim seja que do vencimento ou do seu contrario, cada um esperava receber parte, qual seria o peito tão duro de piedade, que não fosse amolentado com maviosa compaixão, vendo as egrejas cheias d'homens e de mulheres, com os filhos nos braços, todos bradando a Deus que lhe acorresse e que ajudasse a casa de Portugal?

Certo nenhum, salvo se fosse não lidimo portuguez, e assim gastaram boa parte da noite até manhã, uns em lagrimas e devotas orações, e outros em se corregerem e fazerem prestes pera os inimigos.

CAPITULO CXXXIII

Como algumas naus pelejaram com as de Castella, e foram tomadas tres dos portuguezes.

Mui pouco dormiu o Mestre aquella noite, nem as gentes da cidade, como dizemos, mas como foi alta manhã, bem cedo ouviu suas missas e veiu-se á ribeira com muitos que aguardavam pera armar os navios e barcas, com que havia de acorrer a frota, e em se metendo as gentes em ellas, e o Mestre querendo entrar em uma nau, nasceu entre elles uma doce contenda.

Os da cidade diziam ao Mestre que se não metesse em nenhum navio, que não era cousa pera consentir de se elle aventurar a tal perigo, e poer sua salvação em duvida, mas que elles iriam pelejar com os inimigos que elle ficasse na cidade, e não os desamparasse.

E o Mestre disse que lhe tinha muito em serviço seu bom desejo, e fiel bemquerença, mas que em nenhuma guisa do mundo elle não ficaria na cidade, mas por sua pessoa seria sempre na peleja, e que fiava em Deus que sahiria d'ella com muita sua honra e de toda a cidade, e do reino de Portugal, e elles quando viram que se al não podia fazer, disserem que fizesse como sua mercê fosse.

E fazendo esto assim, a frota d'el-rei de Castella que eram quarenta naus, todas meteram as vergas e forneceram-se de muitas e boas gentes. E porque a maré vazava e o vento era calma, levaram as galés

as naus grandes até as outras mais pequenas os baixeis por d'avante, e foram-se todos a Restello o velho, que era d'ahi a uma pequena legua contra onde a frota havia de vir. E pozeram-se todos em ordem com as proas pera terra de Almada e cada uma sem proer em terra, pera guiarem com a maré, e assim estava ordenada sua batalha. E mais mandou el-rei gentes d'armas e cavallo acerca dos muros de Santo Agostinho e de S. Vicente de Fóra, por serem os da cidade occupados em acudir aquella parte, e não ajudarem aos da frota desembargadamente.

Ora assim foi que sendo pouco mais de hora de terça, e enchendo já a maré, pareceu a frota de Portugal pela ponta de S. Gião, que são tres leguas da cidade, e vinha ordenada d'esta guisa:

Vinham cinco naus deante: em a maior d'ellas, que chamavam a Milheira, vinha Ruy Pereira com sessenta homens d'armas e quarenta bésteiros comsigo, e em outra que chamavam a Estrella, Alvaro Pires de Figueiredo, e em outra Pero Lourenço e Ruy Lourenço de Tavora e assim nas outras seus capitães, assim como Gil Vasques e Lopo Vasques da Cunha, e João Rodrigues Pereira e Lopo Dias de Castro, e Nuno Viegas e Gonçalo Eanes do Valle e outros, mas estes quatro nomeamos porque estes sós aferraram. Depois d'estas cinco naus vinham as galés todas juntas apavezadas e penduadas, e traz as galés vinham doze naus, e a viração ventava tendendo ao longo do rio, muito de viagem pera poderem entrar. E Ruy Pereira, barão bem notavel, em que abundava maravilhoso e ardido coração, quando viu as naus de Castella estar cerradas em terra, como dissemos, que ainda não desferiam, não saben-

do a tenção porque, veiu-as demandar mui acerca, e as outras quatro naus com elle. E quando viu que os castellãos não faziam querença contra elles, foi outro bordo contra Almada.

E esto espaço do dia, que até aqui passou, não faziam homens e mulheres, desde que amanheceu, senão correr pera os muros e logares altos por terem logar de verem a peleja. Vinham-lhe á memoria seus padres e irmãos que alli traziam, batendo nos peitos, ferindo os giolhos em terra rogando a Deus, chorando que os ajudasse, induziam as madres aos innocentes parvos que tinham nos collos, que alçassem as mãos ao ceu ensinando-lhes como dissessem que prouvesse a Deus de ajudar aos portuguezes. E outros fazendo seus votos por desvairadas maneiras, chamando a preciosa Madre de Deus e o Martyre S. Vicente que fossem em sua ajuda.

D'outra parte o Mestre e toda a gente da cidade era ocupada em se fazer prestes pera entrar nos navios e barcas que haviam de armar pera acorrer á sua frota, de guisa que não sómente os homens mancebos mas velhos, as cabeças cobertas de cans, se guarneciam d'armas pera pelejar.

Entonce entrou o Mestre em uma formosa nau, que fôra das que tomaram com os panos dos genovezes que dissemos, e entraram com elle bem quatrocentos homens d'armas. E porque a nau não era alastrada e a gente entrou mais do que devera, não podia reger como cumpria. Nos outros navios se meteram tantas gentes, e isso mesmo nas barcas bandadas, que se queriam entornar com ellas.

Uma barca em que ia Gonçalo Gonçalves Borges desferio por fazer viagem pera Restello, e o vento

contrario a levou por força caminho de Santarem, e assim fez outra em que ia Mem Rodrigues de Vasconcellos.

O Mestre quizera tambem fazer vela, e vendo o mar e vento contrario e que era muito peor desferir, sahiu-se em terra, e as gentes com elle. E as barcas eram navios pequenos e não podiam empecer aos grandes, e maiormente por tempo contrario a ellas desarmaram-se com os navios.

Ora fazendo a nau de Ruy Pereira e as outras aquelle bordo que dizemos, contra Almada, e vindo as galés de Portugal todas a remos em estala, e em direito da frota dos inimigos, e vendo os castellãos que já as poderiam ter de julavento, desferiram todas assim como estavam, pera ir sobre ellas; das quaes a primeira que fez vela, foi uma nau que chamavam de João da Rena, que tinha um batel a meio mastro fornecido de homens d'armas.

Ruy Pereira quando viu que as naus que iam sobre as galés, que refrescava cada vez mais, temendo que lhe fariam damno pelas empachar, mais com avizamento que com sandia uzança, como alguns disseram, se fez em outro bordo, e veiu aferrar com João da Rena, e aferraram com tres naus, cinco de Castella e um carracão, e empacharam-se as guarnições de umas com as outras de guisa que iam todos em uma massa pelejando seu muito devagar e bem sem piedade, e assim os lançou a maré fóra com a maré e vento contrario ás barrocas de Almada a par de Cacilhas. E este aferramento, que Ruy Pereira fez com as naus, deu grande ajuda ás galés de Portugal, porque as primeiras naus de Castella quizeram dar pelas galés, e emquanto Ruy Pe-

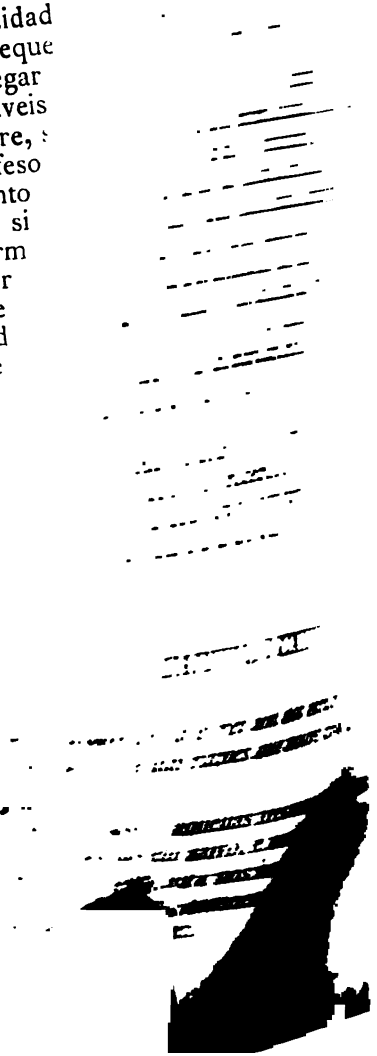
reira aferrou e se empacharam com ellas, passaram as galés, que nenhuma das outras naus lhe poude empecer nem chegar, mas cruel fortuna, havendo grande espaço que durava a peleja, azou em Ruy Pereira quanto um valente e ardido cavalleiro podera pelejar, alçou a cara do bacinete, que não podia bem sofrer, houve uma virotada pela testa, de que em pouco espaço lançou aquelle fidalgo o espirito que tão cedo não houvera de fazer fim.

O' nobre e valente barão, verdadeiro portuguez de quantos entonce foste prasmado, dizendo que por tua sandice e ardileza, que poderas bem escusar a peleja, e te vêr em salvo com as outras naus, te offereceste a tão mortal perigo. Porém não foi assim, mas como fallaria o commum povo dizendo que assim como Jesus Christo morrera por salvar o mundo todo, assim Ruy Pereira por salvação dos outros. De cuja morte o Mestre e toda a cidade, tiveram grande sentido.

As doze naus que iam de traz, vinham-se quanto podiam pera a cidade e as de Castella todas traz ellas, mas não lhe podiam fazer nojo por o muito vento que traziam. A nau em que vinha Alvaro Gonçalves de Sá ferrára quando se começara de vencer, e seguiam-na aferrando em ella cinco galés, fazendo muito pela tomar, especialmente onde chamam a Cuba, por azo do vento que lhe encalmava emparando-a a altura da terra, e aficavam-na tanto com as béstas, que toda a nau e o timão e os apparelhos eram cheios de virotões, de guisa que parecia estranho de vêr. E como se a nau houve fóra da sombra d'aquelle monte, sahiu-se das galés com a maré e vento que trazia, e escapou e foi-se em salvo. O' que formosa cousa era de vêr em tão pe-

Em este comenos o povo da cidad
dos outros cuidados, não com peque
grandes despezas, faziam carregar
quaesquer cousas, que convinhaveis
manho negocio e serviço do Mestre,
não criam o reino, poder ser defeso
cada um de poer em obra quanto
sejava de fazer, houveram entre si

Que pois ás galés já eram arm
se vinham ajuntando pera entrar
sem em tanto correr a costa de
do como se partissem, foi-lhe d
certos dias, e iam nas galés de
os que de lá vieram com ellas
lé real, em que fôra Gonçalo
que esta ia o conde D. Pe
todos obedecessem. E na g
ta Anna, ia Gonçalo Vas
Martins seu irmão, que d
na Bemaventurada. E Af
mavam Santa Clara. F
que diziam Santa Joar
mendador, em outra
Manuel, filho de Lar
foi morto em Beja,
Rodrigues Guada
Antão Vasques e
Pires de Camõe
como de Lisbo
E correndo a
a Bayona d
e por lhe n
trocentos
Depois



El-rei mandou que levassem ante elle alguns d'aquelles que hi foram tomados, que não fosse refece pera os que foram enviados por esto.

Como chegaram á ribeira viram vir em um batel com os outros que o traziam a terra Vasco Leitão, que era um dos bons escudeiros que alli vinham, e disseram que aquelle abastava pera dar novas a el-rei do que sua vontade desejava saber. Levaram-no entonce ante el-rei, e a primeira cousa que lhe perguntou foi se vinha Nuno Alvares n'aquella frota? E elle respondeu que não. E entonce lhe perguntou quaes vinham nas galés e nas naus? E elle os nomeou todos por nome e da guiza que pelejaram, e como fôra morto Ruy Pereira, e outras cousas que a esto pertenciam. E em fallando assim com el-rei, vinha a rainha pera uma camara por acerca d'onde el-rei estava, e Vasco Rodrigues, quando a viu, foi-lhe beijar as mãos, e ella que o bem conhecia, porque era criado de Gonçalo Vasques d'Azevedo, disse a Vasco Rodrigues:

— Aqui vós sois?

— Aqui senhora, disse elle, á mercê de Deus e á vossa.

Passou entonce a rainha, e ficando elle assim tornou-se a onde el-rei estava, e el-rei sorrindo-se contra elle disse:

— Ah! horomala, que bom beijar de mão este. Vem com a lança na mão contra sua natural senhora pera lhe fazer perder o reino que é seu de direito, e beija-lhe as mãos em modo de escarneo. Não haveis vós mister senão que vos cortassem os beiços e a lingua por tal beijar de mão qual fizestes.

— Senhor, disse elle, não nol-o dizem a nós as-

queno espaço atravez de um tão estreito rio vêr cincoenta e sete naus e trinta galés, armadas todas e bem corregidas, com desejo de empecerem umas ás outras. O' que dia de tanto cuidado e maiormente dos que na presente peleja tinham grão parte da sua esperança, porque uma cousa julgava o desejo, e outra ordenava a ventura.

As galés de Castella não poderam alcançar as de Portugal, nem ellas não quizeram aferrar com ellas, porque cada uma galé de Castella trazia atraz de si uma nau fornecida de gente d'armas pera lhe socorrer, quando tal cousa cumprisse, nem aferraram outras naus, salvo as que dissemos, de que foram tomadas tres de portuguezes, e mortos alguns de uma parte e da outra, e os outros todos prezos e feridos boa parte d'elles.

O Mestre andava pela ribeira armado, a pé com muitos comsigo, recebendo bem a gente da frota, a qual se lançou junto com terra des as tercenas até a porta do mar, e a de Castella se tornou pera Restello.

CAPITULO CXXXIV

Como trouveram a el-rei um dos escudeiros que foram presos, e das razões que houve com elle.

TOMADAS assim aquellas tres naus e as outras todas postas em salvo, e os castellãos começaram de poer fora nos bateis os portuguezes que n'ellas acharam, tambem os feridos com que nenhum cajão houveram.

El-rei mandou que levassem ante elle alguns d'aquelles que hi foram tomados, que não fosse refece pera os que foram enviados por esto.

Como chegaram á ribeira viram vir em um batel com os outros que o traziam a terra Vasco Leitão, que era um dos bons escudeiros que alli vinham, e disseram que aquelle abastava pera dar novas a el-rei do que sua vontade desejava saber. Levaram-no entonce ante el-rei, e a primeira cousa que lhe perguntou foi se vinha Nuno Alvares n'aquella frota? E elle respondeu que não. E entonce lhe perguntou quaes vinham nas galés e nas naus? E elle os nomeou todos por nome e da guiza que pelejaram, e como fôra morto Ruy Pereira, e outras cousas que a esto pertenciam. E em fallando assim com el-rei, vinha a rainha pera uma camara por acerca d'onde el-rei estava, e Vasco Rodrigues, quando a viu, foi-lhe beijar as mãos, e ella que o bem conhecia, porque era criado de Gonçalo Vasques d'Azevedo, disse a Vasco Rodrigues:

— Aqui vós sois?

— Aqui senhora, disse elle, á mercê de Deus e á vossa.

Passou entonce a rainha, e ficando elle assim tornou-se a onde el-rei estava, e el-rei sorrindo-se contra elle disse:

— Ah! horomala, que bom beijar de mão este. Vem com a lança na mão contra sua natural senhora pera lhe fazer perder o reino que é seu de direito, e beija-lhe as mãos em modo de escarneo. Não haveis vós mister senão que vos cortassem os beiços e a lingua por tal beijar de mão qual fizestes.

— Senhor, disse elle, não nol-o dizem a nós as-

sim, mas fazem-nos entender que esguardando o fundamento d'esta guerra, e como entrastes no reino ante do tempo que nos contratos era posto, e britastes as cousas que em elle eram conteudas, perdestes o direito que em elle havia, que nós fazemos razão e o que devemos em defender nossa terra, terra pois nol-a d'esta guisa quereis tomar.

Pero Fernandes de Valhasco e outros cavalleiros que alli estavam, quando esto ouviram a Vasco Rodrigues disseram entonce contra el-rei:

— Tomada ella senhor que vos dizem? esto é o que vos nós dissemos por vezes no conselho, e não foi ouvido, e fizestes o que foi vossa mercê.

Fallando em esto tiraram o escudeiro d'ante elle, e levaram-no pera os outros prisioneiros que saiam das naus. E taes hi houve que foram depois remidos e dados por outros, e d'elles fugiram e se vieram pera a cidade, e outros foram levados nas galés pera Sevilha.

CAPITULO CXXXV

Como não pelejou mais a frota com a de Castella, e como el-rei mandou combater Almada.

Tendo o Mestre sentido e cuidado de favorecer sua frota d'antes pera pelejar com a de Castella, por as razões que já são tocadas, começou com os da cidade de ordenar por sua defensão e ajuda todo o que viu que cumpria a tão grande feito, e as contrarias cousas que acontecer podiam

leixar em mão da ventura, esperando tempo azado pera se esto poer em obra, sobreveio a el-rei de Castella mais frota da que tinha a s. vinte e uma naus e tres galés armadas, não havendo ainda uma semana que a peleja das outras naus fôra. Assim que tinha el-rei por toda sua frota sessenta e uma naus, afóra as carracas, e dezeseis galés e uma galeaça, as quaes mandou lançar ao longo da cidade des Cataquefaraz até a porta da Cruz, segundo a ordenança que tendes ouvido.

E vendo o Mestre a desegualança da frota e as grandes avantagens que el-rei tinha em similhante feito, começou cessar em este comenos, havendo já acerca de dois mezes que a villa d'Almada era cercada desde aquelle dia que Diogo Lopes foi preso como dissemos. Era o logar aficado de combates que lhe davam seus inimigos da parte da terra, onde tinha seu alojamento, ca da outra do mar nenhuma cousa lhe podia empecer pela grande altura do monte, salvo tolher a agua que lhe vedava. O qual lhe foi maior guerra que outras armas, nem cavas nenhumas, nem nenhuma poderosa bombarda com que lhe fizessem alguns tiros, de guisa que os que dentro eram, que então tinham voz pelo Mestre, compeçaram de gostar cousas asperas de sofrer, as quaes é bem que em breve saibaes, pois ainda não foram tocadas.

Onde assim foi, que como a frota de Castella veiu sobre Lisboa, os moradores do logar se acolheram todos ao castello em dois bateis bailheiros, em que ás vezes levavam mantimentos á cidade, quizeram-nos as galés tomar em terra sobre o castello onde estavam em cerco, e pelos defenderem aquella hora foram muitos feridos, e não os pode-

ram levar, e depois os queimaram os do logar por os não levarem os castellãos.

Na villa havia assaz de gente que a podesse defender d'outros estrangeiros que se acolheram a ella, que se vinham lançar com o Mestre, e não poderam por azo da frota, e d'elles tinham mantimentos de pão e vinho e carnes e d'outras cousas pera seis mezes, mas não havia outra agua, salvo d'uma pequena cisterna, e sobre esta foi posta grande guarda, dando a cada pessoa cada dia uma canada, mais não.

E não embargando isso, os da villa sairam fóra a esperar os castellãos em certos passos, os quaes iam á forragem pelo termo, e a Cezimbra, matavam d'elles, e feriam em tanto, que já não ouzavam de ir, senão muitos juntos. E assim esperavam os que iam nos bateis a Arrentela e assim a roubar, de guisa que um dia mataram mais de trinta em uma lama, querendo-se acolher aos bateis não sabendo o porto.

Esta saida e tornada, quando queriam era por a porta da Barroca, que chamam Mejão frio, que é contra o mar, e sendo muitas vezes combatida, e não lhe podendo fazer cousa de que nojo recebesse, mandou el-rei que lhe fizessem uma cava sob a terra, a qual começaram de longe, que ia direita a uma alta torre que está sobre a porta do castello, pera a poerem em campo, e com fogo a derribar, segundo se costuma. E os de dentro souberam d'ello parte, onde os castellãos cuidavam que ia o alto por sobre a terra, foram sair com a boca da cava á alcaçova da barbacan, que os de dentro tinham já acabada, muito mais alta do que ante era.

Ahi pelejaram uns com os outros, e foi morto o

mestre d'ella, e alguns feridos de uma parte e da outra, de guisa que se não poderam d'ella mais aproveitar, o qual hoje em dia parece e podem vêr.

El-rei houve grande menencoria quando isso soube, e por seu corpo passou á dita villa com parte de suas gentes e capitães, pera a fazer combater á sua vontade. E mandou que lhe fizessem no campanario da egreja de Santiago, que é perto do dito castello, um cadafacens forte de mandeira, d'onde elle visse toda a villa como se combatia. E quando foi o dia do combate, poz-se em aquelle cadafacens, e fez a toda a gente combater o logar todo arredor da parte da terra, porque do mar não podia ser, por a grande aspereza da altura do monte, e foi combatido com gente d'armas e de pé, e tiros e béstaria, e fundas de demogrillas e mantas, e outras artelherias de combate, desde hora de terça, até depois do meio dia.

Os da villa sentindo que el-rei estava n'aquelle cadafacens, como quer que d'elle não haviam combate, salvo das sétas, ordenaram de lhe tirar um tiro. E el-rei enfadado que se partia pera comer, sendo na egreja, desparou o tiro e deu no cadafacens e matou dois homens e feriu tres, e mandou el-rei afastar as gentes e não combateram mais por aquella vez; e foram mortos e feridos alguns castellãos, um filho de João Lobato e outro de João Gomes, os filhos de Domingos de Santarem, e outros feridos de pedras e sétas, porque dos tiros que os inimigos queriam deitar dentro não recebiam damno, por quanto todos passavam e iam dar na agua por azo da estreitura do logar. Depois mandou el-rei levar uma bombarda que pezava mais de cinco quintaes.

A primeira pedra que lançou foi muito baixa e não fez nojo, e ao segundo tiro não empeceu nada, quebrou de tal guisa que não poude mais aproveitar.

Vendo el-rei que se não queriam dar por nenhuma guisa, prometeu de nunca preitejar com elles, mas que todos andassem á espada, e leixou sobre o logar Pero Sarmento e João Rodrigues de Castanheda, com gentes com grande abundancia, e mandou que os combatessem cada dia, e ordenou de senão partir d'alli.

CAPITULO CXXXVI

Das cousas que passavam os de Almada por mingua d'agua.

TORNANDO-SE el-rei pera seu arraial jurando e prometendo que nunca lhe dessem vagar de serem combatidos, até que por força fossem entrados, sem nenhuma preitezia.

Onde sabei que dentro na villa eram uns quarenta cavalleiros, afora bestas de serventia, e quando a agua foi minguada, houveram conselho de não darem de beber ás bestas, e foi tanta a sede d'ellas, que alli onde mijavam os homens, iam as bestas chuchar, e comiam aquella terra molhada.

Então ordenaram de as lançar fóra por as não verem morrer, e por os castellãos se não prestarem d'ellas, lançavam-nas todas pelas cabeças afundo contra o mar.

Cada um lançava as suas, e assim foram todas mortas por a mingua d'agua que não tinham, e amassavam o pão com vinho, e coziam a carne e o pescado, e comiam o pão em quanto era quente, e como era frio não o podia ninguem comer, e assim outras viandas.

Em esto faleceu a agua da cisterna, e foi-lhe forçado tornar a beber outra muito davorrecer s. que jazia na alcaçova, que chovera na alcaçova, na qual as mulheres ante que fosse cercada lavavam as roupas infundidas e os trapos dos meninos, a qual era muito verde e muito suja, e jaziam em ella bestas mortas, e cães e gatos, que era nojosa cousa de vêr. E de noite sahiam os homens por cordas a furtar aquella agua. E os castellãos quando souberam que d'aquella guisa a tomavam, trabalharam-se de a guardar, e muitas vezes de noite e de dia serem sobre ella mortos e feridos alguns d'uma parte e da outra. E esta agua coziam-na, e cozida a bebiam e amassavam com ella. Depois que esta agua minguou trabalhavam-se d'haver agua do mar e de tinas que tinham postas na ribeira pera apanharem agua doce, e desciam por um caminho que fizeram pela barroca a tomar d'aquella agua, e o primeiro dia a trouveram á sua vontade. E os castellãos como o souberam, pozeram guarda n'ella, e os da villa indo a lá acharam os castellãos que a guardavam, e elles não eram mais de desesete, e dos inimigos eram bem cento, que jaziam escondidos entre os penedos, e pelejaram sobre a agua e foram mortos tres portuguezes e os quatorze muito mal feridos de sétas e dardos, e não levaram mais que dois odres meios d'agua, e quebraram-lhe as tinas. E em esto morria já a gente com sede, assim

homens como mulheres e moços pequenos, e alguns que se a ella acolheram, e lançaram-se fóra da villa de noite e fugiam por buscar suas vidas, e faziam do logar toda a noite almenaras, porque lhe davam a entender o grande aficamento em que eram postos, que d'outra guisa lh'o não podiam fazer a saber.

Sendo assim cercados por mar e por terra, o Mestre e os da cidade bem entenderam seu grande trabalho, mas não lhe podiam prover de nenhuma cousa. Porém o Mestre mandou uma noite uma ligeira barca com um tiro que tirava, e polvora e outras defensaveis armas, e foi por aquecimento á parte onde jaziam bateis de Castella, e foi filhada com armas e presos todos os que levavam. E entonce um cavalleiro gascon chamado por nome Monsen Mone, muito homem de prol e bom homem d'armas, tinha preso Affonso Gallo, que era recebedor da villa, e fôra preso na escaramuça primeira, quando Diogo Lopes Pacheco foi preso.

Este cavalleiro trouve alli preso por uma corda Affonso Gallo acerca do castello, e disse aos de dentro que bem sabiam como aquella villa e todo o reino era de direito d'el-rei de Castella, e que muitos logares do reino se lhe deram e davam, e que elles com perfia não queriam fazer como os outros faziam. Porém fizessem de guisa que não fossem traidores, e dessem a villa a el-rei de Castella, e que lhe faria por ello muitas mercês, e que elle traria perante elles aquelle Affonso Gallo que era recebedor da villa, e que fizessem o que elle dizia, senão que era por força do dito Affonso Gallo morrer, e não quizessem vêr sua morte, e dos outros que presos eram: que el-rei mandava matar todos. E os

da villa responderam que bem os poderia el-rei mandar matar se quizesse, mas que a villa não dariam por cousa que fosse, e que se arredassem d'alli com sua honra, e se fossem com seu presioneiro.

E elle perfiando em suas razões, que todavia dessem a villa a el-rei, fizeram prestes um tiro pequeno e tiraram-lhe dentro as ameias, e foi tal sua ventura, que deu com elle morto em terra, e ficou Affonso Gallo vivo em pé, de cuja morte el-rei houve grão queixa, jurando que todos haviam de morrer pela espada.

CAPITULO CXXXVII

Como os de Almada deram a villa a el-rei de Castella.

Sendo os de Almada em tão grande pressa por mingua d'agua, que haver não podiam, acordaram que mandassem recado ao Mestre, mas não sabiam remedio nem conselho como podessem mandar.

O Mestre isso mesmo, que bem suspeitava as tribulações em que eram postos, desejava muito de saber em que ponto eram seus feitos, e não tinham geito nem sabiam maneira como d'ello podessem haver cumprida certidão. E entonce um homem d'Almada, que viera na frota do Porto, disse que elle levaria recado a nado, se o Mestre o quizesse mandar.

Ao Mestre lhe aprouve muito d'ello e lhe disse

por palavras cousas que lhe dissesse, e mais lhe escreveu por carta o que entendeu por seu serviço, e uma noute chegou aquelle homem á ribeira do Monte, e sahiu por aquelle caminho da barroca, que bem sabia, onde chamam Mejão Frio, e fallando aos do castello, que velavam, espantaram-se quando o viram, e conhecendo-o abriram-lhe a porta, folgando muito com elle. E quando viram que viera a nado, houveram-no por muito, e a conclusão do recado por palavra e escripto, era que lhe mandassem dizer em que ponto eram, e que se tivessem o mais que podessem, e elles lhe fizeram saber quanto haviam passado até alli, que não tinham agua nenhuma, nem sabiam remedio que fazer ás suas vidas. Com este recado se tornou logo de noite a nado.

O Mestre visto seus padecimentos a que se remedio haver não podia, a cabo de tres dias tornou aquelle homem outra vez com recado, em que o Mestre lhe mandou dizer que lhe pezava muito do que haviam padecido, e que pois que assim era, que preitejassem com el-rei de Castella o melhor que podessem, e lhe entregassem o logar. Entonce ordenaram de mandar dois bons homens com recado a el-rei, como queriam ser seus, e lhe darem a villa, porém que primeiro nadou aquelle homem o rio, que é entre Lisboa e Almada seis vezes com levar recados e trazer respostas, e sempre de noite.

El-rei sabia já por um homem dos que foram tomados, que não tinham agua, e que morriam muitas creanças de dia, e que era por força de se darem ou morrerem todos, e tinha vontade de não preitejar com elles, e tal resposta deu aos que lá foram. E havendo tres dias que lá andavam, El-rei não os

queria vêr, e querendo-se tornar, mandou-os chamar a rainha, e com elles pediu a el-rei por mercê, que lhe perdoasse e preitejasse com elles, a el-rei progue d'ello. Foi a preitezia: que lhe segurava os corpos e haveres, e cada um estivesse em sua casa, e fosse senhor do seu, não lhe tomando nenhuma cousa, e assim lhe cumpria os dois dias de trato.

O primeiro dia d'agosto el-rei e a rainha foram em galés a Almada, e foi-lhe entregue a villa, e as chaves d'ella, recebendo-o por seu senhor, padecendo primeiro como dissemos tantas pressas e tribulações, quaes nenhum de Portugal padeceu primeiro por serviço do Mestre em manter sua voz. E el-rei e a rainha comeram dentro na villa, e chamou os do logar, dizendo que lhes fossem leaes, e que lhe faria muitas mercês, e alguns lhe pediram algumas cousas, e elle as entregou, e mandou que os tabeliães escrevessem em seu nome e se chamassem seus, e leixou por juizes os que eram d'antes, e por guarda d'elles as gentes e capitães que ante a tinham cercado, e logo em esse dia se tornou pera seu arraial.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDEX

PAG.

CAPITULO LXX.—Como foram filhados os navios de pescado que vinham de Galliza..... 5

CAPITULO LXXI.—Como o conde de Mayorcas mandou desafiar o Mestre, e como Nuno Alvares respondeu a elle..... 8

CAPITULO LXXII.—Como Nuno Alvares foi atravez de Cintra, á forragem, e alguns capitães de Castella chegaram ao Lumiar..... 11

CAPITULO LXXIII.—Como o Mestre teve ordenado d'ir a Santarem pelejar com el-rei de Castella, e porque ázo se não fez..... 13

CAPITULO LXXIV.—Como a rainha escreveu ao conde D. Gonçalo, seu irmão, que desse Coimbra a el-rei de Castella..... 15

CAPITULO LXXV.—Do que haveiu a alguns da cidade, que sahiram fóra a pelejar com os castellãos..... 17

CAPITULO LXXVI.—Das razões que Nuno Alvares disse ao conde D. Alvaro Pires de Castro e a seu filho, e como o Mestre ordenou de ir a pelejar com os capitães de Castella que estavam no Lumiar..... 19

CAPITULO LXXVII.—Porque se gerou o desprazimento entre a rainha D. Leonor com el-rei de Castella..... 22

CAPITULO LXXVIII.—Como el-rei partiu de Santarem caminho de Coimbra com intenção de a cobrar..... 24

CAPITULO LXXIX.—Como el-rei chegou a Coimbra, e d'algumas cousas que lhe aconteceram..... 25

CAPITULO LXXX.—Das razões que D Beatriz de Castro fallou com Affonso Anriques, e do que elle respondeu..... 28

CAPITULO LXXXI.—Das razões que a rainha houve com o conde D. Gonçalo seu irmão..... 30

CAPITULO LXXXII.—Das fallas que se tratavam entre o conde D. Gonçalo, irmão da rainha, e o conde D. Pedro..... 33

CAPITULO LXXXIII.—Como foi sabido o que o conde D. Pedro queria fazer, e como fugiu e se foi pera o Porto..... 36

CAPITULO LXXXIV.—Das razões que el-rei e a rainha D. Beatriz houveram sobre este feito..... 39

PAG.

CAPITULO LXXXV.—Como a rainha D. Leonor foi levada pera Castella..... 42
CAPITULO LXXXVI.—Do recado que os de Alemquer enviaram ao Mestre, e da resposta que sobre ello deu 43
CAPITULO LXXXVII.—Como el-rei partiu de Santarem, e do conselho que houve se cercaria Lisboa..... 45
CAPITULO LXXXVIII.—Como o Mestre ordenou por fronteiro d'entre Tejo e Odiana Nuno Alvares Pereira..... 48
CAPITULO LXXXIX.—Da bandeira que Nuno Alvares mandou fazer, e do poder que lhe o Mestre deu.... 51
CAPITULO XC.—Das razões que o Mestre disse a Nuno Alvares, e como se espediu d'elle 53
CAPITULO XCI.—De uma sacaria que Nuno Alvares fez pera provar os seus de que esforço eram..... 55
CAPITULO XCII.—De que guisa Nuno Alvares escolheu dos seus os que tomou pera seu conselho..... 57
CAPITULO XCIII.—Como Nuno Alvares mandou chamar algumas gentes, e das razões que propoz a todos.... 59
CAPITULO XCIV.—Da resposta que a Nuno Alvares foi dada, como todos outhorgaram de ser com elle na batalha..... 61
CAPITULO XCV.—Das razões que Nuno Alvares houve com Ruy Gonçalves..... 65
CAPITULO XCVI.—Como Nuno Alvares poz batalha aos castellãos, e os venceu..... 68
CAPITULO XCVII.—Como Nuno Alvares cobrou Arronches e Alegrete..... 73
CAPITULO XCVIII.—D'uma entrada que os portuguezes fizeram por Castella, e do roubo que tomaram..... 75
CAPITULO XCIX.—Como Vasco Porcalho foi lançado de Villa Viçosa por suspeita que d'elle tomaram..... 78
CAPITULO C.—Como o Mestre mandou entregar a Vasco Porcalho o castello, como antes tinha..... 81
CAPITULO CI.—Como Vasco Porcalho prendeu Alvaro Gonçalves por arte..... 83
CAPITULO CII.—Como os portuguezes pelejaram e os venceram, e desbarataram..... 86
CAPITULO CIII.—Como foi livre Alvaro Gonçalves Coitado da prizão, e desbaratados os castellãos que o levavam..... 91

PAG.

CAPITULO CIV.—Como Pero Rodrigues foi acorrer Alvaro Coitado, que o não prendessem os castellãos.... 97
CAPITULO CV.—Como Vasco Porcalho foi correr ao Alandroal, e da preza que tomou..... 99
CAPITULO CVI.—Como Pero Rodrigues da Fonseca lançou uma cilada aos do Alandroal, e do que lhe haveiu 101
CAPITULO CVII.—Como Paio Rodrigues Marinho prendeu Gil Fernandes d'Elvas..... 104
CAPITULO CVIII.—Como Gil Fernandes foi pelejar a Castella, e do que lhe haveiu..... 106
CAPITULO CIX.—Como Gil Fernandes pelejou com Paio Rodrigues Marinho, e foi desbaratado e morto 107
CAPITULO CX.—D'algumas naus de Genova que o Mestre cobrou a seu poder, e como combateu Alemquer, e e não foi tomado..... 110
CAPITULO CXI.—Como o Mestre mandou armar certas galés em Lisboa 113
CAPITULO CXII.—Como foi entregue o estandarte a Gonçalo Rodrigues, e partiu a frota pera o Porto..... 115
CAPITULO CXIII.—Como escaramuçaram os castellãos com os portuguezes, e foi hi preso João Ramires de Arelhano 118
CAPITULO CXIV.—Como el-rei chegou sobre a cidade, e do combate que lhe deu..... 120
CAPITULO CXV.—Como el-rei de Castella chegou sobre Lisboa, e como assentou seu arraial sobre ella..... 124
CAPITULO CXVI.—Porque guisa estava a cidade corregida pera se defender quando el-rei de Castella poz cerco sobre ella..... 128
CAPITULO CXVII.—Como foi tomado Ourem, e preso Diogo Lopes Pacheco e dado por elle João Ramires d'Arelhano..... 133
CAPITULO CXVIII.—Dos capitães que entraram com o arcebispo a correr em Portugal, e como foi preso Fernando Affonso de Samora..... 137
CAPITULO CXIX.—Do conselho que o Arcebispo houve com os seus, e como foi cercar o Porto..... 139
CAPITULO CXX.—Como os do Porto sahiram fóra pera pelejarem com os gallegos..... 141
CAPITULO CXXI.—Como as galés de Lisboa chegaram ao Porto e se ajuntaram as gentes d'ellas com os da villa pera pelejar com os gallegos..... 143